

Baird T. Spalding, cujo nome se tornou lenda nos círculos metafísicos e da verdade na primeira metade do século XX, desempenhou papel importante na apresentação, ao mundo ocidental, do conhecimento de que existem Mestres, ou Irmãos Mais Velhos, que estão ajudando e guiando o destino da humanidade. O sem-número de cartas chegando no correr dos anos, de todas as partes do mundo, é testemunho da tremenda ajuda recebida através da mensagem contida nestes livros.

NOTA DA EDIÇÃO ORIGINAL

Tanto o sr. Spalding quanto o sr. DeVorss (que conheceu o sr. Spalding pessoalmente) faleceram na década de 50. As pessoas associadas ao sr. Spalding nessa excursão também faleceram. Não temos, portanto, contato algum com alguém que tivesse conhecimento de primeira mão com o trabalho, e os próprios livros são agora a única fonte de informação. Pelo que nos consta, não existe nenhum mapa disponível da excursão, e não temos notícia de nenhuma fotografia. Tentamos, em várias ocasiões, localizar registros adicionais, bem como informações fotográficas, mas em vão. Lamentamos sinceramente não ter informações adicionais para oferecer.

DeVorss & Company

VOLUME I

Download realizado do site <http://web.1asphost.com/arplivros>

INTRODUÇÃO

Ao apresentar *Vida e Ensinos dos Mestres do Extremo Oriente* desejo declarar que fiz parte de um grupo de pesquisa, composto de onze pessoas, que visitou o Extremo Oriente em 1894.

Durante nossa estada - três anos e meio - estabelecemos contato com os Grandes Mestres dos Himalaias, que nos ajudaram na tradução dos registros, o que foi de grande ajuda no nosso trabalho de pesquisa. Eles permitiram que entrássemos em suas vidas intimamente e assim pudemos assistir à operação real da grande Lei tal como era demonstrada por eles. Chamamo-lhes Mestres, mas esse é apenas o nome que lhes damos. Quem vive a vida aqui descrita faz jus à reverência e à consideração que se devem a um Mestre.

Registros e manuscritos - nossas verdadeiras experiências com os Mestres - foram preservados. Pessoalmente, naquela ocasião, eu pensava que o mundo não estava preparado para essa mensagem. Membro independente do grupo de pesquisa, estou agora publicando minhas notas sob o título de *vida e Ensinos dos Mestres do Extremo Oriente* com a idéia de que o leitor pode aceitá-las ou rejeitá-las, como bem entender.

O livro, que será seguido de outros da série *Sun*, narra o primeiro ano de experiência da expedição em relação aos Mestres. Inclui os ensinamentos deles, taquígrafados por nós, na ocasião, com a devida permissão e aprovação.

Os Mestres admitem que Buda representa o Caminho da Iluminação, mas afirmam claramente que Cristo É a Iluminação, a saber, um estado de consciência que todos estamos procurando - a luz de Cristo de cada indivíduo; portanto, a luz de toda criança nascida neste mundo.

(assinado)

Baird T. Spalding

CAPÍTULO 1

Há tanta coisa que anda sendo impressa no momento a respeito dos assuntos espirituais e é tamanho o despertar e a busca da verdade relativa aos grandes mestres do mundo, que sou levado a colocar diante dos leitores minha experiência com os Mestres do Extremo Oriente.

Neste livro não tenciono fazer exposição de um novo culto ou religião; limito-me a compendiar minha experiência com os Mestres, em que intento mostrar as grandes verdades fundamentais dos seus ensinamentos.

Esses Mestres estão espalhados por um vasto território e, visto que nossa pesquisa metafísica abrangeu uma extensa porção da Índia, do Tibete, da China e da Pérsia, não fiz tentativa alguma para autenticar essas experiências.

Havia onze homens treinados, prática e cientificamente, em nosso grupo. A maior parte de nossas vidas fora gasta em trabalhos de pesquisa. Acostumados a não aceitar coisa alguma que não tivesse sido plenamente verificada, nunca pressupúnhamos nada. Saímos totalmente céticos e regressamos completamente convencidos e convertidos, de tal modo que três dos nossos voltaram para lá, resolvidos a ficar até serem capazes de realizar as obras e viver a vida que os Mestres vivem hoje.

Os que tão grandemente nos assistiram no nosso trabalho pediram que seus nomes fossem omitidos no caso de publicarmos as notas relativas à expedição. Não relatarei nada além dos fatos tais como aconteceram, usando, sempre que possível, as próprias palavras e expressões das pessoas que conheci e com as quais mantive contato diário durante a expedição.

Uma das condições do acordo que celebramos antes de encetar o trabalho foi que deveríamos, por princípio, aceitar como fatos tudo o que testemunhássemos, e não exigir explicações enquanto não tivéssemos iniciado o trabalho para valer, tomado suas lições, vivido e observado suas vidas cotidianas.

Cumpria-nos acompanhar os Mestres, viver-lhes a vida e decidir por nós mesmos. Tínhamos liberdade para estar com eles quando quiséssemos, fazer as perguntas que desejássemos, utilizar nossas próprias deduções para obter resultados e, finalmente, aceitar o que víamos como fato ou fraude. Não foi feito nenhum esforço, em momento algum, para influir sobre o nosso julgamento. Eles queriam que estivéssemos cabalmente convencidos antes de dar crédito ao que víssemos ou ouvíssemos. Por conseguinte, colocarei estes acontecimentos diante dos leitores e lhes pedirei que os aceitem ou rejeitem como lhes aprouver.

Já estávamos na Índia há cerca de dois anos, realizando um trabalho rotineiro e comum de pesquisa, quando travei relações com o Mestre conhecido nestes escritos como Emil. Enquanto eu caminhava por uma rua na cidade em que estávamos na ocasião, minha atenção foi atraída por uma multidão. Vi que o centro de interesse era um mágico de rua, ou faquir,

figura comuníssima nesse país. Enquanto eu estava ali parado, observei ao meu lado um homem de certa idade, que não era da mesma casta dos que o rodeavam. Ele olhou para mim e indagou se fazia muito tempo que eu estava na Índia. Repliquei: "Uns dois anos, mais ou menos." Ele voltou a perguntar: "O senhor é inglês?" Respondi: "Americano."

Fiquei surpreso e muitíssimo interessado por encontrar alguém que falasse inglês. Perguntei-lhe o que achava do espetáculo que se desenrolava diante de nós. E ele respondeu-me:

"É uma ocorrência comum na Índia. Essas pessoas são os faquires, mágicos e hipnotizadores. São tudo o que o nome quer dizer; mas, debaixo de tudo, existe um sentido espiritual mais profundo, que poucos discernem e do qual, algum dia, sairá alguma coisa boa. Trata-se apenas da sombra daquilo de que brotou. Já causou uma infinidade de comentários, e esses comentários sobre o assunto parecem nunca ter atinado com o verdadeiro significado, pois há, sem dúvida, uma verdade debaixo de tudo isso."

A essa altura nos despedimos um do outro e no correr dos quatro meses seguintes só o vi ocasionalmente. Nossa expedição teve de enfrentar um problema que nos deu muito trabalho. No meio de nossas preocupações, voltei a encontrar-me com Emil. Ele me perguntou imediatamente o que me estava apouquentando e pôs-se a falar acerca do nosso problema.

Admirei-me disso, pois tinha a impressão de que ninguém do nosso grupo fizera menção do caso, fora do nosso pequeno círculo. Sua familiaridade com a situação era tamanha que ele estava a par de todo o assunto. Emil explicou que, tendo certa notícia a respeito do caso, tentaria ajudar.

Dali a um ou dois dias, o caso foi deslindado, deixando-nos sem nenhum problema. Ficamos admirados mas, como tivéssemos outras coisas com que nos ocupar, logo nos esquecemos do fato.

À medida que outros problemas começaram a surgir, tornou-se um hábito meu conversar sobre eles com Emil. Parecia-me que assim que eu discutia com ele meus problemas, estes deixavam de existir.

Meus companheiros tinham conhecido Emil e conversado com ele, mas eu lhes dissera pouca coisa a seu respeito. Por esse tempo, eu já lera alguns livros escolhidos por Emil sobre o saber hindu, e estava plenamente convencido de que ele era um dos adeptos. Minha curiosidade fora vivamente despertada e eu estava ficando cada dia mais interessado.

Num domingo à tarde, Emil e eu caminhávamos por um prado quando ele me chamou a atenção para uma pomba que voava em círculos por cima de nós e observei que a ave estava à sua procura. Emil se quedou perfeitamente imóvel e, dali a poucos momentos, a pomba pousou-lhe no braço estendido. Ele disse que o pássaro trazia uma mensagem de seu irmão no Norte, que se verificou ser um companheiro de trabalho que não lograra dominar o modo de comunicar-se diretamente, de sorte que se valera desse meio. Descobrimos mais tarde que os Mestres são capazes de comunicar-se entre eles instantaneamente pela transferência de pensamento ou, como lhe chamam, por uma força muito mais sutil do que a eletricidade ou o rádio.

Pus-me, então, a fazer perguntas, e Emil se mostrou capaz de chamar os pássaros a si e dirigir-lhes o vôo enquanto estavam no ar; mostrou que as flores e árvores acenavam para ele; que os animais selvagens o buscavam sem medo. Separou dois chacais que brigavam sobre o corpo de um animal menor, morto por eles, e do qual se alimentavam. Quando ele se avizinhou, pararam de brigar e puseram a cabeça em suas mãos estendidas, num movimento de perfeita confiança, e voltaram a comer sossegados. Ele até me deu uma daquelas jovens criaturas do mato para que eu a segurasse na mão. Em seguida, disse-me:

"Não é o eu mortal, o eu que o senhor vê, que faz essas coisas. É um eu mais verdadeiro, mais profundo, que o senhor conhece como Deus, Deus dentro de mim, Deus Onipotente, que trabalha através de mim e faz essas coisas. De mim, do eu mortal, não posso fazer nada. Somente quando me livro inteiramente do exterior e permito ao verdadeiro, ao EU SOU, falar e agir, e deixo o grande Amor de Deus aparecer é que posso fazer as coisas que o senhor viu. Quando deixamos o Amor de Deus derramar-se através de nós para todas as coisas, nada nos atemoriza e nenhum mal pode suceder-nos."

Todos os dias, durante esse tempo, estudei com Emil. Ele aparecia de repente em meu quarto, ainda que eu tivesse tido o cuidado de fechar o quarto a chave antes de recolher-me. A princípio, o aparecimento dele a seu bel-prazer me perturbava, mas logo percebi que ele pressupunha a minha compreensão. Acabei me acostumando com os seus modos e passei a deixar minha porta aberta para que ele pudesse entrar e sair quando quisesse. Essa confiança pareceu agradar-lhe. Eu não podia entender todos os seus ensinamentos, não podia aceitá-los em sua inteireza, e tampouco podia, apesar de tudo o que vi enquanto estive no Oriente, aceitá-los plenamente naquela ocasião. Foram precisos anos de meditação

para trazer-me o entendimento do profundo significado espiritual da vida dessas pessoas.

A obra deles é levada a cabo sem ostentação e com uma perfeita simplicidade infantil. Eles conhecem o poder do amor para protegê-los e cultivam-no até que toda a natureza se apaixone por eles e os proteja. Milhares de pessoas comuns são mortas todos os anos por cobras e animais selvagens e, no entanto, esses Mestres produziram de tal forma o poder do amor em si mesmos que as cobras e os animais selvagens não lhes fazem mal. Eles vivem, em certas ocasiões, nas matas mais fechadas e, às vezes, deitam seus corpos defronte de uma aldeia a fim de protegê-la contra as devastações de animais ferozes, e nenhum dano acontece à aldeia nem a eles. Quando a ocasião o exige, caminham sobre a água, passam pelo fogo, viajam no invisível e fazem muitas outras coisas que nos habituamos a considerar como milagres, praticados apenas por quem julgamos detentores de poderes sobrenaturais.

Existe notável semelhança entre a vida e ensinamentos de Jesus de Nazaré e a vida e ensinamentos desses Mestres, exemplificados em sua vida de todos os dias. Julgou-se impossível ao homem tirar o seu suprimento diário diretamente do Universal, a fim de suplantar a morte e realizar os vários milagres que Jesus praticou enquanto esteve na terra. Os Mestres provam que todos esses milagres são o seu cotidiano. Eles não buscam diretamente no Universal tudo o que precisam para suas necessidades diárias, incluindo alimentos, comida, roupas e dinheiro. Eles suplantaram de tal modo a morte que muitos deles, agora vivos, têm mais de quinhentos anos de idade, como ficou provado conclusivamente pelos seus registros. Existem relativamente poucos Mestres na Índia, tendo-se a impressão de que outros cultos parecem simples ramificações dos seus ensinamentos. Eles compreendem que o seu número é limitado e que apenas uns poucos homens cultos podem chegar a eles. No mundo espiritual, contudo, alcançam números quase ilimitados e parece ser a maior obra de suas vidas chegar ao mundo espiritual e ajudar todos os que se mostram receptivos aos seus ensinamentos.

Os ensinamentos de Enúíl assentaram as bases do trabalho que haveríamos de assumir anos depois na nossa terceira expedição àqueles países, tempo esse durante o qual vivemos continuamente com os Mestres durante três anos e meio, viajamos com eles e observamos a vida e o trabalho diário deles por todo o Extremo Oriente.

fica a umas noventa milhas de distância. Eu me demorei aqui, por enquanto, pois não me será necessário gastar todo esse tempo para cobrir a distância, mas lá estarei para recebê-los. Desejo pedir-lhes que deixem um membro do grupo aqui, para fazer observações e corroborar o que pode acontecer. Dessa maneira, poupar-se-á tempo e ele poderá juntar-se à expedição no máximo daqui a dez dias. Pedir-lhe-erros simplesmente que observe e nos relate tudo."

Partimos com Jast e Neprow encarregados da expedição e atrevo-me a dizer que não se poderiam imaginar arranjos de aspecto mais profissional. Cada pormenor era completo e entrava na linha com o ritmo e a precisão da música. Essa harmonia foi mantida durante toda a expedição, que durou três anos e meio.

Desejo acrescentar aqui minhas impressões a respeito de Jast e Neprow. Jast era um belo e íntegro hindu - bondoso, eficiente, sem intrujice nem jactância. Todas as suas ordens eram dadas num tom quase uniforme e executadas com precisão e energia que nos deixavam admirados. Desde o princípio percebemos nele uma excelência de caráter que provocava um sem-número de comentários. Neprow, pessoa maravilhosa, estava aqui, ali e em toda a parte, sempre tranqüilo, senhor de si e um prodígio de eficiência. Era sempre a mesma calma, acompanhada de tranqüila precisão de movimentos, com um poder maravilhoso de pensar e executar. Tudo tão acentuado que todos os membros da expedição fizeram comentários a esse respeito. Nosso Chefe observou: "Estas pessoas são maravilhosas. É um alívio encontrar gente capaz de pensar e de executar."

Chegamos à aldeia indicada por volta das quatro horas do quinto dia e lá estava Emil para receber-nos, como prometera. Pode-se lá imaginar o nosso assombro? Estávamos absolutamente certos de ter vindo pela única rota transitável e pelo processo mais rápido de locomoção naquele país, com exceção do método empregado pelos estafetas, que viajam com mudas de cavalos de posta e correm noite e dia. Ali estava um homem avançado em anos, segundo nos parecia, e não poderia, de maneira alguma, negociar uma jornada de noventa milhas em menos tempo do que nós poderíamos fazê-lo - e, no entanto, ali estava ele.

Está visto que todos tentamos fazer perguntas ao mesmo tempo, ansiosos por ouvir-lhe as respostas. Foram estas as suas palavras: "Eu lhes disse, quando partiram, que eu estaria aqui para recebê-los - pois aqui estou. Quero chamar-lhes a atenção para o fato de que o homem em seu campo de ação correto não tem limites, não conhece limites de tempo nem de espaço. Quando se conhece, o homem não é obrigado a arrastar-se penosamente por cinco dias a fio para percorrer noventa milhas. No pleno domínio de si mesmo, o homem percorre qualquer distância, cuja magnitude no momento não importa. Há pouco, eu estava na aldeia da qual os senhores partiram há cinco dias. O que viram como meu corpo ainda descansa ali. O companheiro que deixaram na aldeia lhes dirá que, até poucos momentos antes das quatro horas, conversando com ele, eu lhe dissera que precisava sair para receber os senhores quando chegassem aqui, mais ou menos a esta hora. O que viram como meu corpo ainda está lá e o companheiro dos senhores ainda o contempla, embora por ora esteja inativo. Isso foi feito simplesmente para mostrar-lhes que somos capazes de deixar nosso corpo e saudá-los em qualquer lugar indicado, em qualquer momento especificado. Os dois que os acompanharam poderiam ter realizado a viagem como eu a fiz. Desta maneira compreenderão mais prontamente que somos apenas humanos comuns de origem idêntica à dos senhores; que não existe mistério, mas que nós desenvolvemos, melhor do que os senhores, os poderes dados a todos pelo Pai, o Grande Onipotente. Meu corpo permanecerá onde está até a noite; depois eu o trarei para cá e o companheiro dos senhores virá também, mas como os senhores o fizeram, chegando no devido tempo. Após

um dia de descanso, viajaremos para uma pequena aldeia, a um dia daqui, onde nos demoremos uma noite; em seguida, voltaremos para cá e receberemos o companheiro dos senhores com o seu relatório. Nós nos reuniremos esta noite na cabana. Por enquanto, adeus.'

A noite, depois de estarmos reunidos, Emil, sem abrir a porta, apareceu de repente no meio de nós e disse: "Os senhores me viram aparecer desse jeito, como diriam, num lance de mágica. Deixem-me dizer que não há mágica nisso. Aqui está uma simples experiência que podem presenciar. Podem vê-la e, por conseguinte, acreditarão. Tenham a bondade de aproximar-se de modo que possam ver. Temos aqui um pequeno copo de água que um dos senhores acaba de trazer da fonte. Como estão vendo, uma diminuta partícula de gelo está se formando no centro da água. Os senhores vêem-na juntar, partícula por partícula, mais gelo, até que toda a água contida no copo se tenha congelado. Que aconteceu? Retenho os átomos centrais da água no Universal até que se formem ou, em outras palavras, até que se tornem em gelo e todas as outras partículas se formem à volta deles até que o todo se transforme em gelo. Apliquem tudo isso a este copo, à banheira, ao tanque, ao lago, ao mar, a toda a massa de água que existe na terra. Que aconteceria?

Tudo se congelaria, não é verdade? Com que finalidade? Nenhuma. Os senhores me perguntam com que autoridade? Responderei que o faria usando uma lei perfeita. Mas, neste caso, com que propósito? Nenhum, visto que nada de bom foi realizado nem poderia ter sido realizado. Se eu tivesse prosseguido, decidido a levar a efeito a experiência até o fim, que teria acontecido? A reação. Contra quem? Contra mim. Conheço a lei e tudo o que eu digo volta para mim tão certamente quanto o digo. Portanto, expressei apenas o bem e o bem só volta para mim como bem. Os senhores podem perceber prontamente que, se eu tivesse persistido no congelamento, o frio teria reagido contra mim muito antes de eu haver chegado ao fim do experimento e, ao colher os frutos do meu desejo, eu me teria congelado.

Ao passo que, se expressar o bem, colherei os frutos do meu bem eternamente.

"Meu aparecimento neste recinto esta noite pode ser explicado da seguinte maneira. Na saleta onde os senhores me deixaram conservei o meu corpo no Universal aumentando-lhe as vibrações e ele voltou ao Universal ou, como nós dizemos, voltou ao Universal onde toda substância existe. Em seguida, através do meu EU SOU, da minha Consciência Crística, retive o meu corpo na minha mente até que suas vibrações diminuíssem e tomaram forma aqui mesmo neste recinto, e os senhores puderam vê-lo. Onde está o mistério? Não estou usando a energia, ou a lei, que me foram dados pelo Pai através do Filho Amado? Esse Filho não são os senhores, não sou eu, não é toda a humanidade? Onde reside o mistério? Não há mistério nenhum.

"Pensem na fé representada pela semente de mostarda. Ela nos vem do Universal por intermédio do Cristo dentro de nós, que já nasceu dentro de nós. Como um grãozinho minúsculo, entra através do Cristo, ou mente superconsciente, a sede da receptividade dentro de nós mesmos. Depois precisa ser levada ao monte ou ao ponto mais alto do nosso

interior, o topo da cabeça. E fica presa ali. A seguir, devemos permitir ao Espírito Santo que desça. Agora vem a advertência: 'Amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com toda a tua força e com toda a tua mente.' Pensem! Atinaram com o significado? Coração, Alma, Força, Mente. Haverá alguma coisa que fazer neste ponto além de entregar tudo a Deus, ao Espírito Santo, ao Eu-Espírito-Total em ação? Este Espírito Santo entra de muitas maneiras, talvez como entidades diminutas que batem à porta e Procuram ingresso. Precisamos aceitar e deixar que o Espírito Santo entre e se una ao diminuto ponto de luz, ou sementes de conhecimento, e revolva em torno dele e adira a ele Precisamente como os senhores viram as partículas de gelo aderir à partícula central, e ele

crescerá, partícula por partícula, círculo por círculo, como o gelo, multiplicar-se-á e expressará a semente de conhecimento até que os senhores sejam capazes de dizer à montanha de dificuldades: 'Sede alijadas e atiradas ao mar', e isso será feito. Chamem a ist quarta dimensão ou o que quiserem, nós lhe chamamos Deus expressando-se através d Cristo em nós.

"Foi dessa maneira que Cristo nasceu. Maria, a Grande Mãe, percebeu o ideal; ideal foi conservado na mente, depois concebido no solo de sua alma, conservado ali por algum tempo e dado à luz como o Menino Cristo, o Primogênito, o único gerado, o Filho de Deus. Foi alimentado e protegido; recebeu o melhor da mãe, foi zelado e acalentado até que Ele cresceu e passou da infância à virilidade. E assim que o Cristo vem para todo nós; primeiro como um ideal plantado no solo de nossa alma - a parte central onde Deu está - conservado na mente como o ideal perfeito, depois dado à luz ou nascido como Filho perfeito, a Consciência de Cristo.

"Os senhores, que viram o que aqui se realizou, duvidam dos próprios olhos. Não o censuro. Recebo a idéia de hipnotismo da mente de alguns. Meus irmãos, haverá aqui alguém que se sinta incapaz de exercitar cada uma das faculdades dadas por Deus que vil postas em prática nesta noite? Julgam os senhores, por um só momento, que estou controlar. do, de alguma forma, o pensamento ou a visão dos senhores? Cuidam que eu poderia, se quisesse, lançar um feitiço hipnótico sobre alguém ou sobre todos - pois todos não viram` Não está registrado no grande Livro dos senhores que Jesus entrava numa sala com as porta' fechadas? Simplesmente entrava, como eu entrei. Julgais por um momento que Jesus, c Grande Mestre e Professor, precisava hipnotizar? Ele usava o Seu próprio poder dado por Deus como eu fiz esta noite. Deixem-me dizer que não fiz nada que cada um dos senhores não possa fazer. Não somente os senhores, mas cada criança que tenha nascido no mundo ou no universo, tem o mesmo poder de fazer o que viram realizado esta noite. Quero deixar isto bem claro diante da mente de cada um. Deixem-me dizer também que os senhores são indivíduos, não são personalidades; são vontades *livres*; não são autômatos. Jesus não precisou hipnotizar e nós também não precisamos. Duvidem de nós quanto quiserem até ficarem plenamente convencidos da nossa honestidade. Ponham de lado a idéia do hipnotismo por enquanto ou, pelo menos, deixem-na permanecer passiva até se haverem aprofundado mais no trabalho. Tudo o que lhes pedimos é que mantenham a mente aberta."

CAPÍTULO 4

Como a fase seguinte da nossa jornada seria um desvio da rota principal, deixamos a maior parte do equipamento onde estávamos e, na manhã seguinte, encetamos a caminhada para uma aldeiazinha que ficava a umas vinte milhas de distância, tendo apenas Jast por acompanhante. O caminho não era dos melhores e, às vezes, mostrava-se muito difícil de seguir, pois serpeava pelo meio das densas florestas características da região. Chegamos ao nosso destino pouco antes do pôr-do-sol daquela tarde, cansados e famintos, visto que tínhamos andado o dia inteiro e feito apenas uma curta interrupção ao meio-dia para almoçar. A região, de um modo geral, era áspera e acidentada e a trilha que percorramos dava a impressão de ser muito pouco usada. Fazia-se mister abrir caminho a golpes de facão pelo meio de trepadeiras entrelaçadas. A cada demora Jast dava a impressão de ficar impaciente, o que nos surpreen~n, pois ele, até então, se mostrara muito senhor de si. Foi esta a primeira e única vez, nos ires anos e meio em que nos acompanhou, que não foi o mesmo Jast, frio e calmo, que come,ara conosco. Mais tarde não nos admiramos do seu desassossego à luz do que transpirou.

Entramos na aldeiazinha de cerca de duzentos habitantes meia hora antes do pôr-dosol e, quando souberam que Jast estava conosco, creio que todos os aldeões, velhos e moços, bem como cada animal de estimação e animal doméstico apareceram para saudarnos. Enquanto éramos objeto de maior ou menor curiosidade, observou-se que Jast era o centro de interesse, cumprimentado por todos com a máxima reverência. Após alguns momentos, ele disse uma palavra aos aldeões e todos, exceto alguns, voltaram aos seus afazeres habituais. Jast virou para nós e perguntou-nos se desejávamos acompanhá-lo enquanto se preparava o acampamento para a noite. Cinco membros do nosso grupo alegaram cansaço depois de um dia inteiro de caminhada e acrescentaram que queriam descansar. Os restantes seguimos Jast e o punhado de aldeões até o extremo da clareira que rodeava a aldeia. Depois de cruzar a clareira, percorremos uma

curta distância no interior da floresta quando demos com a forma de um homem estendido no chão, como se estivesse morto - esta, pelo menos, foi a nossa impressão à primeira vista. Um segundo olhar, todavia, revelou que o repouso sugeria mais um sono calmo do que a morte.

Quedamo-nos a olhar como se estivéssemos pregados ao solo, pois vimos que a figura deitada no chão era Jast. De súbito, no momento em que Jast se encaminhou para ela, a figura animou-se e ergueu-se em pé. Quando os dois se defrontaram, por um instante, dissiparam-se todas as possibilidades de engano quanto à identidade - era Jast. Todos viram que era ele. Logo, num instante, o Jast que conhecíamos desapareceu e ficou apenas uma figura de pé diante de nós. Claro está que tudo isso aconteceu em muito menos tempo do que o que levamos para descrevê-lo, e o surpreendente foi que nenhum de nós contestou o que tinha visto. Os cinco dos nossos que tinham ficado para trás no acampamento vieram correndo, sem ter recebido nenhum sinal de nós. Mais tarde lhes perguntamos por que tinham vindo. As respostas foram: "Não sabemos. Quando nos demos conta, estávamos todos de pé, correndo para vocês. Simplesmente não sabemos por quê. Nenhum de nós se lembra de ter recebido algum sinal. Surpreendemo-nos correndo na sua direção sem que ninguém entendesse o que estávamos fazendo."

Um da nossa turma observou: "Meus olhos estão tão abertos que vejo muito além do vale da morte e os prodígios que ali se revelam fogem a toda e qualquer concepção." Outro disse: "Vejo o mundo inteiro vencendo a morte. Como me voltam, vívidas, as palavras: 'O último inimigo, a Morte, será vencido.' Não é este o cumprimento daquelas palavras? Que pigmeus são os nossos intelectos comparados com este gigantesco mas simples entendimento e, apesar de tudo, nós nos atrevemos a considerar-nos gigantes intelectuais. Pois se somos meros bebês! Agora começo a perceber o significado de 'Precisais nascer outra vez'. Como são verdadeiras essas palavras!"

Deixo o leitor imaginar nossa surpresa ou desnorreamento. Ali estava um homem com o qual tínhamos estado em contato diário, pelo qual tínhamos sido servidos todos os dias, que era capaz de largar o corpo deitado no chão para proteger outros e sair e servir com tanta eficiência. Poderíamos, acaso, deixar de lembrar: "Aquele que for o maior dentre vós, será servo, ou servirá." Creio que não houve mais ninguém entre nós que, a Partir desse momento, não perdesse todo o medo da morte.

Essa gente está acostumada a estender um corpo no chão diante de uma aldeia na floresta de um país infestado de homens e de animais saqueadores, e a aldeia fica tão livre **das** incursões de homens e animais como se estivesse num país civilizado.

Era mais do que evidente que o corpo de Jast estivera estendido onde o encontramos por um tempo considerável. Nos cabelos, que tinham crescido, compridos e espessos, viam-se ninhos de um passarinho peculiar ao lugar. As avezinhas tinham construído seus ninhos, criado seus filhotes, e estes haviam voado para longe, fornecendo assim uma prova incontestável do tempo em que o corpo ficara inativo naquela posição. Muito tímidos, esses pássaros abandonam seus ninhos à menor perturbação. O que mostra o grande amor e confiança desses pequenos animais.

A comoção foi tão grande que ninguém no nosso acampamento, exceto Jast, dormiu naquela noite. Ele dormiu como uma criança. A intervalos, um ou outro da nossa turma sentava-se na cama e dirigia os olhos para onde Jast estava dormindo. A seguir, tornava a deitar-se, dizendo: "Belisquem-me para ver se estou realmente acordado." De vez em quando, usava-se uma expressão mais vigorosa.

CAPÍTULO 5

Estávamos de pé ao nascer do sol na manhã seguinte e, nesse dia, regressamos à aldeia onde havíamos deixado nosso equipamento. Chegamos à aldeia pouco antes do escurecer e armamos o acampamento debaixo de uma grande figueira-da-Índia. Na manhã seguinte, Emil veio cumprimentar-nos e todos nos pusemos a crivá-lo de perguntas. Ele disse: "Não me admiro das suas perguntas e responderei com prazer a todas as que puder nesta ocasião, deixando outras para quando se tiverem aprofundado mais no nosso trabalho. Falando-lhes como estou, os senhores compreenderão plenamente que me prevaleço de sua linguagem para transmitir-lhes o grande princípio fundamental da nossa crença.

"Quando todos conhecem a Verdade e ela é interpretada com justeza, não serão uma e todas provenientes da mesma fonte? Não nos identificamos todos com a substância da mente universal, Deus? Não somos todos uma grande família? Não são todas as crianças, todos os nascidos, sem embargo da casta ou do credo, um membro dessa grande família?"

"Perguntam os senhores se acreditamos que a morte é inevitável. Permitam-me responder com as palavras do Siddha: 'O corpo humano é construído a partir da célula individual, como os corpos das plantas e dos animais, aos quais nos apraz chamar irmãos mais moços e menos evoluídos. A célula individual é uma unidade minúscula, microscópica, do corpo. Por um processo de crescimento e divisão, muitas vezes repetido, este núcleo diminuto de unidade celular resulta, por fim, num ser humano completo, construído de quase incontáveis milhões de células. As células do corpo se especializam em funções diferentes, mas conservam, de um modo geral, as características da célula de que surgiram. Essa célula pode ser considerada a portadora do facho da vida animal. Ela transmite de geração a geração o fogo latente de Deus - a vitalidade de todos os seres vivos, com uma ascendência ininterrupta que remonta ao tempo em que a vida apareceu pela primeira vez no planeta.' Essa célula individual tem a propriedade da juventude ilimitada. Mas que dizer das células do grupo chamado corpo? As células do grupo nasceram da célula individual repetida muitas vezes, que conserva suas características individuais, uma das quais é o fogo latente da vida, da Juventude Eterna. As células do grupo, ou corpo, só funcionam como guardiães da célula individual durante o breve espaço de vida que os senhores conhecem agora.

"O mais antigo dos nossos professores percebeu por inspiração a verdade da unidade fundamental das reações vitais na planta e no animal. Podemos imaginar perfeitamente esses professores debaixo da figueira que sobre eles estendia sua copa, dirigindo-se aos discípulos com as seguintes palavras: 'Olhem para esta árvore gigantesca. O processo vital que se desenvolve na nossa irmã, esta árvore, e em nós, é fundamentalmente o mesmo. Contemplem as folhas e rebentos nas extremidades do baniano mais antigo - como são jovens - tão jovens quanto a semente da qual o gigante irrompeu para a vida. Sendo idênticas as reações da planta e do homem, este pode, sem dúvida, aproveitar-se da experiência da planta. Assim como as folhas e rebentos nas pontas dos galhos da figueira mais antiga são tão jovens quanto a semente de que ela procedeu, assim também as células de grupo do homem, que lhe formam o corpo, não precisam perder gradativamente a vitalidade e morrer, mas podem crescer jovens e sempre verdes como o próprio ovo ou

célula individual. Com efeito, não há razão por que o corpo não cresça tão jovem e vital quanto a semente vital de que proveio. O baniano que está sempre a estender-se, que é sempre um símbolo de vida perpétua, só morre por efeito de algum acidente. Parece que não existe nenhuma lei natural de decadência no interior do baniano, nenhum processo de envelhecimento que influa de maneira prejudicial na energia vital das suas células. O mesmo se pode dizer da forma humana divina.

"Não existe nenhuma lei natural de morte ou decadência para o homem, a não ser por meio de um acidente. Nenhum processo inevitável de envelhecimento 'existe dentro do seu corpo ou células de grupo - nada que possa paralisar gradualmente o indivíduo. A

morte, portanto, é um acidente evitável. A moléstia, acima de tudo, é ausência de tranqüilidade ou Santi - uma paz suave e álcree do espírito refletida no corpo através da mente. A decadência senil, que é a experiência comum do homem, não passa de uma expressão que lhe encobre a ignorância da causa, certas condições mórbidas da mente e do corpo. Até os acidentes são evitáveis pela atitude mental apropriada. Diz o Siddha: 'O vigor do corpo pode ser preservado de tal modo que ele possa resistir tranqüilamente a moléstias infecciosas e outras, como a peste e a influenza.' O Siddha é capaz de engolir germes e jamais contrair doença nenhuma.

"Lembrem-se de que a mocidade é a semente do amor de Deus, plantada na forma humana divina. De fato, a juventude é a divindade dentro do homem; a juventude é a vida espiritual - a vida bela. É apenas a vida que vive e ama - a única vida eterna. A velhice é não-espiritual, mortal, feia, irreal. Os pensamentos de medo, de dor e de pesar criam a feiúra chamada velhice. Pensamentos alegres, de amor e ideais criam a beleza chamada juventude. A velhice é apenas uma casca dentro da qual jaz o germe da realidade - a jóia da mocidade.

"Pratiquem a aquisição da consciência da infância. Visualizem a Criança Divina dentro dela. Antes de adormecer sugiram à sua consciência: 'Agora compreendo que existe dentro de mim um corpo de alegria espiritual, sempre jovem, sempre belo. Tenho a mente, os olhos, o nariz, a boca, a pele, belos e espirituais - o corpo do Divino Infante, que agora, nesta noite, é perfeito.' Repitam a afirmação e meditem sobre ela tranqüilamente, enquanto adormecem. Ao levantar-se na manhã seguinte, digam a si mesmos em voz alta: 'Bem, querido (dirigindo-se a si mesmo pelo nome) há um alquimista divino aqui dentro.' Pelo poder espiritual dessas afirmações, ocorre durante a noite uma transmutação e o desdobraimento desde o interior, o Espírito, satura esse corpo e templo espiritual. O alquimista interno fez cair as células mortas e gastas e fez aparecer o ouro da pele nova com saúde e beleza perpétuas. O Amor verdadeiramente divino em demonstração é a juventude eterna. O alquimista divino está dentro do meu templo, criando novas e belas células de

bebês. O espírito da mocidade está dentro do meu templo - divina forma humana, e tudo vai bem. Om Santi! Santi! Santi! (Paz! Paz! Paz!).

"Aprendam a sorrir do modo doce de uma criança. O sorriso da alma é um esparecimento espiritual. O sorriso autêntico é beleza verdadeira, obra artística do 'Governante imortal Interior'. É bom afirmar-se - 'Tenho um pensamento bondoso para todo o mundo. Que o mundo todo seja feliz e abençoado!' Afirmem antes de encetar o trabalho do dia - 'Dentro de mim há uma forma perfeita - a forma Divina. Sou agora tudo o que eu quero ser! Visualizo diariamente o meu belo ser até eu expressá-lo com a minha respiração! Sou uma Criança Divina, todas as minhas necessidades estão sendo supridas agora e sempre!'

"Aprendam a emocionar-se! Afirmem: 'O Amor Infinito enche minha mente e comove o meu corpo com a sua vida perfeita.' Tornem tudo brilhante e belo à sua volta. Cultivem um espírito de humor. Desfrutem o brilho do sol.

"Os senhores percebem que estou fazendo citações extraídas dos ensinamentos do Siddha. São os mais antigos professores conhecidos e seu ensino é milhares de anos anterior a toda a história. Eles andavam de um lado para outro doutrinando as pessoas e mostrando-lhes a melhor maneira de viver, antes que o homem viesse a conhecer as artes simples da civilização. Foi a partir dos seus ensinamentos que o sistema dos governantes se difundiu. Mas esses governantes logo se afastaram da concepção de que era Deus quem se expressava através deles. Cuidando que eles mesmos, seu aspecto pessoal, estavam realizando o trabalho, perderam de vista o espiritual e apresentaram o pessoal ou material, esquecidos de que tudo provém de uma única fonte - Deus. Os conceitos pessoais dos governantes deram origem às grandes separações na crença e à ampla diversidade de pensamento. Este é o nosso conceito da Torre de Babel. O Siddha preservou através dos séculos os verdadeiros métodos de inspiração de Deus, que se expressam através da humanidade e de todas as Suas criações, compreendendo que Deus é tudo e que Deus se manifesta através de tudo. Eles nunca se desviaram desse ensinamento: Em tais condições, preservaram a grande Verdade fundamental."

CAPÍTULO 6

Como tivéssemos um trabalho considerável por fazer antes de cruzar os Himalaias, decidimos escolher essa aldeia como o lugar mais oportuno para o nosso alojamento. O homem que tínhamos deixado na aldeia a fim de observar Emil juntou-se a nós e contou que conversara com Emil até quase quatro horas da tarde do dia em que este deveria avistar-se conosco. Aí, então, Emil disse que estava na hora de vir ao nosso encontro. Seu corpo tomou-se imediatamente inativo e permaneceu deitado no sofá como se estivesse dormindo. Ficou nessa posição até, mais ou menos, sete horas da noite, quando foi se tornando cada vez mais indistinto, até desaparecer. Foi a essa hora da noite que Emil apareceu para nós na cabana da aldeiazinha.

A estação ainda não estava suficientemente adiantada para tentarmos atravessar os desfiladeiros da montanha. Os senhores notarão que me referi a nós, isto é, aos membros do nosso grupinho pois, a esse tempo, tínhamos começado a considerar-nos meras baga

geras. Compreendemos que nossos três grandes amigos - observem que a todos chamo grandes, pois eles, de fato, o eram - poderiam ter negociado a distância que havíamos percorrido entre as aldeias em muito menos tempo do que levamos para percorrê-la, mas não se queixaram.

Tínhamos feito certo número de excursões breves a partir do nosso posto, tendo por acompanhante Jast ou Neprow, os quais, em todos os casos, haviam demonstrado suas qualidades e seu valor genuínos. Numa das excursões, Emil, Jast e Neprow foram conosco até uma aldeia onde se localiza um templo denominado o Templo do Silêncio, O Templo Que Não Foi Feito Por Mãos. Essa aldeia contém o templo e as casas dos atendentes e situa-se no antigo sítio de uma aldeia, quase totalmente destruída pelas incursões de animais selvagens e da peste. Fomos informados de que os Mestres tinham visitado esse lugar e encontrado uns poucos habitantes, restos de uma população de três mil. Eles prestaram assistência aos

remanescentes e as incursões dos animais selvagens e a pestilência cessaram. Os poucos aldeões prometeram solenemente que, se fossem poupados, dedicariam a vida, a partir daquele momento, a Deus, servindo-O como Ele quisesse. Os Mestres se foram e, quando voltaram mais tarde, encontraram o templo erguido e atendentes encarregados da sua manutenção.

O templo é muito bonito. Situado numa elevação, acha-se a cavaleiro de ampla extensão de terreno. Tem cerca de seis mil anos de idade, é feito de mármore branco e nunca precisou de reparos, visto que as peças, quando se quebram, substituem-se a si mesmas, como foi constatado por membros do nosso grupo.

Disse Emil: "Este é chamado o Templo do Silêncio, a Casa do Poder. Silêncio é poder pois, quando atingimos o lugar do silêncio na mente, atingimos a casa do poder - o lugar em que tudo é um, o único poder - Deus. 'Fica em silêncio e sabe que Eu sou Deus.' O poder difuso é barulho. O poder concentrado é silêncio. Quando, através da concentração (movendo-se para um centro), reunimos todas as nossas forças num ponto de força, entramos em contato com Deus em silêncio, identificamo-nos com Ele e, portanto, com todo o poder. Essa é a herança do homem. 'Eu e o Pai somos um.' Existe apenas um modo de identificar-se com o poder de Deus e este é entrar conscientemente em contato com Ele. Isto não pode ser feito no exterior, pois Deus se manifesta desde o interior. 'O Senhor está em Seu templo sagrado; que toda a terra fique em silêncio diante dEle.' Somente quando passamos do exterior para o silêncio do interior podemos esperar uma união consciente com Deus. Compreenderemos que o Seu poder se destina a ser usado por nós e que o usaremos a todo momento. Conheceremos, então, que nos identificamos com o Seu poder.

"Nesse momento, a humanidade será compreendida. O homem aprenderá a desdenhar das auto-ilusões e das vaidades. Compreenderá sua ignorância e sua pequenez. Aí, sim, estará preparado para aprender. Compreenderá que o orgulhoso não pode ser doutrinado. Saberá que apenas o humilde percebe a Verdade. Seus pés sentirão a rocha firme, ele não tropeçará mais, será ponderado na decisão.

"Compreender que Deus é o único poder, substância e inteligência pode ser desconcertante a princípio. Mas quando o homem compreende a verdadeira natureza de Deus e O apresenta em expressão ativa, usará esse poder em todos os momentos. Saberá que entra conscientemente em contato com o Seu poder em todos os momentos - quando come, quando corre, quando respira e quando efetua o grande trabalho que tem diante de si. O homem não aprendeu a levar a cabo as maiores obras de Deus porque não compreendeu a Wandeza do Seu poder e ainda não sabe que o poder de Deus se destina ao uso do homem.

"Deus não nos ouve através das nossas vãs repetições em voz alta, nem do nosso falar destemperado. Precisamos procurá-Lo através do Cristo dentro de nós, a conexão

invisível que temos em nosso interior. Quando o Pai dentro de nós é adorado em Espírito e Verdade, ouve o chamado da alma que se abre sinceramente para Ele. Quem faz a conexão com o Pai em segredo sentirá o poder que flui através dele como a satisfação de cada desejo. Pois quem vê o Pai no lugar secreto da própria alma e ali habita, será abertamente recompensado pelo Pai. Quantas vezes Jesus não revelou o seu contato individual com o Pai! Vejam como Ele Se mantinha constantemente em comunicação com Deus dentro dEle. Vejam como Lhe falava, como se O tivesse pessoalmente presente. Vejam quão poderoso fez dEle esta secreta relação interior. Ele reconheceu que Deus não fala no incêndio, no terremoto ou no furacão, mas com a voz doce e sutil - a voz doce e sutil no mais profundo de nós mesmos.

"Quando o homem sabe disso, torna-se ponderado. Aprende a pensar as coisas integralmente. Idéias velhas se descartam, ajustam-se as novas. Ele logo descobre a facilidade e eficiência do sistema. Aprende, afinal, a levar todas as questões que o deixam perplexo para a hora silenciosa. Ali pode ser que não as resolva, mas familiarizar-se-á com elas. Depois não precisará apressar-se e batalhar o dia inteiro e sentir que o seu propósito malogrou.

"Se o homem vier a conhecer o maior dos estranhos - ele mesmo - deixe-o entrar em seu gabinete e feche a porta. Ali encontrará o seu inimigo mais poderoso e ali aprenderá a dominá-lo. Encontrará o seu verdadeiro eu. Encontrará o amigo mais verdadeiro, o mais sábio professor, o conselheiro mais seguro - ele mesmo. Ali encontrará o altar sobre o qual Deus é fogo imorredouro, a fonte de toda a bondade, de toda a força, de todo o poder - ele mesmo. Saberá que Deus se encontra na parte mais profunda do silêncio. Descobrirá que no seu interior habita o Santo dos Santos. Sentirá e saberá que cada desejo seu está na mente de Deus e, portanto, é um desejo de Deus. Sentirá e conhecerá a intimidade da relação entre Deus e o homem, entre o Pai e o Filho. Compreenderá que somente na consciência houve alguma separação destes que pareciam dois - assim como o seu espírito e o seu corpo pareciam dois - mas que, em realidade, são um só.

"Deus enche assim o céu como a terra. Foi esta grande revelação que teve Jacó no silêncio. Ele adormecera sobre a pedra da materialidade. Numa grande explosão de iluminação divina, viu que o exterior é apenas a pressão externa ou expressão da imagem que se conserva lá dentro. Tão impressionado ficou ele que exclamou: 'Seguramente o Senhor (ou a lei) está neste lugar (a terra ou o corpo) e eu não o sabia. Esta não é senão a casa de Deus e esta é a porta para o céu.' O homem compreenderá, como o compreendeu Jacó, que a verdadeira porta para o céu se abre na própria consciência.

"É esta 'escada' da consciência, revelada numa visão a Jacó, que cada um de nós precisa subir antes de poder entrar naquele lugar secreto e silencioso do Altíssimo e descobrir que estamos no próprio centro de cada coisa criada, identificado com todas as coisas visíveis e invisíveis, na Onipresença e dentro dela. Na sua visão, viu Jacó a escada que ia da terra ao céu. Viu os anjos de Deus descendo-a e subindo-a - as idéias de Deus descendo do Espírito para a forma e subindo outra vez. A mesma revelação teve Jesus quando os 'céus se abriram para ele', e ele viu a lei maravilhosa da expressão pela qual as idéias concebidas na Mente divina se apresentam em expressão e se manifestam como forma. A lei da expressão foi tão perfeitamente revelada ao Mestre que, no mesmo instante, Ele viu que toda forma pode ser metamorfoseada, ou mudada na forma, por uma alteração da consciência em relação a ela. Sua primeira tentação foi mudar a forma das pedras na forma do pão, a fim de satisfazer Sua fome pessoal; porém, com a revelação da lei da expressão veio-lhe a verdadeira compreensão de que as pedras, assim como todas as outras formas visíveis, vieram da Substância da Mente Universal, Deus, e são, em si mesmas, expressões verdadeiras da Mente divina; e que todas as coisas desejadas (não formadas) ainda estão

nesta Substância da Mente Universal, prontas para serem criadas ou produzidas para satisfazer a todo desejo. Assim sendo, a necessidade de pão mostrou apenas que a substância **da qual se** pode criar o pão, ou qualquer outra coisa necessária, está à nossa disposição sem limitações, e, o pão pode ser criado dessa substância tão bem quanto as pedras podem ser criadas da mesma substância. Todo bom desejo do homem é desejo de Deus; por conseguinte, há um suprimento ilimitado na Substância Universal de Deus à nossa volta para satisfazer a todo desejo. Tudo o que precisamos fazer é aprender a usar o que Deus já criou para nós, e Ele quer que o façamos a fim de podermos ser livres de toda limitação e, desse modo, ser 'abundantemente livres'.

"Quando Jesus disse: 'Eu sou a porta', Ele quis dizer que o EU SOU em cada alma é a porta através da qual a vida, o poder e a substância do grande EU SOU, que é Deus, se apresenta em expressão por intermédio do indivíduo. Este EU SOU tem apenas um modo de expressão, por meio da idéia, do pensamento, da palavra e da ação. Este EU SOU, o Ser de Deus, que é poder, substância, inteligência,

recebe forma da consciência; e pela mesma razão disse o Mestre: 'Segundo a tua fé te seja feito', e 'Todas as coisas são possíveis a quem acredita'.

"Vemos agora que Deus está dentro da alma como poder, substância e inteligência - ou, em termos espirituais, sabedoria, amor e verdade - e é evocado em forma ou expressão através da consciência. A consciência que está na mente infinita de Deus e no homem é determinada pelo conceito ou crença conservada na mente. E a crença na separação do Espírito que provocou o envelhecimento e a morte, de nossas formas. Quando virmos que o Espírito é tudo e que a forma está sendo expressa a partir do Espírito, compreenderemos que o que nasce do Espírito ou é produzido por Ele é Espírito.

"A grande verdade seguinte, que se revela através desta consciência, é que cada pessoa, sendo um conceito da Mente divina, se conserva naquela mente como idéia perfeita. Nenhum de nós tem de se conceber. Fomos concebidos perfeitamente e nos conservamos sempre na mente perfeita de Deus como seres perfeitos. Sendo esta compreensão trazida à nossa consciência, podemos estabelecer contato com a Mente divina e, assim, reconhecer o que Deus já concebeu para nós. A isto chamava Jesus 'nascer de novo'. Esta é a grande dádiva que o silêncio nos oferece; pois estabelecendo contato com a mente de Deus, podemos pensar com a mente de Deus e conhecer-nos tais como somos em realidade e não como julgávamos ser. Fazemos contato com a mente de Deus através do pensamento verdadeiro e, assim, produzimos uma expressão verdadeira; ao passo que, no passado, por intermédio talvez de um pensamento não-verdadeiro, produzimos uma expressão falsa. Mas, seja a forma perfeita ou imperfeita, o Ser da forma é o poder, a substância e a inteligência perfeitas de Deus. Não é o Ser da forma que desejamos mudar, senão a forma assumida por esse Ser. Isso deve ser feito através da renovação da mente, ou através da mudança do conceito imperfeito para o conceito perfeito, do pensamento do homem para o pensamento de Deus. É importante, pois encontrar Deus, contar-Lo, identificar-se com Ele e apresentá-Lo em expressão. Igualmente importante é o silêncio ou a quietação da mente pessoal, para que a mente de Deus, em todo o seu esplendor, ilumine a consciência. Quando ela o fizer, compreenderemos como 'o sol da retidão se erguerá com asas curativas'. A mente de Deus inunda a consciência como a luz do sol inunda um quarto escuro. A infusão da Mente Universal na mente pessoal é como a entrada da vastidão do ar exterior na impureza do que se manteve por muito tempo num compartimento fechado. Ele se ergue só, supremo, e nós compreendemos que nos cabe construir um templo único. O Templo do Deus Vivo é a fusão do maior com o menor, através da qual o menor se identifica com o maior. A impureza foi causada pela separação entre o menor e o maior. A

pureza é causada pela união entre ambos, de modo que já não haja um maior e um menor, mas tão-só um ar bom, integral e puro. Ainda assim precisamos saber que Deus é Um e que todas as coisas visíveis e invisíveis se identificam com Ele. Foi a separação de Ele que causou o pecado, a doença, a pobreza e a morte. É a união com Ele que faz de alguém um Ser integral ou consciente de que é integral.

"A separação da unidade é a descida dos anjos na escada da consciência. A volta à unidade é a subida dos anjos pela escada. A descida é boa, pois a unidade se expressa então em diversidade, mas na diversidade não precisa haver nenhum conceito de separação. O que é diversidade tem sido mal interpretado, do ponto de vista pessoal ou exterior, como separação. A grande obra para cada alma é erguer o ponto de vista pessoal a tais alturas na consciência que ela se identifique com o todo. Quando todos puderem 'encontrar-se em harmonia num lugar', esse lugar na consciência, onde se acredita que todas as coisas, visíveis e invisíveis, têm sua origem no Deus único, estaremos sobre o Monte da Transfiguração. A princípio vemos Jesus e, com Ele, Moisés e Elias; ou a Lei e a Profecia, e o Cristo, (o poder dentro do homem para conhecer a Deus); e vem-nos a idéia de edificar três templos, mas eis que chega o significado mais profundo. Compreendemos a imortalidade do homem e conhecemos que a divindade nunca se perde, que o homem Divino é imortal, eterno. Nisso, Moisés - a Lei, e Elias - a Profecia, desaparecem; o Cristo permanece só, supremo, e percebemos que só precisamos edificar um templo - o Templo do Deus Vivo dentro do nosso próprio eu. O Espírito Santo enche a consciência e as ilusões sensuais do pecado, da doença, da pobreza e da morte desaparecem. Esse é o grande propósito do silêncio.

"Este templo, do qual os senhores podem tirar um pedaço e a cicatriz se cura no mesmo instante, tipifica o templo do nosso corpo, de que Jesus falou, o templo não feito por mãos, eterno nos céus, que deveremos produzir aqui na terra."

CAPÍTULO 7

Regressamos da nossa excursão e encontramos um grupo de estranhos reunidos na aldeia, vindos das imediações, e certo número de Mestres congregados para realizar uma peregrinação a uma aldeia que se erguia a cerca de duzentas e vinte cinco milhas de distância. Ficamos admirados, pois tínhamos estado naquela direção e constatado que a trilha atravessava o que nós chamamos de deserto de areia. Tratava-se, na realidade, de uma chapada coberta de dunas, que o vento carregara de um lado para outro e onde crescia uma vegetação rala. Para além do deserto, a trilha levava a uma pequena cadeia de montanhas, contraforte dos Himalaias. Nessa noite fomos convidados a acompanhar a expedição e nos disseram que não precisaríamos carregar a parte mais pesada do nosso equipamento, pois voltaríamos antes de cruzar os Himalaias principais. A expedição teria início na segunda-feira seguinte.

É evidente que Jast e Neprow tinham tudo pronto e, na manhã de segunda-feira, cedinho, entramos na fila com, pelo menos, trezentos outros. A maior parte desses outros era portadora de enfermidades para as quais procuravam cura. Tudo correu bem até o sábado seguinte, quando se desencadeou a mais severa tempestade, acompanhada de trovoadas e raios, que já tínhamos experimentado algum dia. Veio com ela um aguaceiro que

durou três dias e três noites, um precursor do verão, como eles dizem. Estávamos acampados num lugar muito conveniente e não sofremos com o temporal. Nossa maior ansiedade tinha por objeto as provisões, pois estávamos certos de que a demora prolongada causaria sérias inconveniências a todos os interessados, visto que havia apenas o suficiente para a excursão, sem contar com as demoras. Essa demora nos pareceu duplamente séria, uma vez que não havia lugar onde nos pudéssemos reabastecer, a menos de voltarmos para o ponto de partida, que tínhamos deixado possivelmente a uma distância de cento e vinte milhas, grande parte da qual pertencia ao deserto de areia a que já nos referimos.

Na quinta-feira de manhã o sol levantou-se claro e belo mas, em vez de prosseguir, como esperávamos, fomos avisados de que ficaríamos esperando onde estávamos até que a trilha houvesse secado e as águas dos rios tivessem abaixado para podermos continuar mais confortavelmente a nossa expedição. Estávamos todos com medo de que nossas provisões se esgotassem, e um membro do nosso grupo deu voz a

esse medo. Emil, que estava encarregado de todo o equipamento, veio até nós e disse: "Os senhores não precisam ficar com medo. Deus, porventura, não cuida de todas as Suas criaturas, grandes e pequenas, e não somos Suas criaturas? Verão que tenho aqui alguns grãos ou sementes de trigo. Vou plantá-los. Por esse ato declarei definitivamente que quero o trigo. Formei o trigo na minha mente. Cumpri a lei e, no devido tempo, ele aparecerá. Teremos de aguardar o longo e árduo processo que a Natureza, no seu lento crescimento e evolução, assumirá a fim de produzir o trigo? Se assim fosse, seríamos obrigados a esperar um tempo longo e duro para obtê-lo. Por que não usar uma lei mais alta, ou mais perfeita, que nos foi dada pelo Pai, para produzi-lo? Tudo o que se faz preciso é ficar em silêncio e visualizar ou idealizar o trigo, e nós teremos trigo curado, pronto para ser usado. Se duvidarem, poderão juntá-lo, moê-lo, transformá-lo em farinha e da farinha fazer pão." Ali, diante de nós, estava o trigo, crescido e curado, de modo que nós o juntamos, moemos e fizemos pão.

Emil continuou dizendo: "Agora os senhores viram e acreditaram, mas por que não usar uma lei ainda mais perfeita, e produzir uma coisa mais perfeita ou exatamente o que querem - pão? Usando esta lei mais perfeita ou, como os senhores mesmos diriam, mais sutil, verão que sou capaz de produzir exatamente o de que preciso - pão." E, enquanto nos quedávamos ali, arrebatados, vimos em suas mãos um pão grande, cujo fornecimento só cessou quando se amontoaram quarenta pães sobre a mesa diante de nós, ali colocados aparentemente pelo próprio Emil, que observou: "Como vêem, há pão suficiente para todos; se não forem suficientes, poder-se-ão fornecer mais, até que haja o suficiente para comer e poupar." Comemos todo o pão e o proclamamos bom.

Emil continuou: "Quando Jesus na Galiléia perguntou a Filipe: 'Onde compraremos pão?' Ele fez isso para pô-lo à prova, porque dentro de Si mesmo sabia muito bem que não haveria necessidade de comprar o pão necessário para alimentar a multidão aglomerada, nem de consegui-lo através do mercado material então existente. Ele viu a oportunidade de provar aos Seus discípulos o poder do pão levedado, ou aumentado pelo Espírito. Quantas vezes o homem no conceito mortal não pensa como Filipe! Este calculava, como a consciência humana calcula hoje, com base no suprimento visível - refletindo que tinha apenas tantos pães ou tamanho suprimento ou tanto dinheiro para comprar. Jesus reconheceu que quem está na Consciência de Cristo não conhece limitação. Ele, então, na Consciência de Cristo, olhou para Deus como fonte e criador de tudo e deu graças pelo poder e substância que tinha à mão para satisfazer qualquer desejo. E distribuiu o pão, através dos Seus discípulos, entre os que mostravam necessidade exterior até que esta foi satisfeita e sobraram doze cestos. Jesus nunca dependeu do excesso de suprimento alheio para satisfazer à sua necessidade nem à necessidade de outrem; mas ensinou que o nosso suprimento está bem

à mão na Substância Universal, onde existem todos os suprimentos, e tudo o que temos de fazer é criá-los ou produzi-los. Foi o que aconteceu quando Eliseu multiplicou o óleo da viúva. Ele não se dirigiu a alguém que tivesse uma superabundância de óleo pois, se o tivesse feito, o suprimento teria sido limitado. Ele entrou em contato com o Universal, e o único limite para o suprimento foi que todas as vasilhas se enchessem. O suprimento poderia estar fluindo até hoje se houvesse vasilhas em número suficiente para recebê-lo.

"Isto não é hipnotismo. Nenhum dos senhores sente que está de algum modo sob o efeito de um encantamento hipnótico. Permitam-me dizer-lhes que o único hipnotismo que existe é o auto-hipnotismo de acreditar que cada um de nós, ou todos nós, não somos capazes de realizar as obras perfeitas de Deus e de criar as condições ou coisas desejadas. Pois não é a própria necessidade o desejo de criar? Em vez de evoluir e criar como Deus quer que criemos, os senhores se envolvem nas suas conchinhas e dizem, 'Não posso', e se autohipnotizam até acreditar realmente que são entidades separadas de Deus. Deixam-se ficar simplesmente aquém da sua criação ou expressão perfeita. Não permitem que Deus se expresse através dos senhores como é do Seu desejo fazê-lo. Acaso não disse Jesus, o Grande Mestre: 'As obras que faço, vós as fareis também, e as fareis ainda maiores do que estas'? Não foi a verdadeira missão de Jesus aqui na terra mostrar que nós, como Filhos de Deus, ou o homem em seu estado verdadeiro pode criar tão perfeita e harmoniosamente quanto Deus o faz? Quando Jesus ordenou ao cego que banhasse os olhos no tanque de Siloé, não tentava com isso abrir os olhos de todos? Todos deveriam ver que Jesus fora mandado pelo Pai para mostrar-nos que o Pai pretendia ver-nos criando exatamente como Ele cria: todos deverão fazer a obra perfeita que Jesus fez, reconhecendo o Cristo em si próprio e em todos.

"Posso dar mais um passo adiante. Este pão que acabo de receber e estou segurando na mão se consome como se fosse queimado pelo fogo. Que aconteceu? Usei incorretamente a lei perfeita que produziu a minha concepção e consumi o que eu havia produzido, em virtude do meu uso incorreto da lei perfeita, ou por não haver usado com acerto a lei, tão exata quanto a música ou a matemática ou qualquer outra lei dita natural. Se eu persistisse no uso incorreto da lei perfeita, consumiria não somente o que criei, mas também me consumiria a mim, o criador.

"Foi o pão realmente destruído? Admitiremos que a forma foi mudada pois, em lugar do pão, temos uma pequena quantidade de pó ou cinzas. Não foi ele, na verdade, devolvido à Substância Universal de que proveio? Não está agora em forma não-manifesta, esperando ser trazido de novo à manifestação? Não é isso o que acontece com todas as formas que saem da nossa vista, pelo fogo, pela decadência ou por qualquer outra maneira? Não retornam elas à Substância Universal - Deus - de onde provieram? Não será este sentido de 'O que desce do céu precisa subir ao céu'?

"Não faz muito tempo que os senhores viram gelo formado sem nenhuma causa aparente, como talvez lhes ocorra pensar. Deixem-me dizer-lhes que isso é o mesmo que criar o pão. Posso usar a lei para obter assim o gelo como o pão, enquanto utilizar o processo em benefício da humanidade, ou enquanto estiver trabalhando de acordo com a lei, ou me expressando como Deus quer que todos se expressem. É bom para todos fazer pão, ou gelo, ou alguma ou todas as coisas desejadas; e todos precisam prosseguir energicamente até chegar ao estágio em que poderão fazer essas coisas. Não vêem os senhores que, usando a lei mais alta, a lei absoluta de Deus, podem produzir o de que precisam ou que concebem em sua mente como sua idéia mais elevada e, dessa maneira, agradam mais a Deus manifestando-se mais plenamente e sabendo, como o sabia Jesus, que somos perfeitamente Filhos de Deus?

"Uma coisa dessas não dá a entender a libertação da servidão comercial, bem como

de todas as outras servidões? Como eu vejo as coisas, a servidão comercial, dentro de poucos anos, tornar-se-á a maior de todas as servidões. Se tudo prosseguir no ritmo em que está progredindo agora, ela dominará o homem, alma e corpo, e não fará outra coisa senão consumir-se e consumir os interessados por ela. Não há dúvida de que o comercialismo começou num alto plano espiritual, mas se permitiu ao materialismo penetrá-lo, sorrateiro, até que o próprio poder usado para criar seja o poder que consome; precisamente como o próprio poder usado para criar sempre consome se não for usado de maneira correta. Não são a pressão do comercialismo e as limitações que nos cerceiam e permitem passar por cima dessas condições, ou superá-las? Isto não se faz simplesmente compreendendo que estamos destinados a realizar as obras perfeitas de Deus, a elevar a nossa consciência à Consciência do Cristo? Não foi o que Jesus nos ensinou aqui na terra? Sua vida inteira não é um exemplo disso?

"Meus queridos irmãos, acaso não vêem que no princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus?

Nessa ocasião, tudo o que seria formado mais tarde se achava, em forma não-manifesta, na Substância da Mente Universal - ou, como se exprimem alguns, no caos. No original, caos era realidade. Mal interpretada, esta palavra significa um estado turbulento ou belicoso, em vez do estado profundo e espiritual da realidade, sempre espera de uma palavra definida, criativa, falada, através da qual possa apresentar-se em forma manifesta.

"Quando o Princípio de Deus desejou produzir o mundo tirando-o da Substância d, Mente Universal, Deus se achava sereno e contemplativo. Em outras palavras, Deus viu um mundo ideal; conservou na mente a substância de que o mundo viria a ser formado durante o tempo suficiente para diminuir-lhe a vibração; em seguida, pronunciou a Palavra e o mundo se formou - ou, como poderíamos dizer, Deus visualizou um modelo ou molde mental no qual pudesse fluir a substância necessária para fazer o mundo e surgiu uma forma perfeita, construída sobre o modelo conservado na consciência.

"Todas essas coisas podem ter sido pensadas por Deus, Infinito Poder. Ele pode ter desejado durante um tempo infinito que elas se formassem e se tornassem visíveis. Não tivesse sido a palavra falada lançada no éter informe, e nada teria sido criado nem produzido em forma visível. A fim de fixar em resultados visíveis o pensamento e os desejos de um Criador Infinito Onipotente e tirar da realidade formas ordenadas, foi preciso

'Seja' determinado, positivo. Por isso precisamos dar o passo definido.

"Deus conserva na mente o mundo ideal e perfeito em todas as suas particularidades destinado a surgir como um céu ou lar perfeito onde todos os Seus filhos, todas as Suas criaturas e todas as Suas criações podem habitar em paz e harmonia. Este é o mundo cabal, que Deus viu no início e faz existir pelo pensamento neste mesmo instante, e o tempo de sua manifestação está na nossa aceitação dele. Quando pudermos vir para o único lugar e saber que somos todos um, um homem, e soubermos que somos todos membros do corpo de Deus, tanto quanto um membro do nosso corpo é uma parte do corpo todo, então estaremos no reino de Deus, e seremos dele, o céu aqui na terra, agora.

"Para tornar tudo isto manifesto, compreendam que não há nada material no céu Tudo é espiritual. Compreendam que o céu é um estado de consciência perfeito, um mundo perfeito aqui na terra, agora, e a única coisa que temos de fazer é aceitá-lo. Ele está aqui em toda a nossa volta, esperando que descerremos o olhar interior. Através desse olhar nossos corpos se tornarão luz, a luz que não é a do sol nem a da lua mas a do Pai; e o Pai está bem aqui, na parte mais íntima do nosso ser. Precisamos compreender suficientemente que não há nada material, que tudo é espiritual. Depois precisamos pensar neste maravilhoso mundo espiritual, dado por Deus, que está aqui agora; basta-nos poder compreendê-lo.

"Não vêem os senhores que Deus criou tudo dessa maneira? Deus, porventura, não ficou primeiro em silêncio e contemplativo e viu a luz? E disse então: 'Haja luz', e houve luz. Da mesma maneira disse, 'Haja um firmamento', e houve um firmamento; e o mesmo com outras criações. Ele conservou primeiro cada forma ou ideal firmemente na consciência, depois pronunciou a palavra e o ideal se produziu. O mesmo aconteceu com o homem. Disse Deus: 'Façamos o homem à Nossa imagem, conforme a Nossa semelhança, e tenha ele domínio sobre tudo.' Deus, todo bondade, criou todas as coisas boas; o homem, a maior e última, com pleno domínio sobre tudo. O homem só viu o bem, e tudo era bom até que ele se separou de Deus e viu a dualidade, ou o dois. E, com o pensamento, criou dois, um bom e o outro o oposto; pois, se houvesse dois, seriam opostos - bom e mau. Assim o mal veio através do poder absoluto do homem para expressar ou produzir aquilo em que fitava os olhos. Se não tivesse visto o mal, o mal não teria tido poder de expressão. Somente o bem teria sido expresso e nós seríamos tão perfeitos como Deus nos vê hoje. Não teria o céu estado sempre sobre a terra, como Deus o vê, e como todos temos de vê-lo para torná-lo manifesto? Jesus tinha todo o direito de dizer que viera do céu; pois não veio tudo do céu, a grande Substância da Mente Universal?

"Visto que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, Deus não deu ao homem o poder de criar, exatamente como Ele cria? E Deus não espera que o homem utilize esse poder tão livremente quanto Ele o utiliza - e exatamente da mesma maneira? Primeiro, dando tanto da necessidade; depois, concebendo o bem, o ideal, com o qual encher o molde que conservamos na consciência e que deve ser enchido com a Substância da Mente Universal; em seguida, proferindo a palavra de que o molde está cheio; isto é assim, e isto é bom.

"Quando foi crucificado, Jesus deu Sua carne, a exterior, o que vemos do corpo, para provar que existe realmente um corpo mais profundo ou espiritual; e foi esse corpo espiritual que Ele manifestou quando saiu do túmulo. Este é o corpo de que Ele falou quando disse: 'Destruí este templo e em três dias o erguerei.' Ele o fez para mostrar-nos que temos o mesmo corpo espiritual e que podemos realizar todas as obras que Ele realizou. Não se trata aqui de dizer que, se Jesus tivesse querido, teria podido salvar-se. Não há dúvida de que Ele viu que uma grande mudança se operava em Seu corpo. Também viu que as pessoas à Sua volta não eram capazes de ver que também poderiam produzir o corpo espiritual, como Ele estava tentando fazer que eles vissem. Elas ainda olhavam para o pessoal, e Ele viu que se Ele produzisse o corpo espiritual sem alguma mudança inegável, as pessoas não seriam capazes de discernir entre o material e o espiritual; daí que adotasse a crucificação para produzir a mudança.

"Não é este, verdadeiramente, o Cristo no homem, que o Grande Mestre, Jesus, que todos amamos e reverenciamos, veio mostrar? Não revelou Ele Sua vida aqui na terra a fim de indicar-nos o caminho perfeito para Deus? Podemos fazer outra coisa senão amar esse caminho ideal perfeito, depois de tê-lo visto, seja plantando a semente, seja fazendo pão, seja levando a cabo as mil e uma coisas necessárias à existência humana? Não são esses atos meras lições conducentes ao nosso desenvolvimento? Algum dia compreenderemos que somos, na verdade, Filhos de Deus, e não servos; que, como Filhos, podemos ter e temos tudo o que o Pai tem, e podemos fazer uso dele com tanta liberdade quanto nosso Pai o faz.

'Admito que isto requer a princípio uma poderosa fé; uma fé que, de ordinário, precisa ser conseguida passo a passo e praticada fielmente, à semelhança da música e da matemática, até chegarmos à sede do saber. Aí, então, seremos grandiosa e belamente livres. Poderia haver um exemplo melhor e mais verdadeiro desta vida que a de Jesus? Não reconhecem os senhores o poder que há no Seu nome, Jesus, o Cristo manifesto, ou Deus que se manifesta através do homem de carne? Jesus veio ao lugar em que Ele se fiava

o inteiramente no Seu conhecimento ou compreensão de Deus, e assim realizou Seus milagres. Não confiou na própria força de vontade nem em pensamentos fortes e concentrados. Tampouco devemos confiar na nossa força de vontade nem em pensamentos fortes e con...ntrados, mas na vontade de Deus. 'Não seja feita a minha vontade, mas a Tua, Senhor.' Vontade de fazer a vontade de Deus. Não acham os senhores que Jesus queria, em todas as coisas, fazer a vontade de Deus, ou fazer o que Deus queria que Ele fizesse?

"Os senhores notarão que se diz, muitas vezes, que Jesus se dirigiu a uma alta mon...nha. Não sei se Ele, fisicamente, escalou ou não uma alta montanha. Mas sei que todos precisamos galgar às alturas, a mais alta das quais é a consciência, para receber a nossa iluminação. Essa altura significa o verdadeiro topo da cabeça e ali, se a faculdade não estiver desenvolvida, precisaremos desenvolvê-la por meio de pensamentos espirituais. Depois, do coração, do centro do amor, deixamos fluir o amor para equilibrar tudo e, quando isso estiver feito, o Cristo se revela. O filho do homem dá-se conta de que ele é o Filho de Deus, o único Filho concebido, em quem o Pai se compraz. A seguir, com amor constante, precisamos compreendê-lo em

relação a tudo.

"Detenham-se e pensem profundamente por um momento e dêem tento do número infindável de grãos de areia da praia; do número sem conta das gotas d'água necessárias para formar as águas da terra; do número incontável de formas de vida nas águas da terra. Em seguida, compreendam o número sem fim de partículas de rocha contidas em toda a terra; o número incontável de árvores, plantas, flores e arbustos existentes sobre a terra; o número imenso de formas de vida animal que habitam na terra. Compreendam que todos são imagens externas do ideal conservado na grande mente universal de Deus; que todos contêm a vida única, a vida de Deus. Em seguida, pensem no número sem conta das almas nascidas na terra. E compreendam que cada alma é uma imagem ideal, externa, perfeita de Deus, tal como Deus Se vê a Si mesmo; que cada alma recebe o mesmo poder, a mesma expressão e o mesmo domínio sobre tudo o que o Próprio Deus tem. Acreditam os senhores que Deus quer ou deseja que o homem revele essas qualidades semelhantes a Deus ou dadas por Deus e realize as obras que Deus realiza através da herança dada ao homem pelo Pai, a grande e única Mente Universal em todos, através de todos e acima de todos? Compreendam, então, que cada pessoa é uma expressão ou uma pressão (do invisível, o Espírito) em forma visível, uma forma através da qual Deus se deleita em expressar-se. Quando pudermos compreender e aceitar isso, poderemos realmente dizer como disse Jesus: 'Vede, um Cristo está aqui.' Foi dessa maneira que ele logrou Seu domínio sobre o eu mundano ou de carne. Reconheceu, proclamou e aceitou Sua divindade, e depois viveu a vida como temos de fazer."

CAPÍTULO 8

Depois de uma demora de oito dias, levantamos acampamento na segunda-feira de manhã e seguimos nosso caminho. Ao findar-se a tarde do terceiro dia, chegamos às margens de um rio maior. O curso d'água media cerca de duzentos pés de largura, cheio até as bordas, e corria a uma velocidade de, pelo menos, dez milhas por hora. Contaram-nos que esse curso d'água, em épocas comuns, podia ser vadeado naquele lugar sem nenhuma inconveniência.

Decidimos acampar até a manhã seguinte e observar a subida e descida das águas. Fomos informados de que seria possível cruzar o rio mais acima, por intermédio de uma ponte, mas, para alcançá-la, teríamos de fazer um desvio de pelo menos quatro dias de caminhada dura. Achamos que, se as águas estavam baixando, seria melhor esperar uns poucos dias do que empreender o longo desvio. Fora-nos demonstrado que não devíamos sequer pensar em provisões, eis que, a partir do dia já mencionado, quando nossas provisões se acabaram, toda a companhia, que consistia em mais de trezentas pessoas, fora abastecida com uma abundância de provisões vindas do invisível, como lhe chamávamos. Esse suprimento conservou-se por sessenta e quatro dias, ou seja, até voltarmos à aldeia em que havíamos encetado a excursão. Até então, nenhum de nós tivera a menor idéia do significado ou sentido verdadeiros das coisas que tínhamos experimentado. Tampouco fomos capazes de ver que aquelas coisas tinham sido executadas por uma lei definida, uma lei que todos podemos usar.

Quando nos reunimos para tomar o desjejum na manhã seguinte, descobrimos cinco estranhos no acampamento. Eles nos foram apresentados e mencionou-se que pertenciam a um grupo acampado do outro lado do rio e que voltava da aldeia a que nos destinávamos. Não demos muita atenção a isso na ocasião, pois supúnhamos, naturalmente, que eles tinham encontrado um bote e com este haviam cruzado o rio. Um membro do nosso grupo alvitrou: "Se essas pessoas têm um barco, por que não podemos usá-lo para atravessar o rio?" Creio que todos víamos a sugestão como um modo de sair da nossa dificuldade; disseram-nos, porém, que não havia barco nenhum, visto que não se dava à travessia importância bastante para justificar a manutenção de um barco.

Concluído o desjejum, nessa manhã, estávamos todos reunidos nas margens do curso d'água. Reparámos que Emil, Jast e Neprow, em companhia de quatro outros do nosso grupo, conversavam com os cinco estranhos. Jast chegou-se a nós e disse que eles gostariam de cruzar o rio com os outros a fim de chegar ao acampamento do outro lado da corrente, visto que tinham decidido esperar até a manhã seguinte para ver se a água mostrava sinais de estar baixando. Está visto que nossa curiosidade foi despertada e julgamos um tanto ou quanto temerário tentar cruzar a nado uma corrente tão rápida quanto a que tínhamos à nossa frente só para cumprimentar um vizinho. Supúnhamos que a única maneira de realizar a travessia seria nadando.

Quanto Jast voltou ajuntar-se ao grupo, os doze, completamente vestidos, caminharam até a margem do rio e, com a máxima compostura, deram um passo sobre a água, e não dentro dela. Nunca me esquecerei do que senti quando vi cada um daqueles doze homens passar da terra firme para a água corrente. Prendi a respiração, esperando, naturalmente, vê-los afundar abaixo da superfície e desaparecer. Verifiquei mais tarde que todo o nosso grupo pensava a mesma coisa. No momento, creio que cada um de nós prendeu a respiração até vê-los ultrapassar a metade da corrente, tão pasmados estávamos nós de observar aqueles doze homens caminhando tranqüilamente sobre a superfície da corrente, sem a menor inconveniência, e sem afundar abaixo das solas das sandálias. Quando eles saíram de cima das águas e pisaram a margem oposta, tive a impressão de que toneladas de peso tinham sido erguidas dos meus ombros e acredito que esta fosse a sensação de cada um dos membros do nosso grupo, a julgar pelos suspiros de alívio despedidos por eles quando o último homem pôs os pés em terra firme. Foi, sem dúvida, uma experiência que não se pode descrever com palavras. Os sete membros do nosso grupo voltaram para o almoço. Se bem a comoção não fosse tão intensa na segunda travessia, cada um de nós respirou mais aliviado quando viu os sete novamente seguros na praia. Nenhum do nosso grupo deixara a margem do rio nessa manhã. Registrou-se muito pouca discussão no tocante ao que tínhamos presenciado, tão absortos estávamos em nossos pensamentos.

Ficou decidido nessa tarde que faríamos o desvio para chegar à ponte e transpor o rio. Uvantamo-nos bem cedo na outra manhã, prontos para enfrentar a longa volta. Antes de começarmos, cinqüenta e dois componentes da companhia caminharam calmamente até o rio e por cima dele, como os doze tinham feito na véspera. Disseram-nos que seríamos capazes de cruzar o rio com eles, mas nenhum de nós teve bastante fé para fazer a tentativa. Jast e Neprow insistiram em acompanhar-nos. Tentamos dissuadi-los, dizendo que poderíamos prosseguir com os outros, poupando-lhes, dessa maneira, a inconveniência. Eles se mostraram irredutíveis e permaneceram conosco, dizendo que não era absolutamente nenhuma inconveniência para eles.

O assunto da conversação e dos pensamentos durante os quatro dias que levamos para juntar-nos aos que tinham cruzado o rio foram as coisas notáveis que testemunhamos durante o curto lapso de tempo que tínhamos ficado com aquelas pessoas maravilhosas. No segundo dia, a companhia estava escalando o lado íngreme de uma montanha, enquanto o sol quente se derramava sobre nós, quando o nosso Chefe, que tinha

dito muito pouca coisa nos últimos dois dias, de repente perguntou: "Meninos, por que o homem é obrigado a rastejar-se e a rojar sobre esta terra?" Respondemos em coro que ele exprimira com exatidão nossos pensamentos.

Ele continuou perguntando:

"Se uns poucos são capazes de fazer as coisas que presenciamos, por que nem todos podem realizar as mesmas coisas? Como se dá que o homem se contente com rastejar, e não só se contente com rastejar mas seja obrigado a fazê-lo? Se ao homem foi dado o domínio sobre todas as coisas, foi-lhe dado, de certo, o poder de voar acima dos pássaros. Se este é o seu domínio, por que não o afirmou ele há muito tempo? A falha deve estar certamente na própria mente do homem. Isto deve ter acontecido mercê do conceito mortal que o homem tem de si mesmo. Ele só foi capaz, em sua própria mentè, de ver-se rastejando; de sorte que só foi capaz de rastejar."

Seguindo o pensamento, Jast interveio: "O senhor tem toda a razão, está tudo na consciência do homem. Ele é limitado ou ilimitado, preso ou livre, conforme pensa. Acreditam os senhores que os homens que ontem caminharam sobre o rio para furtar-se ao inconveniente desta volta são, de algum modo, criações especiais, diferentes dos senhores? Não. Não foram criados de nenhum modo diferente dos senhores. Não têm um átomo sequer a mais de poder do que o que os senhores receberam quando foram criados. Pelo uso correto das forças do seu pensamento, eles desenvolveram o poder que lhes foi dado por Deus. As coisas que os senhores viram realizadas enquanto estiveram conosco, podem ser realizadas do mesmo modo pleno e livre por qualquer um. As coisas que viram foram realizadas de acordo com uma lei definida, que todo ser humano pode usar, se quiser."

A conversa acabou aqui e nós prosseguimos e nos reunimos aos cinquenta e dois que tinham atravessado a corrente e, ato contínuo, nos encaminhamos para a aldeia.

CAPÍTULO 9

Localizado nessa aldeia erguia-se o Templo da Cura. Afirma-se que somente palavras de Vida, Amor e Paz têm sido proferidas no templo desde a sua edificação, e tão potentes são

as vibrações que quase todos os que passam pelo templo se curam imediatamente. Afirmase também que as palavras de Vida, Amor e Paz têm sido usadas e enviadas há tanto tempo deste templo e suas vibrações são tão fortes que, se se usarem palavras de desarmonia e imperfeição a qualquer momento, estas não terão poder. Disseram-nos que isto é um... ilustração do que acontece no homem. Se ele praticar a emissão de palavras de Vida, Amor, Harmonia, Paz e Perfeição, dentro de pouco tempo se tornará incapaz de pronunciar uma palavra desarmoniosa. Tentamos usar palavras inarmônicas e descobrimos, em cada tentativa, que não podíamos sequer pronunciá-las.

O templo era o destino dos membros da companhia que estavam procurando curarse. É costume dos Mestres que estão nas cercanias congregarem-se na aldeia, a certos intervalos, para uma temporada de devoção e instrução aos que desejam socorrer-se da oportunidade. O templo, inteiramente dedicado à cura, está sempre aberto às pessoas. Como nem sempre é possível ao povo chegar até os Mestres, estes animam o povo a ir ao templo a fim de curar-se. Eis a razão por que eles não curam os que se reúnem para as peregrinações. Eles acompanham os peregrinos a fim de mostrar-lhes que não são diferentes deles, que todos têm no seu interior o mesmo poder dado por Deus. Desconfio que eles cruzaram o rio nessa manhã para mostrar que podiam erguer-se acima de qualquer emergência e que nós devíamos também erguer-nos acima de qualquer emergência.

Em lugares que não dão acesso ao templo, todos os que se chegam aos Mestres procurando ajuda são grandemente beneficiados. É evidente que existem os curiosos e os que não acreditam e parecem não receber ajuda alguma. Assistimos a uma série de reuniões, que congregavam de duzentas a duas mil pessoas, e todos os que queriam curar-se foram curados. Muitos nos disseram que tinham sido curados declarando em silêncio que almejavam a cura. Tivemos oportunidade de observar grande número de curados em diferentes ocasiões e descobrimos que perto de noventa por cento das curas eram permanentes, enquanto que todas as curas levadas a efeito no templo pareciam permanentes. Explicou-se que o templo é uma coisa concreta, localizada num lugar, e representa o centro de Deus, o Cristo no indivíduo - precisamente como todas as igrejas deveriam tipificar esse Deus, ou centro de Cristo, no indivíduo - e que ele é sempre acessível aos que lá quiserem ir. Eles podiam ir ao templo tantas vezes quantas quisessem e ficar lá o tempo que desejassem. Forma-se assim o ideal na mente dos que vão ao templo, e o ideal fixa-se na mente.

Disse Emil:

"Justamente aqui surge a sugestão que conduziu à idolatria do passado. Os homens procuravam gravar na madeira ou na pedra, no ouro, na prata ou no bronze a imagem do que idealizavam, mas o ídolo só pode ser uma imagem imperfeita do ideal. Tanto que se forma a imagem, o ídolo, os homens têm consciência de que o ideal ultrapassa o ídolo e percebem que precisam olhar para o amor e idealizar por si mesmos o que desejam produzir, tirando-o do interior, em vez de gravar qualquer ídolo na forma externa do ideal que tencionam expressar. Uma forma mais recente de idolatria é idealizar a personalidade de quem expressa o nosso ideal. Devemos idealizar o ideal que ele expressa e não a personalidade que expressa o ideal. Isso é verdade até em relação a uma pessoa tão grande quanto Jesus. Assim, Jesus decidiu ir embora quando viu que as pessoas estavam idealizando Sua personalidade em lugar do ideal que Ele representava. Elas procuravam fazer dEle o seu Rei, compreendendo apenas que Ele poderia suprir a todas as suas necessidades exteriores, e não reconhecendo que eles, dentro de si mesmos, tinham o poder de suprir a cada uma de suas necessidades, e que era isso o que precisavam fazer, assim como Ele mesmo o fizera. Disse ele: 'É conveniente que eu me vá pois, se não for, o Espírito Santo não virá', querendo dizer com isso que enquanto olhassem para a Sua personalidade não reconhece

ri os próprios poderes. Pois precisavam olhar para dentro, para dentro dos seus

próprios eus.

Outro pode ensiná-los ou dizer-lhes, mas os senhores mesmos precisam fazer o trabalho, porque, se olharem para outro, construirão o ídolo em lugar de produzir o ideal."

Fomos testemunhas de curas maravilhosas. Alguns sofredores apenas andavam pelo interior do templo e se curavam. Outros passavam aqui um tempo considerável. Em m o rrtento algum vimos alguém celebrar algum serviço religioso, uma vez que as vibrações d a ...lavra falada eram tão fortes que todos os que entravam no seu campo de influência recebiam benefícios. Vimos um homem, que estava sofrendo de ossificação, entrar c a rre gado no interior do templo e ficar completamente curado. No espaço de uma hora, ele s e

pôs a andar, totalmente restaurado. Depois disso, ele trabalhou para o nosso grupo durante quatro meses. Outro homem que havia perdido os dedos da mão teve-os completamente restaurados. Uma criancinha, cujos membros estavam secos e cujo corpo se apresentava distorcido, foi curada instantaneamente e saiu do templo andando. Casos de lepra, cegueira, surdez e muitas outras moléstias curaram-se no mesmo instante. De fato, todos os que entraram no templo se curaram. Tivemos a oportunidade de observar, a intervalos, dois ou três anos depois, certo número de curados nessa ocasião, e constatamos que a cura foi permanente. Disseram-nos que se a cura não tivesse sido permanente e a enfermidade voltasse, voltaria em virtude da falta da verdadeira compreensão espiritual do indivíduo.

CAPÍTULO 10

Quando regressamos ao alojamento, encontramos tudo pronto para cruzar as montanhas. Depois de um dia de descanso e uma troca de carregadores, iniciamos a segunda fase da jornada, desta feita realmente para cruzar os Himalaias. Os sucessos dos vinte dias seguintes foram de escasso interesse.

Emil falou-nos sobre a compreensão da Consciência de Cristo. Disse ele: "É através do poder da nossa própria mente, ou da ação do pensamento, que somos capazes de produzir ou de entender a Consciência do Cristo. Através do poder ou do processo do pensamento, transmudamos e desenvolvemos o nosso corpo ou as nossas condições e imediações exteriores, por meio do reconhecimento da Consciência do Cristo dentro de nós mesmos, de modo que nunca experimentaremos a morte nem qualquer mudança chamada morte. Isso se faz inteiramente por intermédio do poder do homem de visualizar, idealizar, conceber e produzir o que ele está olhando. Isto se faz primeiro conhecendo, percebendo ou tendo fé em que o Cristo está dentro de nós mesmos; vendo o real significado dos ensinamentos de Jesus; conservando o corpo identificado com Deus, feito à imagem e semelhança de Deus e fundindo-o no corpo perfeito de Deus, exatamente como Deus nos vê. Idealizamos, concebemos e produzimos de modo que se manifestasse o corpo perfeito de Deus. 'Nascemos de novo' realmente do Reino Espiritual de Deus e nesse Reino.

"Nessas condições, podemos devolver todas as coisas à Substância da Mente Universal, da qual provieram, e trazê-las de volta ou devolvê-las, perfeitas, à nossa forma exterior de manifestação. Em seguida, mantendo-se em seu estado puro, espiritual, inteiro, as vibrações diminuem e as coisas que desejamos criar surgem em forma perfeita.

Dessa maneira podemos tomar cada uma das crenças falsas, todas as velhas condições, todos os pecados, tudo da nossa vida passada - pouco importa o que ela tenha sido, quão boa ou quão aparentemente má, pouco importa a montanha de crenças falsas, dúvidas, descrença ou medo que nós ou qualquer outra pessoa erguemos à nossa volta ou em nossos caminhos - e podemos dizer a todas, 'Agora eu as devolvo ao grande oceano da Substância da Mente Universal, da qual provieram todas as coisas e onde tudo é perfeição, e da qual vocês surgiram, para ser novamente transmutadas nos elementos com que foram criadas. Agora as devolvo ou trago-as de volta daquela pura substância, tão perfeitas e puras quanto Deus as vê e as mantém sempre naquela perfeição absoluta'. Podemos dizer a nós mesmos: 'Agora compreendo, na velha ordem das coisas, que as produzi imperfeitamente, e vocês se manifestam imperfeitamente. Compreendendo a Verdade, agora as produzo perfeitas como Deus as vê. Vocês voltaram a nascer perfeitas e "assim é".' Precisamos compreender que o alquimista interior, Deus dentro de nós, se apossou disso e transmutou, refinou e aprimorou o que parecia imperfeito, o que produzimos e estamos agora devolvendo. Precisamos compreender que elas são refinadas, aprimoradas e transmutadas exatamente como o nosso corpo é refinado, aprimorado e devolvido a nós como o corpo de Deus, alegremente perfeito e lindamente livre. Por fim, devemos entender que esta é a perfeita Consciência de Cristo em tudo e para tudo. Isso é 'Escondido com Cristo em Deus'."

A manhã de 4 de julho encontrou-nos no topo do desfiladeiro. Emil nos confessara, na véspera, que se considerava merecedor de um feriado e que não via nenhum momento mais adequado para comemorar do que o dia 4.

No desjejum, Emil principiou dizendo: "Este é o dia 4 de julho, o dia em que os senhores comemoram o nascimento da sua independência. Que dia apropriadamente expressivo!"

"Acho que todos os senhores depositam mais ou menos confiança em nós; por conseguinte, vou falar-lhes livremente. Daqui a poucos dias seremos capazes de provar-lhes, de modo concludente, a verdade das asserções que estou fazendo.

"Apraz-nos chamar ao seu país 'América', e a todos os seus habitantes, 'americanos'. Os senhores nunca saberão a alegria que estes poucos momentos me trazem, num dia tão importante, por poder falar-lhes e ter à minha frente um pequeno grupo de americanos nascidos, com uma só exceção, na grande terra. Deixem-me dizer-lhes que foi o privilégio de alguns de nós ter visto o seu país muito antes de Colombo haver iniciado a memorável expedição. Tinha havido outras tentativas de descobrimento, mas elas se haviam baldado. Por quê? Simplesmente pela ausência daquela qualidade dada por Deus - a fé. Quem teria a coragem e a fé de ver e realizar a visão ainda não despertada. No momento em que essa alma acordou para a compreensão de que a terra era redonda e de que devia haver chão firme do outro lado, igual ao já conhecido, vimos que outra grande época histórica começara a desenrolar-se.

"Quem, senão o grande Onipotente, que vê todas as coisas, poderia ter despertado esse grãozinho de fé na alma de Colombo? Quais foram as suas primeiras palavras quando se viu diante da rainha naquele dia, não reconhecendo o poder mais alto? 'Minha querida rainha, estou firmemente convencido de que a terra é redonda e quero fazer-me ao mar e prová-lo.' Não sei se os senhores o reconhecem, mas estas palavras foram inspiradas por Deus e Colombo foi reconhecido como alguém determinado a levar a cabo o que empreendia.

"A seguir, a longa seqüência de acontecimentos principiou a desenrolar-se, o que nos fora mostrado anos antes, não na sua inteireza, mas o suficiente para podermos acompanhá-la. Está claro que sonhamos com os prodígios quase inacreditáveis que seriam realizados

registrados no lapso de anos aparentemente curto que passou, mas os que, dentre nós, tiveram o privilégio de viver nessa época compreendem agora plenamente que prodígios muito maiores estão reservados para a sua grande nação. Achamos que chegou, para ela, a hora de compenetrar-se da sua verdadeira importância espiritual e desejamos fazer tudo o que podemos para ajudá-los nessa realização."

Tudo indica que o interesse deles por nós foi inspirado pelo seu grande desejo de ver a América aceitar a Consciência de Cristo e compreender as suas possibilidades. Eles sabem que o seu começo foi realmente espiritual e que, através desse fato, a América se destina a ser líder no desenvolvimento espiritual do mundo.

Emil continuou: "Pensem que isso foi possibilitado pela sementinha de fé plantada na consciência de um homem que eles deixaram que se desenvolvesse. Que aconteceu? Os senhores podem compreendê-lo? No seu tempo, Colombo era considerado um sonhador sem nada de prático. Não estaremos todos chegando ao lugar onde acreditamos e sabemos que os sonhos de ontem são apenas as realidades de hoje? Pois quem levou a cabo alguma coisa que não fosse chamado de

sonhador? Seriam realmente sonhos as suas visões? Não eram elas ideais na Grande Mente Universal, Deus, concebidos na alma de alguém que os produziu como grande Verdade? Não se aventurou ele a um mar não cartografado, visionando claramente, na própria consciência, uma terra mais além? Não sei se ele viu a promessa e a preeminência que seria atingida pela terra, ou mesmo o nome de América que lhe seria dado. Muito provavelmente, isso ficou para que decidissem a respeito os que o seguiram. O importante é saber se isso foi primeiro um sonho ou uma visão? Já vemos alguns prodígios manifestados, mas só podemos visualizar os que ainda virão em resultado da visão. Dessa maneira, podemos recontar as muitas visões que ajudaram a fazer do mundo um lugar melhor para nele vivermos. Não é essa a maneira com que Deus se manifesta ou se expressa através de todos? O que já produziu é o que tem a maior fé em Deus, quer consciente, quer inconscientemente. Pensem na alma que se aventurou num mar não registrado em nenhuma carta geográfica, nos trabalhos, nas provações, nos desalentos, tendo apenas em mente um pensamento acima dos outros - a meta.

"Depois, os acontecimentos prosseguiram, sempre ascendentes - até o dia em que um punhadozinho de gente embarcou no Mayflower à procura de liberdade para adorar a Deus à sua maneira. Pensem nisso - à sua maneira! A luz do Espírito e dos sucessos subsequentes não surge a verdade verdadeira? Não construíram eles algo maior do que o que pensaram? Não podem os senhores divisar a mão do Grande Onipotente acima de tudo isso? Vieram depois os dias escuros, quando se tinha a impressão de que as primeiras colônias seriam completamente extintas, mas aquilo em que Deus pôs Sua mão precisa triunfar. Mais tarde ainda, chegou o grande dia da assinatura da Declaração da Independência e a escolha entre Deus e o opressor. Quem prevaleceu, quem há de prevalecer sempre? Quer o entendam ou não os senhores, as lutas daquele grupinho de homens naqueles dias memoráveis e a subscrição de seus nomes no documento são um dos maiores poemas épicos compostos desde o advento de Jesus no mundo.

"Depois veio o bimbalar do Sino da Independência. Acreditem ou não, as primeiras badaladas desse sino foram conhecidas por nós tão verdadeiramente quanto se estivéssemos debaixo dele. O sino cresceu e emitiu as vibrações que, emanadas do centrozinho, um belo dia penetrarão os cantos mais remotos e escuros da terra e iluminarão as consciências mais obtusas.

"Olhem para as provações e vicissitudes que levaram a esse evento. Não nasceu nesse dia o Grande Filho? Vejam as belas almas que ousaram apresentar-se para apadrinhar a criança. Se tivessem desanimado, que poderia ter acontecido? Elas não hesitaram

nem desanimaram. Que aconteceu? Nasceu a grande nação de toda a terra. Que sugerem as suas provações e tribulações desde então? Não estão elas intimamente aliadas à manifestação da grande alma de Jesus de Nazaré? Não podem os subscritores da Declaração da Independência, naquele dia, ser comparados aos Sábios do Oriente que viram a Estrela, símbolo do nascimento da Criancinha na Manjedoura, a Consciência do Cristo no homem? Não perceberam eles a Estrela tão verdadeiramente quanto os de antanho?

"Evocando as palavras da declaração, podem os senhores duvidar que cada uma delas tenha sido inspirada por Deus? Detenham-se um pouco para pensar. Existe um para. leio em toda a história? Existe, ou existiu algum dia, um documento como esse de que ela pudesse ter sido copiada? Há alguma dúvida sobre se ela veio diretamente da Substância da Mente Universal? Existe alguma suspeita de que ela não é parte do grande plano da criação trazido à manifestação? Persiste alguma desconfiança de que não se trata de uma fase sucessiva no funcionamento do grande plano?

"Existe alguma objeção ao fato de que a senha *e pluribus unum* (um entre muitos, ou unidade tirada da diversidade ou da multiplicidade) foi adotada nas fases sucessivas da evolução do Espírito da Verdade? Claro está que ela não saiu mecanicamente da mente mortal do homem. Quer dizer que a frase emblemática - *Em Deus confiamos* - não mostra a mais esperançosa fé ou confiança em Deus, o criador de todos? E a escolha do emblema - a águia, o pássaro que representa a mais alta aspiração? Isso mostra que esses homens, ou eram profundamente religiosos ou realizaram muito mais do que sabiam. Podem os senhores duvidar, por um momento, que todos foram guiados pelo espírito de Deus em ação criativa? Isso não nos dá a entender que a América se destina a ser o guia do mundo inteiro?

"Considerem a história da sua nação. Não há um paralelo sequer na história das nações de toda a terra. Não vêem os senhores que cada passo sucessivo conduz à sua realização? Os senhores acreditam que haja outra Mente Mestra trabalhando para o seu desenvolvimento? Duvidam que o Grande Deus, Onipotente guia o seu destino?

"Justamente como o grão de mostarda, que figura entre as menores sementes, tem fé para saber que dentro dele existe o poder de expressar a planta da mostarda, a maior de todas as hortaliças, pois, 'quando cresce, torna-se uma árvore e os pássaros podem vir aninhar-se nos seus ramos'; assim como a semente sabe que dentro de si tem o poder de expressar o maior, assim precisamos saber que temos o poder, dentro de nós mesmos, de expressar o maior. Ao propor essa parábola, referia-se Jesus à qualidade e não à quantidade da fé. 'Se tiverdes fé como um grão de mostarda (e essa fé se muda em conhecimento), direis a esta montanha: 'Vai daqui para ali', ela irá, e nada será impossível para vós.' Assim também a mais frágil semente de papoula e o mais poderoso baniano, o bulbo, a planta, a semente da árvore, todos sabem que podem expressar o maior. Cada qual tem uma imagem ou representação exata do que precisa expressar. Por isso precisamos ter uma imagem exata, dentro de nós, do que desejamos expressar. Em seguida, com um trabalho contínuo de aperfeiçoamento interior, a perfeição surgirá. Nenhuma flor chegou jamais à plena floração sem o incentivo interno do aperfeiçoamento. Um momento antes, o botão estava encerrado no sentido do eu da sépala mas, quando a perfeição interior se completa, a flor desabrocha em toda a sua beleza.

"Assim como a semente que cai ao chão precisa emitir primeiro o seu eu para crescer, desenvolver-se e multiplicar-se, assim também devemos primeiro emitir o nosso eu para desabrochar. Assim como a semente precisa primeiro romper a casca para crescer, assim também precisamos romper a casca para crescer, assim precisamos romper a casca da nossa limitação para dar início ao nosso crescimento. Quando essa perfeição interior se

completar, apareceremos belos, como as flores. E o que acontece num indivíduo acontece numa nação. Não vêem os senhores que, com a Consciência de Cristo plenamente desenvolvida numa nação, o que quer que seja empreendido por ela ou pelo seu povo resulta em bem para todos; pois a verdadeira raiz ou coração de todos os governos é a consciência dos governados.

"Grandes erros cometeu a nação dos senhores no seu avanço, porque os senhores não se deram conta da sua importância espiritual e a vasta maioria ainda está afundada no material. Compreendo plenamente que grandes almas têm guiado o destino do seu país. Também compreendo quão pouco essas grandes almas foram apreciadas antes do seu passamento. O caminho tem sido coberto de espinheiros e acidentado, um caminho difícil, porque no seu conceito limitado, até agora, o homem limita-se a deixar que o seu conceito mortal construa o caminho. Vejam as maravilhas que ele realizou! Mas vejam as maravilhas que poderia ter realizado se o significado espiritual mais pleno e profundo tivesse sido compreendido e aplicado. Em outras palavras, tivesse sido o Cristo colocado ao leme do Barco do Estado dessa nação, todos poderiam ter conhecido a verdade como Jesus a conheceu - que o Cristo está em todos os homens e que todos são um só - e que prodígios teriam sido revelados agora! Vejo a mesma glória que ainda há de vir, logo que o profundo significado espiritual do *e pluribus unum* for compreendido. Não percebem os senhores que é uma das primeiras grandes leis de Deus aquela que se expressa através de muitos, uma lei que é de todos e para

todos?

"Reflitam em cada nação que se tem fundado. As fundadas com verdadeira percepção espiritual agüentaram por mais tempo e teriam agüentado para sempre, não se tivesse permitido ao materialismo esgueirar-se para dentro delas e minar-lhes gradualmente toda a estrutura até que elas caíam por culpa do seu peso anormal ou foram consumidas pelo **uso** errôneo da lei que lhes deu origem. Com a queda de cada uma, que aconteceu? O Princípio, ou a parte de Deus, foi preservada até podermos, em cada malogro sucessivo, traçar uma elevação gradual em cada fase sucessiva, até que finalmente todos acabam em Deus, o Deus de Muitos. Meus irmãos, não será preciso um profeta para levá-los à compreensão disso que digo.

"Vejam a nação que era a Espanha no tempo em que Colombo se fez ao mar em sua viagem de descobrimento, e por algum tempo depois, e vejam agora o que está acontecendo. Dentro em breve ela estará em guerra com o próprio filho. Os senhores verão então que nação é ela, indefesa e impotente, dificilmente capaz de entrar, cambaleante, numa boa luta, ou de sair de uma luta ruim. A que podem os senhores atribuir-lhe a impotência? Será uma desvitalização total? Não ocorre sempre o mesmo com a nação ou com o indivíduo? Saciada a forma ou estrutura do corpo, seja por cupidez, seja por paixão, os resultados são idênticos. Pode haver um tempo de prosperidade e de sucesso aparentes, mas isso dura pouco; depois se patenteia a forma decrépita, emaciada e gasta, como sucede ao andar hesitante e incerto do ancião. Ao passo que, se eles tivessem conservado e desenvolvido o seu poder espiritual, seriam tão joviais e alegres durante quinhentos, cinco mil, dez mil anos, ou eternamente, como no auge da sua ascensão.

"Como esperamos o século que amanhece, o Século de Cristal, a luz branca e pura da aurora rompendo aos poucos, num curto espaço de tempo veremos o pleno luzir e a glória do dia que se aproxima, quando não haverá escuridão nem limitação. Isso, acaso, não sugere que deverá haver um progresso eterno? Se não, todos precisamos voltar ao de que veio tudo, a Substância Universal. É inevitável que todos progridam ou retrocedam; não há composição possível, não há ponto de parada. Quando a nação dos senhores reconhecer seu verdadeiro estado, ou missão, e der as mãos ao Espírito e expressar-se como

Deus quer que ela se expresse, quando ela deixar que o Espírito desabroche de dentro para fora, veremos, destinada a ela, uma maravilha que transcende muitíssimo o poder descritivo de qualquer idioma humano.

"Não há dúvida de que foram precisos o grande bico forte e as garras da águia para manter unida a nação durante o seu desenvolvimento; mas, quando vier a verdadeira luz espiritual, ver-se-á que a pomba é mais forte do que a águia, e a pomba protegerá o que a águia agora guarda. Olhem para as palavras inscritas na moeda que os senhores mandam para cada avenida do comércio mundial - *Em Deus confiamos e e pluribus unum*, um composto de muitos, a própria divisa do Espírito quando a pomba substituir a águia na vida dessa nação."

A conversa terminou aqui e Emil continuou dizendo que nos deixaria por pouco tempo, pois desejava encontrar-se com alguns dos outros, reunidos numa aldeia a duzentas milhas de distância. Prometeu juntar-se a nós numa aldeiazinha que distava sessenta milhas dali e à qual chegaríamos em cerca de quatro dias. Em seguida, desapareceu e, acompanhado de quatro outros, veio ter conosco quatro dias depois numa pequena aldeia na fronteira.

CAPÍTULO 11

O dia em que chegamos à aldeia estava muito chuvoso e ficamos todos encharcados até os ossos. Fomos encaminhados para aposentos muito confortáveis, que incluíam uma sala grande, confortavelmente mobiliada, que podíamos usar como sala de refeições e de estar. A sala era extraordinariamente quente e alegre e um membro do nosso grupo perguntou de onde vinha o calor. Todos olhamos ao nosso redor mas não encontramos nenhum fogão e nenhum lugar de onde pudesse provir o calor, se bem se notasse um clarão vermelho e quente, muito perceptível. Ficamos surpresos, mas não falamos muito a respeito, porque já estávamos acostumados a surpresas e tínhamos absoluta certeza de que tudo se esclareceria mais tarde.

Tínhamos acabado de sentar-nos à mesa quando Emil e os quatro entraram. Não sabíamos de onde vinham. Todos apareceram num canto da sala simultaneamente, e num canto em que não havia abertura alguma. Apareceram ali sem fazer o menor ruído e sem nenhum aparato e se dirigiram tranquilamente para a mesa, onde Emil fez as apresentações. Em seguida, sentaram-se como se estivessem perfeitamente à vontade. Antes que nos déssemos conta disso, a mesa encheu-se de iguarias, mas sem nenhuma carne. Essas pessoas não comem carne, nem nada que tenha tido vida consciente.

Terminada a refeição e enquanto continuávamos sentados em torno da mesa, um membro do nosso grupo perguntou como a sala era aquecida. Disse Emil: "O calor que os senhores sentem nesta sala vem de uma força que somos todos capazes de contatar e usar. Essa força ou energia é superior a qualquer força ou energia mecânica que pode ser contactada pelo homem e usada como luz, calor e força até para fazer funcionar todos os aparelhos mecânicos. É o que chamamos de força universal. Se os senhores chegassem a contactá-la e usa-la, chamar-lhe-iam moto-perpétuo. Nós lhe chamamos Energia Universal, Energia de Deus, fornecida pelo Pai para trabalhar para todos os Seus filhos. Ela fará girar e mo

ver-se todos os instrumentos mecânicos, fornecerá transporte sem consumo de combustível e fornecerá também luz e calor. Está presente em toda parte, sem dinheiro nem preço, pode ser contactada e usada por todos."

Um membro do nosso grupo perguntou se a comida tinha sido preparada por essa energia. Informaram-nos que a comida viera preparada como a tínhamos comido, diretamente do Universal, precisamente do mesmo modo com que o pão e as mais provisões haviam sido fornecidas até aquele momento.

Fomos, então, convidados por Emil a acompanhar o grupo até sua casa, a cerca de duzentas milhas de distância, onde conheceríamos sua mãe. Ele prosseguiu dizendo: "Minha mãe aperfeiçoou de tal maneira o seu corpo que é capaz de leva-lo consigo para ir receber os mais altos ensinamentos. Por conseguinte, vive no invisível o tempo todo. Fá-lo por escolha própria, pois deseja receber o mais alto ensinamento para, recebendo-o, poder assistir-nos grandemente. A fim de deixar tudo claro aos

senhores, devo dizer que ela chegou a alcançar o Reino Celestial, como os senhores lhe chamariam, o lugar onde Jesus está. Esse lugar é denominado, às vezes, Sétimo Céu, o que suponho lhes sugira o mistério dos mistérios. Deixem-me dizer-lhes que não há mistério algum. Trata-se de um lugar na consciência em que todo mistério é revelado. Os que atingiram esse estado de consciência estão fora da visão mortal, mas podem voltar, conversar e ensinar os receptivos. Podem vir em seus próprios corpos, pois os aperfeiçoaram de tal maneira que vão aonde querem com eles. São capazes de retornar à terra sem reencarnação. Os que passaram pela morte são obrigados a reencarnar-se a fim de retornar à terra com um corpo, que nos foi dado como corpo espiritual perfeito, que precisamos ver e conservar a fim de retê-lo. Os que deixaram o corpo e continuaram em espírito agora compreendem que lhes é forçado pegar um corpo, prosseguir e aperfeiçoá-lo."

Ficou combinado, antes de nos levantarmos da mesa naquela noite, que o grupo se dividiria em cinco grupos menores, cada um dos quais ficaria a cargo de um dos cinco que tinham aparecido na sala e jantado conosco. Isso nos daria meios para cobrir um campo maior e facilitaria enormemente o nosso trabalho; e, ao mesmo tempo, nos permitiria verificar certas coisas, como as viagens no invisível e a transferência de pensamento. Esse plano colocaria, pelo menos, dois de nossos homens em cada grupo e um dos cinco como líder. Estaríamos amplamente separados e, não obstante, manteríamos contato através dos que tanto nos ajudavam dando-nos todas as oportunidades para demonstrar o seu trabalho.

CAPÍTULO 12

NO dia imediato, acertados todos os normenores, três do nosso grupo, entre os quais eu me incluía, acompanhariam Emil e Jast. A manhã seguinte encontrou cada grupo com o seu guia e atendentes, todos prontos para partir em direções diferentes, com o compromisso de observar e registrar cuidadosamente tudo o que ocorresse, e de nos reunirmos sessenta dias depois, em casa de Emil, na aldeia há pouco mencionada, a duzentas milhas de distância. Permaneceríamos em comunicação uns com os outros por intermédio dos nossos amigos. Isso era levado a efeito todas as noites por esses amigos, que conversavam entre eles ou iam e vinham de um grupo a outro. Se quiséssemos comunicar-nos com o

nosso Chefe ou com qualquer outro membro do nosso grupo, a única coisa que precisávamos fazer era dar nossa mensagem aos amigos e, num espaço de tempo incrivelmente curto, tínhamos a resposta. Ao entregar as mensagens, cada qual as redigia por inteiro e tomava nota da hora e até do minuto de cada uma; depois, quando chegava a resposta, fazíamos o mesmo. Quando voltamos a reunir-nos, confrontamos as notas e descobrimos que todas correspondiam uma às outras. Além disso, nossos amigos viajavam de um acampamento a outro e conversavam conosco. Conservamos registros acurados desses aparecimentos e desaparecimentos; tomamos também boa nota do tempo, do lugar e da conversação e todas as mensagens conferiram perfeitamente umas com as outras quando as cotejamos mais tarde.

Depois disso, em algumas ocasiões, vimo-nos largamente separados; um grupo estava na Pérsia, outro na China, outro no Tibete, outro na Mongólia e o quinto na Índia, sempre acompanhados de nossos amigos. Às vezes, eles viajavam no invisível, como nós lhe chamávamos, e percorriam distâncias de mil milhas e nos mantinham informados sobre os acontecimentos e o progresso de cada acampamento.

O destino do grupo para o qual eu fora designado era uma aldeiazinha no sudoeste, situada num platô elevado, nos contrafortes dos Himalaias, e que distava umas oitenta milhas do nosso ponto de partida. Não levamos nenhuma provisão para a viagem, mas fomos amplamente abastecidos em todas as ocasiões e tínhamos alojamentos muito confortáveis. Chegamos ao nosso destino no começo da tarde do quinto dia; fomos recebidos por uma delegação de aldeões e conduzidos a alojamentos assaz agradáveis.

Notamos que os aldeões tratavam Emil e Jast com a maior reverência. Disseram-nos que Emil nunca visitara a aldeia, mas que Jast já estivera lá antes disso. A ocasião de sua primeira visita foi um pedido de socorro para resgatar três aldeões dos ferozes homens da neve, que habitam algumas partes mais selvagens dos Himalaias. A atual visita era a resposta a um chamado semelhante e intentava também socorrer os enfermos que não podiam deixar a aldeia. Os chamados homens da neve são bandidos e renegados que viveram na neve e nas regiões geladas das montanhas até formarem uma tribo capaz de viver nos redutos da montanha sem nenhum contato com qualquer forma de civilização. Embora não sejam numerosos, são muito ferozes e belicosos e, em certas ocasiões, capturam e torturam os que têm a má sorte de cair-lhes nas mãos. Verificou-se que quatro aldeões tinham sido capturados por esses selvagens. Como os aldeões já não soubessem o que fazer, haviam mandado um mensageiro entrar em contato com Jast, que saíra em socorro deles, levando-nos consigo, a Emil e a nós.

E evidente que estávamos todos emocionados com a idéia de poder ver essa gente bárbara, da qual já tínhamos ouvido falar mas que supúnhamos não existir. Acreditamos a princípio que seria organizado um grupo de salvamento e que nos seria permitido acompanhá-lo, mas nossas esperanças foram desfeitas quando Emil anunciou que ele e Jast iriam sozinhos e que sairiam imediatamente.

Em poucos momentos desapareceram e só regressaram na segunda noite, na companhia dos quatro cativos, que contaram histórias fantásticas das suas aventuras e do povo incomum que os capturara. Parece que essa estranha gente da neve anda inteiramente nua, e que os seus corpos se cobriram de pêlos como os de um animal selvagem; são capazes de suportar o frio intenso das altitudes da montanha, e é voz corrente que se locomovem sobre o solo muito depressa; na verdade, afirma-se que são capazes de acostrar e capturar os animais selvagens que vivem na região por eles habitadas. Essa gente bravia chamava aos Mestres de "Os homens do sol", e quando os Mestres entram no meio deles em busca de prisioneiros, não lhes opõem resistência. Informaram-nos também que os Mestres já í

ti,ham feito algumas tentativas para alcançar esse povo selvagem, mas que as tentativas se haviam frustrado por causa do medo que os selvagens lhes tinham. Há quem assevere que, quando os Mestres vão para o meio deles, os homens da neve não comem nem dormem, ...as ficam ao relento noite e dia, tamanho é o seu medo. Essa gente perdeu todo o contato com a civilização, chegando até a esquecer-se de que manteve, outrora, contato com outras raças, das quais descendia, tanto se haviam separado dos demais.

Conseguimos que Emil e Jast dissessem, pelo menos, alguma coisa a respeito dessa tribo selvagem, tão pouco comum, mas não conseguimos persuadi-los a levar-nos a eles. Quando os interrogamos, o único comentário foi este: "São filhos de Deus, tanto quanto nós, mas viveram tanto tempo com ódio e medo dos seus semelhantes, e desenvolveram de tal maneira a faculdade do medo e do ódio, que se isolaram dos seus iguais tão extensamente que esqueceram de todo que descendem da família humana, e se julgam as criaturas selvagens que parecem ser. Vivendo dessa forma, perderam até o instinto das criaturas selvagens, pois estas conhecem instintivamente quando um ser humano as ama e respondem a esse amor. Tudo o que podemos dizer é que o homem

produz aquilo em que põe os olhos e se separa de Deus e do homem e, dessa maneira, desce ainda mais baixo que o animal. Não teria nenhum propósito levar os senhores até o meio deles. Isso, pelo contrário, seria prejudicial àquele povo. Temos a esperança de encontrar, um dia, alguém entre eles receptivo ao nosso doutrinamento e, dessa maneira, chegar a todos."

Disseram-nos que, se quiséssemos tentar ver esse povo estranho por iniciativa própria, teríamos toda a liberdade de fazê-lo; que os Mestres poderiam, sem dúvida, protegernos contra todo o mal e, se viéssemos a ser aprisionados, eles, muito provavelmente, garantiriam a nossa libertação.

Descobrimos nessa noite que estávamos programados para sair no dia seguinte em demanda de um templo muito antigo, que ficava cerca de trinta e cinco milhas de distância da aldeia em que estávamos parados. Meus dois companheiros decidiram, em vez de ir ao templo, tentar obter uma visão mais próxima dos selvagens. Procuraram convencer dois habitantes da aldeia a acompanhá-los, mas esbarraram numa recusa peremptória, pois nenhum aldeão se dispôs a deixar a aldeia enquanto julgasse que os selvagens estavam por perto. Meus amigos decidiram ir desacompanhados, de modo que, depois de receberem as instruções de Emil e Jast quanto à trilha e à direção geral, pegaram suas armas e se aprontaram para partir. Antes de sair, tiveram de prometer a Emil e a Jast que só atirariam para matar em último caso. Poderiam atirar para matar quantas vezes quisessem, mas tinham de dar a sua palavra de que, se matassem, seria em último recurso.

Fiquei surpreso ao constatar que tínhamos até um Colt 45, visto que ninguém trouxera armas de fogo. Eu me desfizera das minhas havia muito tempo e nem sabia onde estavam. Acontecera, porém, que um dos cules que ajudavam a prover às nossas necessidades colocara duas pistolas na bagagem, e elas não tinham sido removidas.

CAPÍTULO 13

Emil, Jast e eu saímos mais tarde para ir ao templo e lá chegamos no dia seguinte, às 5:30 da tarde. Encontramos dois homens de certa idade, que tomavam conta de tudo e me

cederam cômodas instalações para passar a noite. Localiza-se o templo no topo de uma alta montanha; construído de pedra não-polida tem, segundo se afirma, mais de doze mil anos de idade. Está em perfeito estado de conservação. Um dos primeiros templos erguidos pelos mestres do Siddha, foi erigido por eles como um lugar aonde pudessem ir e gozar de um silêncio perfeito. O local não poderia ter sido mais bem escolhido. Situa-se no pico mais alto daquela parte das montanhas; a elevação acima do nível do mar é de 10.900 pés e fica mais de 5.000 pés acima do chão do vale. Nas últimas sete milhas, tive a impressão de que a trilha seguia diretamente morro acima. Às vezes, levava-nos sobre vigas sustentadas por cordas amarradas em grandes blocos de pedra a cavaleiro da paisagem, e lançadas para o outro lado do penhasco; e estas sustentavam as vigas que serviam de caminho. Enquanto caminhávamos sobre elas, compreendi que estávamos, pelo menos, a seiscentos pés de altura no meio do ar. Em outras ocasiões éramos obrigados a subir escadas de vigas sustentadas por cordas presas mais em cima. A última subida, perpendicular, numa extensão aproximada de trezentos metros, foi realizada inteiramente em escadas feitas de vigas. Quando chegamos, tive a impressão de estar no topo do mundo.

Levantamo-nos antes do nascer do sol na manhã seguinte e, ao subir ao telhado do templo, esqueci tudo a respeito da subida da véspera. O templo estava situado de tal maneira na beira de um rochedo escarpado que, quando a gente estendia a vista ao redor, não via nada nos primeiros três mil pés abaixo do templo; dir-se-ia que este ficava suspenso no ar. Foi-me difícil persuadir-me a crer em outra coisa. A distância, viam-se três montanhas sobre as quais, segundo me disseram, se localizavam templos semelhantes àquele, mas tão distantes que eu não conseguia vê-los nem com meus binóculos de campanha. Emil calculou que um dos outros grupos devia ter alcançado o templo na montanha mais afastada mais ou menos na hora em que chegamos aqui na véspera e que o nosso Chefe estava no grupo. E acrescentou que, se eu desejasse comunicar-me com ele, poderia fazê-lo, já que, naquele momento, eles estavam de pé no telhado do seu templo, exatamente como nós no nosso. Tomei do meu caderno e nele escrevi que estava de pé no telhado de um templo, a 10.900 pés acima do nível do mar, e tinha a impressão de que o templo se achava suspenso no ar; a hora era exatamente 4:55 da manhã pelo meu relógio e o dia, 2 de agosto, sábado. Emil leu a mensagem e permaneceu em silêncio por um momento; logo veio a resposta: "Hora 5:01 da manhã, pelo meu relógio; lugar suspenso no ar, a 8.400 pés acima do nível do mar; data, 2 de agosto, sábado. Vista maravilhosa, mas situação estranhíssima."

Disse Emil, então: "Se estiverem de acordo, levarei esta nota e trarei a resposta quando voltar. Eu gostaria de conversar com o pessoal que está no templo se os senhores não se incomodam." Dei-lhe a nota de bom grado e ele desapareceu. Dalí a um hora e quarenta e cinco minutos reapareceu com uma nota do Chefe, segundo a qual Emil chegara lá às 5:16 da manhã e eles haviam passado um tempo maravilhoso especulando sobre o que viria depois.

Ficamos nesse templo três dias, durante os quais Emil visitou os outros grupos, levou notas minhas e voltou com as respectivas respostas.

Na manhã do quarto dia, preparamo-nos para voltar à aldeia onde eu deixara meus companheiros. Descobri que Emil e Jast desejavam ir a outra aldeiazinha, localizada no vale, a umas trinta milhas de onde a nossa trilha abandonava a trilha do vale. Sugeri que me deixassem acompanhá-los. Acampamos naquela noite na cabana de um pastor de carneiros e nos levantamos e partimos cedo, na manhã seguinte, a fim de chegar ao nosso destino antes do escurecer do outro dia, visto que iríamos a pé. Não teria sido possível usar cavalos na viagem ao templo, de modo que os tínhamos deixado na aldeia.

Por volta das dez horas da manhã desencadeou-se uma pesada tempestade elétrica, que dava a impressão de que logo cairia um tremendo aguaceiro, o que não aconteceu. A região pela qual estávamos passando era densamente coberta de matas e o chão se revestiu de um capim grosso e seco. A região dir-se-ia excepcionalmente seca. A incidência dos raios queimou o capim numa série de lugares e, antes que déssemos pela coisa, vimo-nos virtualmente rodeados de uma floresta em chamas. Dalí a pouco, o fogo, rugindo feito louco, começou a fechar-se sobre nós, vindo de três lados com a rapidez de um trem expresso. A fumaça depositava-se em nuvens grossas e eu me quedei desnortado e em pânico. Emil e Jast continuaram frios e senhores de si, e isso me tranqüilizou um pouco. Eles disseram: "Existem duas maneiras de escapar. Uma delas consiste em tentar chegar ao vale mais próximo, onde a água flui através de um desfiladeiro profundo. Se pudermos alcançar o desfiladeiro, que dista umas cinco milhas daqui, poderemos, com toda a probabilidade, chegar a um lugar seguro até que o fogo se consuma sozinho. A outra maneira consiste em atravessar o fogo conosco se os senhores se fiarem de que os manteremos sãos e salvos até chegarmos ao outro lado."

No mesmo instante, todo o medo me deixou, pois compreendi que aqueles homens se tinham

mostrado dignos de confiança em todas as emergências. Atirando-me, por assim dizer, inteiramente sob a sua proteção, coloquei-me entre eles e seguimos o caminho que parecia rumar para onde o fogo rugia mais furioso. Subitamente, abriu-se um grande arco à nossa frente, que seguia diretamente através do fogo, sem nenhuma inconveniência para nós, nem da fumaça nem do calor, nem mesmo dos galhos em chamas espalhados ao longo da trilha debaixo dos nossos pés. Atravessamos, pelo menos, seis milhas dessa área varrida pelo fogo. Eu tinha a impressão de estar caminhando calmamente ao longo da trilha como se não houvesse fogo nenhum rugindo à nossa volta. Isso prosseguiu até cruzarmos um pequeno curso d'água, quando nos vimos livres do fogo.

Enquanto atravessávamos o fogo, Emil me disse: "Não vê o senhor como é fácil usar a lei superior de Deus para substituir uma lei inferior quando, na verdade, precisamos da primeira? Elevamos agora as vibrações de nossos corpos a uma vibração mais alta que a do fogo, e este não nos pode fazer mal. Se inteligências mortais pudessem ver-nos agora, pensariam que desaparecemos quando, na realidade, nossa identidade continua sendo o que sempre foi. De fato, na realidade não vemos diferença. Foi o conceito das inteligências mortais que perdeu contato conosco. Pudessem eles ver-nos como somos, e pensariam, sem dúvida, que tínhamos subido. Na realidade, é o que acontece. Subimos a um plano de consciência em que o mortal perde contato conosco. Todos podem fazer o que estamos fazendo. Usamos uma lei que nos foi dada pelo Pai para que a usemos. Somos capazes de usar essa lei para transportar nosso corpo através de qualquer espaço. É a lei que usamos quando o senhor nos vê aparecer e desaparecer, ou, como lhe chamam, aniquilar o espaço. Simplesmente superamos dificuldades erguendo a nossa consciência acima delas e, desse jeito, somos capazes de superar ou passar por cima de todas as limitações que o homem, com a consciência mortal, colocou sobre si mesmo."

A mim me pareceu que passávamos pelo chão como se nossos pés apenas o tocassem. Quando nos vimos a salvo do outro lado da corrente, livres do fogo, minha primeira impressão foi a de haver acordado de um sono profundo e ter sonhado tudo; pouco a pouco, porém, despertei para a compreensão dos fatos, e o seu verdadeiro significado despontou na minha consciência. Encontramos um lugar ensombreado na margem do curso d'água, almoçamos, descansamos durante uma hora e continuamos na direção da aldeia.

CAPÍTULO 14

A aldeia mostrou-se muito interessante, uma vez que nela existem certos registros berra preservados, os quais, traduzidos, nos parecem provar, de forma concludente, que João Batista residiu lá por uns cinco anos. Depois disso, fomos ver registros, que mandamos traduzir, e que nos pareciam atestar irrefutavelmente que ele morou nesta região cerca de doze anos. Mais tarde ainda nos mostraram registros que pareciam provar que João Batista passou temporariamente com esse povo pelo Tibete, pela China, pela Pérsia e pela Índia no correr de um espaço de tempo aproximado de vinte anos. De fato, sentimo-nos a ponto de seguir quase a mesma rota seguida por ele, segundo os registros deixados e preservados. Estes eram tão interessantes que voltamos às diversas aldeias, fizemos uma busca minuciosa e acabamos descobrindo, confrontando os dados assim obtidos, que podíamos compilar um mapa exato de suas viagens enquanto ele esteve com esse povo. Por vezes, os acontecimentos eram trazidos de forma tão vívida à nossa presença que podíamos imaginar-nos palmilhando o mesmo chão e seguindo a mesma rota palmilhada e seguida por João há tanto tempo.

Paramos nessa aldeia três dias, em cujo decorrer, uma ampla visão do passado desdobrou-se diante de mim. Pude ver os ensinamentos retrocedendo no passado obscuro até o mesmo princípio de onde tudo proveio, até a Fonte ou Substância única, Deus. Pude ver as diferentes ramificações desses ensinamentos apresentadas por diversas pessoas cada qual acrescentando o seu conceito, que supunha pertencer-lhe, revelado a ele por Deus ou uma revelação direta de Deus só para ele, cada qual achando que possuía a única mensagem verdadeira e ser o único a dá-la ao mundo. Dessa maneira, os conceitos mortais foram misturados à verdadeira revelação pretendida e daí resultaram a diversidade e a desarmonia. E pude ver aquela gente, os Mestres, firmes sobre a rocha da verdadeira espiritualidade, percebendo que o homem é realmente imortal; sem pecado, impercível, imutável, eterno, imagem e semelhança de Deus. Pareceu-me que uma pesquisa adicional provará que esse grande povo preservou e transmitiu a verdade, ao longo dos séculos, em estado não-adulterado. Eles não se proclamam donos de tudo o que pode ser dado nem pedem a ninguém que aceite alguma coisa, a não ser que possam provar as próprias palavras e fazer o trabalho dos Mestres. Não reivindicam nenhuma autoridade a não ser as obras reais que executam.

Depois de três dias, descobri que Emil e Jast estavam prontos para retornar à aldeia onde tínhamos deixado meus companheiros. Sua missão na aldeia fora uma pura missão de cura e não havia dúvida de que eles teriam podido fazer a excursão ao templo e à aldeia em muito menos tempo do que o que tínhamos levado. Mas como eu não podia fazê-lo do modo deles, eles tinham feito o meu.

Chegamos à aldeia e encontramos meus companheiros à nossa espera. A busca que haviam feito dos homens de neve frustrara-se. Depois de procurá-los em vão durante cinco dias, tinham desistido, desgostosos, e já estavam voltando para a aldeia quando sua atenção foi chamada para o que parecia ser a forma de um homem, esboçada contra o céu, numa serrania a uma milha de distância. Antes que pudessem ter-se valido dos binóculos de campanha para observá-la melhor, a forma desaparecera, de sorte que só puderam obter dela uma visão momentânea e imperfeita. Essa visão deu-lhes a impressão de ver um macaco coberto de pêlos. Correram para o lugar mas não encontraram nenhuma outra evidência. Conquanto passassem o resto do dia vasculhando a região, não conseguiriam encontrar nenhuma outra prova e renunciaram à busca.

Depois de ouvirem meu relato, meus companheiros quiseram voltar ao templo, mas

El prometeu-lhes que visitaríamos um templo semelhante àquele nos próximos dias, e eles desistiram da segunda excursão.

Um bom número de pessoas das regiões vizinhas se congregara na aldeia para curar, visto que mensageiros tinham saído com a notícia do salvamento dos quatro capturados pelos homens da neve. Ficamos parados no dia seguinte, comparecemos à assembléia, presenciemos curas notáveis. Uma jovem de seus vinte anos de idade, que tivera os pés congelados por efeito do inverno anterior, teve-os restaurados. Pudemos realmente ver a carne crescer até os pés recuperarem o tamanho normal e lhe permitirem caminhar com toda a facilidade. Duas pessoas cegas recuperaram a visão. Uma delas, segundo nos contam, nascera cega. E houve ainda certo número de casos menores curados.

Todos pareciam profundamente impressionados pelo trabalho. Encerrada a assembléia,

perguntamos a Emil se havia muitos convertidos. Ele respondeu que um bom número fora realmente ajudado, o que lhes despertara o interesse. Tornar-se-iam, por algum tempo, trabalhadores da causa, mas a maior parte não tardaria a voltar ao antigo modo de vida, visto acharem que teria sido um esforço excessivo assumir o trabalho para valer. Essas pessoas, quase todas, têm uma existência fácil, descuidada, e um por cento delas, mais ou menos, professa acreditar que está trabalhando a sério. Os restantes dependem inteiramente de outros para ajudá-los quando se metem em encrencas. É neste ponto que reside grande quantidade de seus problemas. Dizem os Mestres que eles podem assistir a todos os que realmente precisam de ajuda, mas não podem fazer o trabalho de ninguém. Eles podem contar a outros a abundância que lhes está reservada, mas para identificar-se realmente com ela, cada indivíduo precisa aceitá-la, prová-la pessoalmente, conhecendo a de fato e realizando os trabalhos.

CAPÍTULO 15

Sáímos da aldeia na manhã seguinte e dois aldeões que pareciam ter-se interessado pelo trabalho nos acompanharam. A tardinha do terceiro dia, chegamos a uma aldeia, doze milhas distante da aldeia em que eu examinara os registros relativos a João Batista. Eu queria muito que meus companheiros os examinassem também, de modo que decidimos voltar para lá, e Jast acompanhou-nos. Depois de estudar os documentos, meus companheiros ficaram muito impressionados e nós planejamos mapear e seguir as viagens tais como estavam delineadas nos registros.

Nessa tarde, o Mestre, que estava com o quarto grupo, veio passar a noite conosco. Trouxe também mensagens do primeiro e do terceiro grupos. Nascera e crescera na aldeia; seus antepassados tinham redigido os registros, que permaneciam na família desde esse tempo. Dizia-se que ele pertencia à quinta geração a contar do redator e que nenhum membro da família experimentara a morte. Todos tinham levado os respectivos corpos consigo e podiam voltar a qualquer momento. Perguntamos se seria um excessivo incômodo para o redator dos registros vir falar conosco. O Mestre disse que não, e combinamos a entrevista para aquela tarde.

Estávamos sentados havia apenas alguns momentos quando um homem, que julgamos ter, no máximo, trinta e cinco anos, apareceu de repente na sala. Foi-nos apresentado

e todos lhe apertaram as mãos. Estávamos fascinados pelo seu aparecimento, pois o tínhamos imaginado velhíssimo. Com uma estatura acima da média, exibia traços rugosos no rosto, o mais bondoso que eu já vira em alguém. Havia força de caráter em cada movimento seu. Todo o seu ser emitia uma luz que ia muito além do nosso poder de compreensão.

Antes de nos sentarmos, Emil, Jast e os dois estranhos apertaram as mãos no centro da sala e ficaram-se em absoluto silêncio por alguns instantes. Em seguida, todos se sentaram e o homem que surgira na sala tão de repente começou dizendo: "Os senhores solicitaram esta entrevista para obter melhor compreensão dos documentos lidos e interpretados a seu pedido. Direi que esses registros foram feitos e guardados por mim; e os que se referem à grande alma de João Batista, que tanto parecem surpreendê-los, são ocorrências reais do tempo em que ele esteve aqui conosco. Mostram as informações que era um homem de amplos conhecimentos e um intelecto maravilhoso. Vislumbrou a verdade do nosso ensino mas, aparentemente, nunca chegou ao seu verdadeiro entendimento pois, se o tivesse feito, jamais teria experimentado a morte. Estive sentado nesta sala ouvindo João e meu pai conversarem, e aqui ele recebeu muita coisa dos seus ensinamentos. Aqui meu pai passou e levou o corpo consigo e João assistiu ao seu passamento.

"Ninguém da minha família, nem por parte de meu pai nem por parte de minha mãe, deixou de levar o corpo consigo ao passar. Esse passamento significa o aperfeiçoamento espiritual do corpo até tornar-se tão consciente do profundo significado espiritual da Vida ou de Deus, que passa a ver a vida como Deus a vê; quando alguém tem o privilégio de receber o mais alto ensino deste reino é capaz de ajudar a todos. (Nunca descemos deste reino, pois os que o alcançaram nunca desejam descer.) Sabem que a vida é progresso, um ir para a frente; não há regresso e ninguém deseja empreendê-lo.

"Todos estendem a mão para ajudar os que se esforçam ao máximo por obter mais luz, e as mensagens que mandamos de contínuo para o Universal estão sendo hoje interpretadas pelos filhos de Deus que são receptivos em toda a parte do mundo. Tal é o principal objetivo de quem quer alcançar este reino ou estado de consciência, pois somos capazes de ajudar a todos de algum modo. Podemos falar e falamos com os receptivos e doutrinamos os que elevam a consciência, seja através do próprio esforço, seja pela assistência de outrem. Outra pessoa não pode fazer o trabalho pelos senhores, nem carregá-los indefinidamente. Os senhores precisam decidir fazer o trabalho por si mesmos e, em seguida, fazê-lo. Serão livres e terão confiança em si. Quando todos se conscientizarem, como o fez Jesus, de que o corpo é um corpo espiritual e indestrutível, e se mantiverem conscientizados, seremos capazes de comunicar-nos com todos e transmitir os ensinamentos que recebemos a um número maior de pessoas. Temos o privilégio de saber que todos podem realizar tudo o que realizamos e, por esse modo, resolver cada problema da vida; e o que foi considerado difícil e misterioso será havido por simples.

"Não pareço, aos seus olhos, diferente de nenhum outro homem que os senhores encontram todos os dias, como também não vejo nenhuma diferença nos senhores."

Dissemos que julgávamos ver nele alguma coisa muito mais requintada. Ele respondeu: "Isso é apenas o mortal comparado com o imortal do homem. Se os senhores quisessem apenas procurar a qualidade de Deus e não fazer nenhuma comparação, veriam todo ser humano como me vêem; ou, se procurassem o Cristo em cada rosto, produziriam a qualidade de Cristo, ou de Deus, em todos. Não fazemos comparações; vemos tão-somente a qualidade de Cristo ou de Deus em todos a todo momento e, dessa maneira, estamos fora da visão dos senhores. Vemos a perfeição ou temos a visão perfeita, ao passo que os senhores vêem a imperfeição ou têm a visão imperfeita. Enquanto não entrarem em contato com alguém capaz de instruí-los, enquanto não puderem elevar sua consciência até

onde podem ver-nos e conversar conosco, como estão fazendo agora, nosso ensinamento lhes parecerá uma simples inspiração. Mas não se trata de inspiração quando conversamos, u tentamos conversar com alguém. Isso pertence apenas à natureza da instrução, que leva o ponto em que a verdadeira inspiração pode ser recebida. Só é inspiração quando vem diretamente de Deus e os senhores deixam Deus expressar-se através dos senhores; nesse momento, estão conosco.

"A imagem ideal da flor em seus menores detalhes está dentro da semente e precisa expandir-se, multiplicar-se, expor-se e ser conduzida ao estado de flor perfeita por uma preparação contínua. Quando a imagem interior é completa em seus mínimos pormenores, a flor se apresenta linda. Da mesma maneira, Deus conserva em mente a imagem ideal de cada criança, a imagem perfeita, por cujo intermédio Ele deseja expressar-se. Podemos conseguir mais dessa forma ideal de expressão do que a flor, se deixarmos Deus se expressar através de nós na forma ideal que Ele concebeu para nós. Somente quando pegamos as coisas nas mãos é que começamos os problemas e dificuldades. Isto não é apenas para

um, ou para poucos; é para todos. Foi-nos mostrado que não somos diferentes dos senhores. A diferença é de compreensão, nada mais.

"Todos os diversos ismos, cultos e credos, todos os diferentes ângulos de todas as crenças, são todos bons, pois acabarão conduzindo seus seguidores à compreensão de que debaixo de todos existe um fator profundo de realidade que se perdeu, um algo profundo que não foi contactado ou que eles deixaram de contactar e que justamente lhes pertence, que eles podem e devem possuir legitimamente. Vemos que essa mesma coisa acabará conduzindo o homem à posse de tudo. O próprio fato de saber o homem que há alguma coisa para possuir, que pode ser possuída e que ele não possui o orientará até que ele a tenha. Dessa maneira se dão todos os passos para a frente em todas as coisas. A idéia é primeiro transferida da consciência de Deus para a consciência do homem e ele vê que existe algo à sua frente; basta-lhe prosseguir. Aqui o homem costuma disparatar e não reconhece a fonte da qual derivou a idéia, mas acha que ela veio, toda ela, de dentro de si mesmo. Ele se afasta de Deus e, em vez de deixar que Deus expresse através dele a perfeição que lhe destina, continua e expressa à sua maneira e produz imperfeitamente o que deveria ser perfeitamente trabalhada ou manifestada.

"Se ele compreendesse que toda idéia é uma expressão direta e perfeita de Deus e, assim que ela lhe chegasse, fizesse dela, imediatamente, o seu ideal para ser expresso por Deus, depois tirasse dela suas mãos mortais e deixasse Deus expressar, através dele, a maneira perfeita, o ideal se apresentaria perfeito. Aqui precisamos compreender que Deus está acima do mortal e que o mortal não pode fazer nada a respeito. Desse modo, o homem aprenderia, num curto espaço de tempo, a expressar a perfeição. A única grande coisa que o homem precisa aprender é sair para sempre das forças psíquicas ou mentais e expressarse diretamente com a ajuda de Deus, pois todas as forças psíquicas são criadas inteiramente pelo homem e tendem a se desencaminhar."

CAPÍTULO 16

Aqui terminou a conversa, ficando entendido que todos se reuniriam à hora do desjejum. Levantamo-nos cedo na manhã seguinte e às 6:30 já estávamos preparados para a primeira

refeição do dia. Ao deixarmos nossos aposentos, topamos com os nossos amigos, que seguiam na mesma direção, caminhando e conversando como se fossem mortais comuns. Eles nos saudaram e nós expressamos surpresa por encontrá-los daquele jeito. A resposta foi: "Somos apenas homens como os senhores. Por que persistem em olhar para nós como se fôssemos diferentes? Não diferimos em nada dos senhores, apenas desenvolvemos nossos poderes dados por Deus, mais extensamente do que os outros."

Perguntamos: "Por que não podemos fazer as obras que vimos os senhores fazerem?" E eles responderam: "Por que nem todos aqueles com os quais entramos em contato continuam e realizam as obras? Não podemos nem queremos forçar ninguém a adotar a nossa maneira de ser; todos são livres para viver e seguir o caminho que lhes parece melhor. Tentamos apenas mostrar a maneira fácil e simples, a maneira que experimentamos e que achamos muito satisfatória."

Fomos para o desjejum e a conversação derivou para as ocorrências comuns de todos os dias. Confesso que fiquei muito espantado. Ali estavam quatro homens sentados à nossa frente à mesa. Um vivera nesta terra cerca de mil anos. Aperfeiçoara de tal modo o próprio corpo que era capaz de levá-lo consigo onde quisesse; um corpo que ainda conservava a vitalidade e a juventude de um homem de trinta e cinco anos, cuja perfeição se completara dois mil anos antes. Ao lado dele estava sentado um homem que era o quinto na linha de descendência regular da família mencionada em primeiro lugar. O segundo vivera nesta terra por mais de setecentos anos e ninguém diria que o seu corpo tinha mais de quarenta. Conversavam conosco do mesmo modo que qualquer um conversaria. Havia Emil, que vivera mais de quinhentos anos e parecia ter, no máximo, quarenta; e Jast, que orçava pelos quarenta e dava a impressão de ter essa mesma idade. Todos palestravam como se fossem irmãos, sem nenhuma sugestão de superioridade, bondosos, singelos e, todavia, bem-fundamentados e lógicos em cada palavra que pronunciavam, sem traço nenhum de misticismo ou de mistério - simplesmente seres humanos despretensiosos em intercâmbio diário uns com os outros. Mesmo assim eu mal podia compenetrar-me de que tudo aquilo não era um sonho.

Terminado o desjejum, quando nos levantamos da mesa, um dos meus companheiros ameaçou pagar a refeição. Emil interveio: "Os senhores aqui são nossos hóspedes." E estendeu para a senhora que estava servindo o que nos pareceu ser uma mão vazia; mas quando olhamos para ela pela segunda vez, vimos que havia nela exatamente a soma necessária para pagar a conta. Descobrimos que nossos amigos não carregavam dinheiro, nem dependiam dos outros para o seu sustento. Quando tinham necessidade de dinheiro, este se achava logo à mão, criado a partir do Universal.

Sáímos da casa e o homem que estava com o grupo nº 5 apertou-nos as mãos e, alegando precisar retornar ao seu grupo, desapareceu. Tomamos nota do momento do desaparecimento e, mais tarde, verificamos que ele se juntou ao grupo dez minutos depois de haver-nos deixado.

Passamos o dia com Emil, Jast e o nosso amigo dos registros, como lhe chamávamos, passeando pela aldeia e arredores, quando este último nos contou, com minúcias, muitos casos acontecidos durante os doze anos que João passara na aldeia. Com efeito, tão vividamente foram esses casos trazidos à nossa mente que se tinha a impressão de que estávamos de volta ao passado indistinto, caminhando e falando com essa grande alma, que para nós, antes disso, não parecera senão um personagem mítico conjurado da mente dos que só pretendiam mistificar. A partir desse dia, João Batista passou a ser um personagem vivo e real para mim, tão real que creio poder agora vê-lo realmente caminhando pelas ruas da aldeia e pelos arredores e recebendo o doutrinamento de grandes almas ao seu lado, as mesmas com que caminhávamos pelas ruas da aldeia e pelos arredores naquele dia, embora incapazes de captar a verdade fundamental de tudo aquilo.

Depois de percorrer grandes distâncias a pé durante todo o dia, ouvindo as mais interessantes ocorrências históricas e registros lidos e traduzidos ali mesmo onde os incidentes se haviam verificado milhares de anos antes, regressamos à aldeia logo antes do escurecer, moídos de cansaço. Os três amigos que estavam conosco e tinham percorrido o mesmo caminho, não demonstravam o menor sinal de fadiga. Ao passo que nós estávamos sujos, cobertos de poeira e suados, eles se achavam frios e à vontade, com roupas tão brancas, frescas e imaculadas como quando tínhamos começado a andar pela manhã.

Já tínhamos observado, em todas as nossas viagens com essas pessoas, que nenhuma das suas roupas se sujava. Tínhamos comentado o fato uma porção de vezes, mas ninguém nos respondera coisa alguma até essa tarde, quando, em resposta a uma observação feita, o nosso amigo dos registros disse: "Pode parecer notável para os senhores, mas parece muito mais notável para nós que uma partícula da substância criada por Deus adira a outra partícula das criações de Deus onde ela não é desejada e a que não pertence. Com o conceito certo, isto não poderia acontecer, pois nenhuma parte

da substância de Deus pode ser malcolocada ou colocada onde não a desejam."

No mesmo instante, percebemos que nossas roupas e nossos corpos estavam tão limpos quanto os deles. A transformação, pois para nós era uma transformação, tinha-se registrado no mesmo instante nos três igualmente enquanto estávamos ali. Toda a fadiga nos deixou e nos sentimos tão restaurados como se tivéssemos levantado da cama naquele momento e tivéssemos tomado nosso banho matutino.

Ali estava a resposta a todas as nossas perguntas. Acredito que nos recolhemos nessa noite com a sensação mais profunda de paz que já tínhamos experimentado em toda a nossa convivência com essa gente; e o nosso sentimento de temor respeitoso estava dando rapidamente lugar ao amor mais profundo àqueles corações simples e bondosos, que faziam tanta coisa para o bem da humanidade, ou dos seus irmãos, como eles diziam. Começamos a vê-los como se fossem nossos irmãos. Eles não assumiam o crédito de coisa alguma e diziam que era Deus que se expressava por seu intermédio. "Por mim mesmo não posso fazer nada. É o Pai que mora dentro de mim que faz todo o trabalho."

CAPITULO 17

Levantamo-nos na manhã seguinte com todas as faculdades alertadas pelo interesse e pela admiração por tudo o que aquele dia prometia revelar. Tínhamos começado a ver em cada dia a revelação de uma descoberta e tínhamos a impressão de que estávamos apenas começando a compreender o profundo significado das coisas que estávamos experimentando.

Durante o desjejum, fomos informados de que iríamos a uma aldeia situada num plano ainda mais alto das montanhas e, dali, visitaríamos o templo localizado sobre uma das montanhas que eu vira enquanto estivera de pé no telhado do templo já descrito. Disseram-nos que só nos seria possível usar os cavalos nas primeiras quinze milhas da jornada; e que dois aldeões iriam conosco até essa distância e levariam os cavalos para outra aldeia, mais adiante, e cuidariam deles em nossa ausência. Entregamos os cavalos aos

aldeões no lugar indicado e começamos a escalar, rumo à aldeia, a estreita trilha da montanha, que, de vez em quando, não era mais que uma escada talhada na rocha. Alojamos-nos, nessa noite, numa cabana localizada na crista de um ponto mais ou menos a meio caminho entre o lugar onde havíamos deixado os cavalos e a aldeia do nosso destino.

O guarda da cabana era gordo, velho e encantador; tão gordo e roliço, na verdade, que parecia rolar em vez de andar, e mal podíamos afirmar que possuísse olhos. Tão logo reconheceu Emil, pôs-se a implorar que o curasse, dizendo, segundo nos contaram mais tarde, que, se não obtivesse ajuda, morreria com certeza. Contaram-nos que ele e os seus ascendentes vinham mantendo a cabana e servindo ao público havia centenas de anos, e que fazia mais ou menos setenta que ele era o encarregado de cuidar do alojamento. Mais ou menos na época em que assumira a guarda da cabana, fora curado de uma doença que se dizia ingênita e se supunha incurável. Mostrara-se trabalhador muito ativo durante cerca de dois anos, mas depois, aos poucos, perdera o interesse e passara a depender de outros para ajudá-lo a safar-se das dificuldades. Esse estado de coisas se prolongara por uns vinte anos e ele parecia prosperar e gozar da melhor das saúdes quando, de repente, recaiu nos velhos hábitos de não fazer o esforço necessário para despertar da sua letargia. Constatamos que o caso dele era apenas um nítido exemplo de milhares de outros. Essa gente vive com simplicidade e facilidade, e tudo o que requer esforço passa a ser, muito rapidamente, um fardo. Logo perde o interesse e seu pedido de ajuda se torna num som mecânico, em lugar de ser alguma coisa pronunciada com sentido ou desejo intensos.

Nós nos levantamos e nos pusemos a caminho muito cedo na manhã seguinte, e às quatro horas da tarde nos encontramos na aldeia, com o templo do nosso destino empoleirado num pináculo rochoso, quase suspenso no ar. De fato, tão íngremes eram as paredes que só se podia chegar ao templo numa cesta amarrada a uma correia, que descia por intermédio de uma polia sustentada por uma viga de madeira bem fincada nas rochas. Enquanto uma ponta da correia fora amarrada a um molinete, a outra passava por cima da polia e estava ligada à cesta, que era arriada e içada dessa maneira. O molinete localizava-se num pequeno compartimento talhado na rocha sólida do ressalto que se projetava para a frente, de modo que encimava as paredes da rocha. O guindaste de madeira a que a polia estava presa oscilava para fora, de sorte que a correia e cesta desobstruíam a saliência possibilitando o içamento da carga e seu descarregamento; em seguida, a cesta e a carga, empurradas para dentro, pousavam com segurança no topo da saliência no compartimento talhado na rocha com essa finalidade. O rebordo rochoso adiantava-se acima das paredes de modo que a cesta balançava em pleno ar a cinquenta ou sessenta pés de altura ao subir ou descer. A um determinado sinal, a cesta foi arriada; entramos nela e fomos içados, um por um, até a saliência da rocha, quatrocentos pés acima.

Quando pusemos os pés na saliência, começamos a olhar à nossa volta, à procura de alguma trilha que nos levasse ao templo, cujas paredes podíamos ver no mesmo nível da parede de rocha que ainda avultava a uns quinhentos pés acima de nós. Comunicaram-nos que realizaríamos a subida de maneira semelhante à já descrita. Enquanto olhávamos, um braço de guindaste correspondente ao braço sobre a cornija onde nos encontrávamos projetou-se para fora, uma corda foi descida e amarrada à mesma cesta, e nós fomos içados, um por um, e depositados no telhado do templo, quinhentos pés acima. Tive novamente a impressão de estar no topo do mundo. O templo localizava-se num pináculo de rocha e erguia-se novecentos pés acima de todas as montanhas circunjacentes. A aldeia que tínhamos deixado novecentos pés mais abaixo fora construída no ponto mais alto de um desfiladeiro da montanha, que se usava na travessia dos Himalaias. Descobrimos que esse templo ficava cerca de mil pés mais baixo que o que eu visitara com Emil e Jast, mas dele se

descortinava uma vista muito mais ampla. Do sítio em que estávamos dir-se-ia que podíamos olhar para o espaço infinito.

Fomos confortavelmente acomodados para passar a noite e nossos três amigos nos contaram que iam visitar alguns dos nossos companheiros e levariam todo e qualquer recado que desejássemos mandar. Escrevemos as mensagens, datando-as com cuidado, dando a nossa localização e incluindo a hora do dia. Quando lhes entregamos as mensagens eles apertaram-nos as mãos, prometeram voltar a ver-nos na manhã seguinte e desapareceram, um por um. Tomamos nota cuidadosamente da hora e do que tínhamos escrito e descobrimos depois que as mensagens chegaram ao seu destino vinte minutos depois de haverem deixado nossas mãos.

Depois de regalar-nos com um jantar copioso, servido pelos atendentes, recolhemos aos nossos aposentos, mas não para dormir, pois nossas experiências estavam começando a causar-nos profunda

impressão. Ali estávamos, a quase nove mil pés em pleno ar, sem nenhum ser humano por perto, com exceção dos atendentes, sem nenhum som exceto o de nossas vozes. Dir-se-ia que nem uma aragem perpassava por ali. Um dos meus companheiros disse: "Vocês se admiram de que eles tenham escolhido as localizações desses templos para lugar de meditação? O silêncio é tão intenso que quase podemos senti-lo. Trata-se por certo de um lugar em que se pode meditar." Em seguida, anunciou que ia sair um pouco para dar uma espiada pelos arredores. Saiu, mas voltou dali a alguns instantes, dizendo que a neblina, pesada, não o deixava ver nada.

Meus dois companheiros logo adormeceram, mas eu não conseguia dormir; por isso me levantei, vesti-me, saí para o telhado do templo e sentei-me com os pés pendentes sobre a parede. Filtrado pela neblina, o luar mal dava para eliminar o negrume carregado, que teria prevalecido se a lua não estivesse brilhando. Havia apenas luz suficiente para revelar os grandes bancos encapelados de cerração, que rolavam de um lado para outro, o bastante para lembrar-me de que eu não me achava suspenso no espaço, que um pouco mais abaixo a terra continuava como sempre, e que o lugar em que eu me sentara parecia, de um modo ou de outro, ligado a ela. Nisso, de repente, me pareceu ver um grande caminho de luz, cujos raios se ampliavam como um leque com a parte mais larga estendendo-se para mim; o lugar em que eu me sentara dava a impressão de ser, mais ou menos, o centro do raio, que não cessava de alargar-se, e o raio central era o mais brilhante de todos. Cada raio parecia projetar-se para a frente no seu curso até iluminar parte da terra. Cada um alumia uma porção particular da terra, até que todos se fundiram num grande raio branco. Olhando bem para a frente, vi que todos convergiram para o mesmo lugar, pouco a pouco, até terminarem num ponto central de luz branca tão intensa que se diria transparente e como cristal. A seguir, no mesmo instante, tive a impressão de estar de pé no espaço, olhando para tudo aquilo. Alongando a vista para longe, bem para longe e para baixo do raio branco, vi o que se parecia com espectros do passado remoto, marchando sempre para a frente, em números cada vez maiores, em sólidas fileiras, até alcançarem certo lugar; ali se separavam cada vez mais até encher todo o raio de luz e cobrir toda a terra. Todos pareciam emergir, a princípio, de um ponto branco central de luz. Pareciam vir desse ponto, primeiro um, logo à frente mais dois, depois outro; e assim por diante, até atingirem o lugar de ampla divergência, onde havia cerca de cem, lado a lado, em sólida fileira semelhante a um leque. Chegados ao ponto de maior separação, de repente, os raios se dispersaram e ocuparam todos os caminhos de luz continuando cada qual a marchar até parecer ocupar toda a terra. Depois de ocuparem toda a terra, os raios davam a impressão de alcançar sua maior extensão. Em seguida, foram-se estreitando cada vez mais até voltarem a convergir no mesmo ponto do qual tinham saído primeiro; completara-se o ciclo e

eles entraram de novo, um por um. Antes de entrar, formaram numa sólida fileira de cem, lado a lado, e foram-se fechando gradualmente até que se tornaram um, e esse um entrou na luz sozinho. Despertei de improviso e, achando que aquele era um lugar pouco seguro para sonhar, recolhi-me aos meus aposentos.

CAPITULO 18

Tínhamos pedido a um dos atendentes que nos despertasse ao primeiro sinal do romper da aurora; e antes que eu me desse conta do que estava acontecendo, ouvi uma batida à porta. Todos saltamos da cama, tão ávidos estávamos para assistir ao primeiro romper do dia desde o nosso alto poleiro. Vestimo-nos num abrir e fechar de olhos e precipitamo-nos para fora, para o telhado, feito três ansiosos meninos de escola. De fato, o alarido que fizemos espantou de tal maneira os atendentes que eles subiram num átimo para ver se estávamos todos de posse de nossas faculdades mentais. Desconfio que o estardalhaço que fizemos foi mais forte que qualquer outro que jamais perturbou a calma pacífica do velho templo, desde os dias em que foi construído, ou seja, como ficamos sabendo, havia mais de dez mil anos. Com efeito, o templo era tão velho que parecia fazer parte da rocha sobre a qual fora construído.

Quando chegamos ao telhado, não houve necessidade de pedir silêncio. Já à primeira vista, os olhos dos meus companheiros se arregalaram e sua boca se escancarou. Creio que se alguém tivesse olhado para os meus teria visto a mesma coisa. Esperei que eles falassem. Quase que num fôlego só veio a exclamação: "Puxa! estamos com certeza suspensos no ar." Eles confessaram sentir exatamente o que eu sentira no outro templo. Esquecidos por um momento de que tinham alguma coisa debaixo dos pés, tiveram a sensação de que estavam flutuando no ar. Um deles observou: "Não me admira que esses homens possam voar depois de experimentar isto."

Fomos despertados de nossos devaneios por uma risada e todos nos voltamos para encontrar Emil, Jast e o nosso amigo dos registros bem atrás de nós. Um dos meus companheiros caminhou rapidamente para eles, tentou agarrar as mãos de todos ao mesmo tempo, e exclamou: "Isto é maravilhoso! Não admira que os senhores sejam capazes de voar, depois de estar aqui por algum tempo." Eles sorriram e um deles respondeu: "Os senhores estão tão livres para voar quanto nós. Precisam apenas saber que têm o poder interior para fazê-lo, e usar esse poder." Voltamo-nos então para o panorama. O nevoeiro abaixara e flutuava em grandes ondas encapeladas na altura suficiente para que nem um metro de terra pudesse ser visto em parte alguma, e os movimentos dos bancos de névoa em toda a nossa volta dava-nos a sensação de que estávamos sendo transportados sobre asas silenciosas junto com a neblina. Ficando ali de pé e olhando para bem longe, perdia-se o sentido do que quer que houvesse debaixo dos pés e era muito difícil crer que não estávamos flutuando no espaço. Quando olhei com atenção, tive a impressão de que o meu corpo perdera todo sentido de peso e de que eu estava realmente flutuando acima do telhado. Eu me esquecera de tal modo de mim mesmo que, quando um membro do grupo falou, meus pés bateram no telhado com tanta força que senti os efeitos desse choque desagradável por vários dias depois.

No desjejum daquela manhã, decidimos ficar ali por mais três dias, visto que esperávamos visitar apenas outro local de interesse antes de ir para o encontro combinado. Ao ler as mensagens que Emil nos trouxera, ficamos sabendo que o grupo do nosso Chefe visitara esse templo três dias antes. Depois do desjejum, saímos e encontramos a cerração em vias de clarear. Quedamo-nos a observá-la até que ela se foi completamente

o sol apareceu. Pudemos ver o nicho da aldeiazinha ali perto, abaixo do penedo, e o
ale mais embaixo.

Nossos amigos decidiram visitar a aldeia e nós perguntamos se podíamos ir com eles. Eles riram-se e responderam que sim, que poderíamos, embora achassem que seria preferível usarmos a cesta, pois teríamos uma aparência melhor se o fizéssemos do que se tentássemos descer pelo sistema de viagem deles. Por isso descemos, um a um, até a saliência do penhasco, depois até o pequeno platô

que ficava logo acima da aldeia. Assim que o último de nós pôs o pé para fora da cesta, vimos ali nossos amigos. Chegamos à aldeia e ali passamos a maior parte do dia. Era um lugar invulgar e antigo, típico desses distritos de montanha, com as casas construídas cavando-se o lado do rochedo e depois fechando a abertura com paredes de rocha. Havia, ao todo, umas vinte casas. Contaram-nos que elas eram construídas dessa maneira a fim de impedir que fossem esmagadas pelas neves pesadas do inverno. Os aldeões não tardaram a reunir-se e Emil conversou com eles por alguns momentos. Ficou combinado que se realizaria uma reunião na tarde seguinte e enviaram-se mensageiros para notificar os vizinhos que desejassem comparecer.

Informaram-nos de que João Batista vivera nessá aldeia e recebera instrução no templo, que continuava igual àquele em que João recebera sua instrução. Mostraram-nos onde sua casa tinha sido derrubada. Nessa tarde, quando regressamos ao templo, o tempo ficara tão claro que pudemos divisar amplo trecho de terra e mostraram-nos a trilha usada por João para ir ao templo e as diversas aldeias em que vivera. Supunha-se que o templo fora construído e a aldeia estabelecida havia mais de seis mil anos antes que João a visitasse. Mostraram-nos a trilha que seguiríamos quando partíssemos e nos disseram que era usada desde a construção do templo. Lá pelas cinco horas da tarde, nosso amigo dos registros anunciou que se ausentaria por algum tempo. Em seguida, apertou-nos as mãos, dizendo que logo nos vertamos, e desapareceu.

Nesse entardecer assisti, do telhado do templo, ao mais notável pôr-do-sol que já presenciei, e tenho tido a sorte de ver ocasos em quase todas as partes do mundo. A proporção que a noite se aproximava, uma névoa de luz principiou a juntar-se sobre uma fieira baixa de montanhas, que bordejava uma grande extensão de planaltos para os quais podíamos baixar os olhos. Quando o sol atingiu essa orla, estávamos, aparentemente, tão longe dela que era como se estivéssemos olhando diretamente para um mar de ouro derretido. Veio depois o resplendor crepuscular e cada pico de montanha pareceu envolver-se em chamas. Os mais distantes, cobertos de neve, pareciam estar debaixo de um cobertor de fogo e, onde as geleiras enchiam as ravinas, dir-se-ia que elas disparavam grandes línguas de fogo, cujas chamas se encontravam e fundiam com os diferentes matizes do céu. Os lagos que pontilhavam a planície, lá embaixo, transformaram-se, de súbito, em vulcões que vomitavam línguas de fogo, as quais subiam e iam misturar-se às cores do céu. Por um momento, tivemos a impressão de estar à beira de um inferno silente; depois, tudo se fundiu numa harmonia de cor, e a suave calma que se seguiu ultrapassava qualquer descrição.

Ficamos sentados no telhado até depois da meia-noite, fazendo perguntas a Emil e a Jast. Essas perguntas referiam-se principalmente ao povo e à história do lugar em

geral. Emil citou com liberalidade os seus registros, que provavam ter sido esta região habitada milhares de anos antes que a nossa história começasse. Emil prosseguiu dizendo: "Se bem que eu não queira, de maneira alguma, desacreditar a sua história nem os que as escreveram, e muito menos fazer pouco deles, digo que, no começo, os historiadores não se aprofundaram o bastante no passado, mas tomaram por certo que Egito significava o que o nome implicava, escuridão externa ou deserto. Na realidade, significava um deserto de pensamentos. Naquele tempo, como agora, grande porção do mundo era um deserto de idéias e eles não remontaram ao passado em busca do sentido mais profundo. Aceitavam o que viam ou ouviam ou o que transparecia à superfície, registravam-no, e sua história principiou. É muito difícil correlacionar as duas, e eu não tentaria dizer que os senhores precisam aceitar a nossa como autêntica. Sugiro antes que escolham por si mesmos."

A lua apareceu, então, sobre as montanhas ao longe. Nós nos sentamos e pusemos a observá-la, redonda e cheia, até que ela se colocou quase sobre nossas cabeças. Era uma bela visão com uma nuvem de luz ocasional, que passava por uma elevação logo acima de nós. Quando as nuvens deslizavam por ela, dir-se-ia que lua e nuvens estavam imóveis e que nós nos movíamos à sua frente. Isso continuou por cerca de uma hora quando, de repente, se ouviu um barulho como o de um objeto arremessado no telhado, atrás de nós. Erguemo-nos em pé e olhamos ao redor. Lá estava uma senhora de meiaidade, sorrindo e perguntando se nos assustara. Nossa primeira impressão era de que ela saltara no parapeito do telhado mas, na verdade, limitara-se a bater os pés para chamar a nossa atenção. O silêncio estivera tão intenso que tínhamos amplificado grandemente o som.

Emil deu logo um passo à frente, saudou-a e nos apresentou sua irmã. Ela sorriu e perguntou-nos se não havia invadido nossos sonhos. Nós, então, nos sentamos e, em pouco tempo, a conversa derivou para reminiscências das suas experiências. Ela tem três filhos e uma filha, criados no trabalho. Contou que os dois mais moços estão sempre com ela. Perguntamos se poderíamos vê-los. Ela respondeu que eles viriam naquela tarde; e imediatamente duas pessoas, um homem e uma mulher, apareceram. Cumprimentaram o tio e a mãe e, em seguida, se adiantaram e foram apresentados a nós três. O filho era um homem alto, ereto, viril, que calculamos beirasse os trinta anos de idade. A filha, sem ser alta, era delicada e exibia traços muito finos; moça bonita, equilibrada, que julgamos ter, quando muito, vinte anos de idade. Mais tarde, verificamos que o filho já completara cento e quinze e a filha cento e vinte e oito anos. Todos estariam presentes à reunião no dia seguinte e logo desceram.

Depois que eles se retiraram, fizemos comentários elogiosos ao filho e à filha. A mãe voltou-se para nós e disse: "Toda criança nascida é boa e perfeita. Não existem crianças más. Não importa se foram concebidas à maneira perfeita ou imaculada, ou se o foram através dos sentidos ou da maneira material. A primeira logo reconhecerá que é Filha do Pai, o Cristo ou Filho de Deus; em seguida se desenvolverá e desabrochará rapidamente e só verá perfeição. A segunda poderá também reconhecer imediatamente sua Filiação, perceber que o Cristo está nela, e poderá compreender sua perfeição idealizando o Cristo. Ela contempla o ideal, ama-o e acalenta-o até manifestar-se ou apresentar o que contempla, o Cristo. Ele renasce e é perfeito. Apresentou a perfeição que estava no seu interior, a perfeição que sempre esteve lá. A primeira aderiu ao ideal e foi perfeita; a segunda percebeu o ideal, expôs esse ideal e reconquistou a perfeição. Por conseguinte, nenhuma criança é má; todas são boas e vêm de Deus." Nessa altura, um membro do grupo lembrou que era hora de nos deitarmos, pois passava da meia-noite.

CAPÍTULO 19

As cinco horas da manhã seguinte nos encontraram reunidos todos sobre o telhado do templo. Depois das saudações matinais de praxe, formamos um círculo e, como era o costume habitual, foi lida uma seleção de textos. Nessa manhã, a seleção foi tirada dos registros do templo. Jast traduziu-os e ficamos surpresos ao constatar que a tradução correspondia rigorosamente ao primeiro capítulo de São João na nossa Bíblia, e a segunda leitura correspondia ao primeiro capítulo de Lucas. Terminada a leitura, perguntamos se podíamos ir buscar a Bíblia e cotejar as versões. Eles consentiram de pronto e, com a assistência de Jast, procedemos ao confronto e ficamos surpresos com a semelhança. Apenas havíamos terminado quando souo o chamado para o desjejum e nós entramos. Após o desjejum, preparamo-nos para descer à aldeia e, durante algum tempo, a comparação deixou nossas mentes.

Quando chegamos, encontramos um bom número de pessoas reunidas, vindas dos arredores, e Jast nos informou que eram quase todos pastores que apascentavam seus rebanhos nas altas montanhas no

verão, e o momento de deixar as regiões inferiores não tardaria. Disseram-nos que o tipo de reunião que seria realizado naquela tarde era sempre convocada antes que os pastores partissem.

Enquanto passeávamos pela aldeia, demos com o sobrinho de Emil, que sugeriu fizéssemos uma curta caminhada antes do almoço. Aceitamos prontamente o convite, pois desejávamos ver um pouco da região circunvizinha. Enquanto fazíamos o passeio, vários lugares nos foram indicados no vale como de interesse especial. Os nomes, traduzidos, eram muito parecidos com os primeiros da Bíblia, mas o verdadeiro significado de tudo isso só se nos apresentou quando voltamos, almoçamos e nos sentamos entre os que se haviam reunido.

Havia cerca de duzentas pessoas naquela assembléia, quando o restante dos nossos amigos do templo apareceu. Nesse momento, o sobrinho de Emil acercou-se de dois homens que seguravam o que se nos afigurava um livro grande. Quando ele se abriu, verificou-se que era uma caixa em forma de livro. Ele escolheu um pacote que consistia em folhas planas, lisas, como as de um manuscrito; em seguida, colocou a caixa no chão. O pacote foi passado a um dos homens. Este abriu-o e entregou a primeira folha ao sobrinho de Emil. Feita a leitura de cada folha, ela era entregue ao outro homem, que a colocava na caixa. A leitura prosseguiu, servindo Jast de intérprete. Ela não havia ido muito longe quando reparamos que apresentava uma semelhança notável com o Livro de São João. Seguiu-se outra, semelhante ao Livro de Lucas, depois outra semelhante ao de Marcos e, finalmente, outra semelhante ao Livro de Mateus.

Após a leitura, as pessoas formaram pequenos grupos e nós, em companhia de Jast, procuramos Emil, pois estávamos curiosos por conhecer o sentido de tudo aquilo. Disseram-nos que os registros eram lidos todo ano na reunião e que aquele lugar era o centro do país em que tais cenas tinham sido representadas muitos anos antes. Notamos a semelhança desses acontecimentos com os narrados na nossa Bíblia e foi-nos dito que não havia dúvida alguma de que algumas das primeiras cenas descritas na Bíblia tinham sido tiradas desses registros; mas que os acontecimentos de uma data posterior, como a Crucificação, tinham ocorrido alhures, sendo que o clímax de tudo se verificara no Nascimento e na Vida de Cristo. O primeiro pensamento de tudo aquilo era procurar o Cristo no homem e mostrar aos que se tinham afastado do ideal que o Cristo vivia neles como sempre vivera.

Emil continuou dizendo que não importa o lugar em que as cenas foram representadas, pois é o significado espiritual subjacente que queremos perpetuar.

Passamos o resto da tarde e o dia imediato fazendo comparações e tomando notas. O espaço não me permite incluir aqui as notas e comparações, mas o significado espiritual será compreendido pela leitura dos capítulos acima citados. Descobrimos que o pai do sobrinho de Emil, que leu os registros para nós, nascido na aldeia, era descendente direto de João e que algum membro da família costumava chegar à aldeia nessa ocasião e ler os registros. O templo que se erguia acima de nós era o mesmo que Zacarias e João haviam freqüentado.

Descobrimos que nossos amigos queriam seguir viagem, de modo que se combinou que Jast ficaria conosco e os demais prosseguiriam. Terminamos o estudo dos registros no dia seguinte e deixamos o templo de manhã cedo no outro dia. Postò que fosse muito cedo, quase todos os aldeões se tinham levantado para desejar-nos "Deus os proteja".

CAPÍTULO 20

Nos cinco dias subseqüentes, nossa trilha nos levou a cruzar o país que João atravessara. O quinto dia nos deixou na aldeia em que os cavalos estavam à nossa espera. Emil veio encontrar-se conosco e, a partir desse momento, a viagem foi relativamente fácil até a aldeia em que Emil morava.

À medida que nos avizinhamos da aldeia, pudemos ver que a região era mais densamente povoada e as estradas e trilhas muito melhores do que qualquer uma que já tivéssemos percorrido. Nosso caminho nos conduzia ao longo de um vale fértil, que seguíamos na direção do que se nos afigurava um platô do mesmo nível. Reparamos que o vale se estreitava gradativamente à medida que prosseguíamos e, por fim, as paredes ficaram tão próximas de cada lado do curso d'água que formavam um desfiladeiro. Por volta das quatro horas do dia em que chegamos à aldeia, topamos de repente com uma escarpa perpendicular, sobre a qual caía formando uma cascata de cerca de trezentos pés. O caminho levava para um lugar plano nas abas do rochedo, perto da cascata. Descobrimos que havia uma abertura cortada no arenito num ângulo de quarenta e cinco graus em relação ao platô acima e que tinham sido talhados degraus no chão da subida, de modo a facilitar ascensão. Grandes portas de pedra, colocadas de tal maneira que podiam ser fechadas na abertura das obras do rochedo, constituíam uma barreira formidável para um eventual invasor. Quando atingimos o platô, verificamos que a escada feita para subir a rampa era o único meio oferecido pelo vale de entrar ou sair dali. Em outra ocasião, tinham sido três os meios de acesso, mas os muros que rodeavam a aldeia, agora reconstruídos, impediam todos os acessos possíveis. Muitas casas da aldeia tinham sido construídas de tal jeito que a parede formava parte do muro que a circundava, e quando formavam parte do muro, as casas costumavam ter três andares de altura e só havia aberturas para janelas na parede do terceiro andar. Em cada abertura fora construído um balcão de tamanho suficiente para que duas ou três pessoas pudessem ocupá-lo comodamente. Imaginamos que os balcões tinham sido feitos de maneira que se pudesse manter uma vigilância contínua. Disseram-nos que o distrito fora habitado, em certa época, por uma tribo nativa, que se isolou das outras até

desaparecer como tribo, tendo sido alguns dos seus componentes assimilados por outras tribos.

Este era o lar de Emil e o lugar onde deveríamos encontrar-nos com os membros do nosso grupo, que se tinham dividido em grupos pequenos para cobrir uma porção maior de território. Quando perguntamos pelos outros, disseram-nos que tínhamos sido os primeiros a chegar e que os outros chegariam no dia seguinte. Fomos instruídos para ficar numa das casas construídas no muro da aldeia. As janelas do terceiro andar davam para uma região montanhosa e áspera na direção do sul. Instalaram-nos confortavelmente e nos comunicaram que o jantar seria servido no primeiro andar, ou térreo. Descemos e topamos com Emil, acompanhado da irmã, do marido dela, do filho e da filha, que tínhamos encontrado no templo alguns dias antes, sentados à mesa.

Assim que terminamos o jantar, ouvimos um tumulto na pracinha que fronteava a casa. Um dos

aldeões entrou e anunciou que nosso Chefe e o seu grupo tinham chegado. Eles foram muito bem instalados; e, em seguida, nos dirigimos todos para o telhado.

O sol já se pusera mas o resplendor crepuscular ainda se demorava sobre a terra. O panorama que avistávamos se diria uma larga bacia na confluência de certo número de rios que desciam em gargantas profundas desde as montanhas mais altas. Esses cursos d'água entravam todos no curso mais amplo, antes que este fluísse sobre a parede íngreme de rochas para o vale lá embaixo e assim formasse a cascata. O curso mais amplo emergia de um desfiladeiro profundo, e corria sobre o platô, umas poucas centenas de pés antes de mergulhar no precipício. Certa quantidade de cursos menores corria sobre as paredes perpendiculares do desfiladeiro, cortado pelo curso mais largo, formando quedas perpendiculares e, em alguns casos, torrentes que rugiam. Algumas caíam em verdadeiras grotas de cem ou duzentos pés, ao passo que outras haviam cortado caminho para a parede do desfiladeiro e caíam numa sucessão de cataratas. Bem no alto das montanhas, as ravinas estavam cheias de geleiras, que se projetavam como dedos gigantescos da grande cobertura de neve que envolvia o topo de toda a cordilheira. O muro de proteção da aldeia ligava-se ao do desfiladeiro maior e se projetava para fora sobre a planície lisa, depois corria para o rochedo, de cima do qual a água caía no vale, lá embaixo. No ponto em que este muro se juntava à parede do desfiladeiro, a montanha erguia-se, perpendicular, a uma altura de dois mil pés, criando assim uma barreira natural até onde a vista alcançava. Disseram-nos que o platô se estendia por sessenta milhas para o Leste e para o Oeste e, em alguns lugares, trinta milhas para o Norte e para o Sul; e a única outra possibilidade de acesso era na parte mais larga do platô, onde uma trilha passava sobre outro desfiladeiro, guardado por uma parede semelhante àquela em que estávamos.

Enquanto conversávamos sobre as vantagens da situação para a defesa, a irmã de Emil e sua filha vieram ter conosco e, um pouco depois, Emil, o marido e o filho de sua irmã apareceram. Notamos uma corrente de comoção e logo fomos informados pela irmã de Emil que eles estavam esperando uma visita de sua mãe naquela tarde. Disse ela: "Estamos tão felizes que mal podemos conter-nos, pois amamos muito a nossa mãe. Amamos todos os que conseguiram chegar às mais altas realizações extremosamente, porque eles são muito bons, muito nobres e muito serviçais, mas nossa mãe é tão doce e adorável, tão prestativa e amorosa, que não podemos deixar de amá-la mil vezes mais. Além disso, somos da sua carne e do seu sangue. Sabemos que os senhores também a amarão como nós a amamos." Perguntamos se ela vinha sempre. A resposta foi: "Sim, sempre que precisamos dela, mas está tão absorta em seu trabalho que só vem duas vezes por ano de moto próprio, e esta é uma das suas visitas semi-anuais. Ela deverá ficar uma semana desta vez, e estamos tão felizes que mal sabemos o que fazer."

Neste ponto, a conversação derivou para as experiências de nossos companheiros enquanto estivemos separados; e já nos havíamos aprofundado na discussão quando, de repente, o silêncio desceu sobre todos e, pouco antes de compreendi-o que se passava, surpreendemo-nos sentados, em completo silêncio, sem uma sugestão de quem quer que fosse. As sombras da noite tinham-se aglomerado até que o topo de neve da montanha mais distante pareceu um grande monstro branco na iminência de estender seus dedos de gelo e alcançar o vale que ficava embaixo. Do silêncio veio o delicado sibilar de um pássaro que pousava e tinha-se a impressão de que uma ligeira névoa se formava no parapeito oriental. A névoa, de improviso, assumiu forma e lá estava uma mulher, maravilhosamente, bela de rosto e de forma, irradiando uma luz tão intensa que mal podíamos olhar para ela. A família ergueu-se em pé instantaneamente e aproximou-se dela no mesmo instante, com os braços estendidos, exclamando quase a uma voz: "Mãe!" Ela saltou levemente do parapeito para o telhado, abraçou cada um, como qualquer mãe carinhosa, e depois nos foi apresentada, dizendo: "Os senhores são os queridos irmãos da América distante que vieram visitar-nos. Estou, de certo, exultante por dar-lhes as boas-vindas à nossa terra. Nossos corações se estendem para todos e sentimos que, se nos permitissem, estenderíamos os braços e abraçaríamos a todos como abracei, ainda agora, os que chamo de meus. Pois somos, na realidade, uma única família, filhos do Deus Pai-Mãe. Por que não podemos encontrar-nos como irmãos?"

Tínhamos acabado de observar que os fins de tarde estavam começando a esfriar mas, quando a senhora apareceu, o calor emitido pela sua presença tornou aquele fim de tarde igual aos de verão. O ar parecia carregado do perfume das flores, uma luz como a da lua cheia parecia impregnar tudo, e havia sobre tudo um calor e um brilho que não posso descrever. Entretanto, não se notava nenhuma sugestão de aparato; a não ser o jeito dela, profundo, simples, bondoso e infantil.

Sugeriu-se que fôssemos para baixo, e a mãe, seguida das outras senhoras, dirigiu-se à escada, acompanhada pelo nosso grupo, ao passo que os homens da casa fechavam a fila. Notamos que, se bem estivéssemos andando da maneira usual, nossos pés não faziam ruído no telhado nem nos degraus da escada. Não estávamos tentando caminhar em silêncio; na verdade, um membro do nosso grupo confessou haver tentado deliberadamente fazer algum barulho e não o conseguiu. Dir-se-ia que nossos pés não mantinham contato com o telhado nem com a escada. Passamos a uma sala formosamente mobiliada. Assim que entramos e nos sentamos, notamos um calor e um brilho que encheram a sala de uma luz suavíssima, inexplicável para qualquer um de nós.

Todos mantiveram um silêncio profundo durante algum tempo. A mãe perguntou se estávamos confortavelmente instalados e tratados e se estávamos gostando da excursão. A conversa encaminhou-se, em seguida, para os assuntos gerais cotidianos e ela pareceu familiarizada com todos eles. Em seguida, a conversa conduziu-nos à nossa existência doméstica e a mãe citou os nomes de nossos pais, mães, irmãs e irmãos, e ficamos surpresos com a descrição minuciosa de cada uma de nossas vidas, que ela fez sem nos ter dirigido nenhuma pergunta. Ela enumerou os países que tínhamos visitado, o trabalho que havíamos realizado e onde tínhamos falhado. Isso não foi dito de maneira vaga, que nos forçaria a juntar os pedaços, mas cada pormenor se destacava nitidamente, como se estivéssemos revivendo aquelas cenas. Depois que nossos amigos nos desejaram boa noite, só pudemos quedar-nos pasmados, quando compreendemos que nenhum deles tinha menos de cem anos de idade e que a mãe tinha mais de setecentos, e mais de seiscentos desde o tempo em que vivera na terra com o seu corpo físico. Todos, no entanto, estavam alegres e bem-dispostos como se não tivessem mais de vinte, e nada era simulado. Como se uma turma de jovens estivesse conosco. Antes de partirem naquela noite, informaram-nos de que haveria uma grande assembléia na cabana na noite seguinte e que todos estávamos perna de jovens estivesse conosco. Antes de partirem naquela noite, informaram-nos de que haveria uma grande assembléia na cabana na noite seguinte e que todos estávamos convidados a participar dela.

CAPÍTULO 21

Antes do meio-dia do dia seguinte todos os grupos tinham chegado. Passamos a tarde comparando notas; e constatamos que todas conferiam umas com as outras em todos os sentidos. No fim da tarde desse dia, depois que acabamos de trabalhar com as notas, fomos convidados a ir diretamente para a cabana, onde

jantaríamos. Ao chegar, demos com cerca de trezentas pessoas - homens, mulheres e crianças - reunidas e sentadas diante de longas mesas de banquete. Tinham sido reservados lugares para nós nas mesas que ficavam na ponta da sala, de modo que tínhamos uma boa visão de todo o aposento. Sobre as mesas cobertas de belas toalhas brancas de linho viam-se peças de porcelana e prata, como se fosse para um banquete real; só ardia, porém, uma luz difusa em toda a sala.

Depois de estarmos sentados por uns vinte minutos, talvez, fez-se profundo silêncio e, dali a um momento, uma luz pálida inundou o aposento. A luz foi ficando cada vez mais forte até que a sala toda se iluminou e tudo o que havia nela cintilou como se mil lâmpadas incandescentes, habilmente escondidas, se fossem acendendo aos poucos, até que tudo se alumiu completamente. Ficaríamos sabendo mais tarde que não havia luzes elétricas na aldeia. Acesas as luzes, o silêncio ainda durou cerca de quinze minutos quando, de súbito, uma névoa pareceu juntar-se e ouviu-se o mesmo som delicado de asas que tínhamos ouvido na véspera, no fim da tarde, quando a mãe de Emil apareceu diante de nós. A névoa clareou e, de pé, em diferentes pontos da sala, estavam a mãe de Emil e mais onze pessoas; nove homens e três mulheres.

Palavras não conseguem descrever a beleza radiante dessa cena. Quando digo que, embora não tivessem asas, pareciam um grupo de anjos, não estou exagerando. Ali se quedaram por um instante, como se estivessem paralisados. Todos inclinaram a cabeça e ficaram esperando. Inopinadamente se ouviu música de vozes invisíveis. Eu já ouvira falar em vozes celestiais, mas nunca as tinha escutado até essa noite. Fomos claramente erguidos de nossas cadeiras. Quase no fim, os que tinham aparecido caminharam para suas cadeiras e tornamos a notar que, se bem não fizessem esforço algum para andar em silêncio, seus pés não produziam o menor ruído.

Quando os doze se sentaram nos respectivos lugares, a mesma névoa se formou de novo e, ao dissipar-se, mais doze lá estavam. Dessa feita, eram onze homens e uma mulher e, entre eles, o nosso amigo dos registros. Enquanto lá se quedavam por um momento, outro cântico irrompeu. E, quando este já estava no fim, os doze se endereçaram aos seus respectivos lugares sem fazer o menor barulho.

Fazia pouco tempo que se haviam sentado quando a bruma tornou a invadir e, ao desfazer-se, desvelou treze figuras eretas, desta vez do lado mais distante da sala: seis homens e sete mulheres; três homens e três mulheres de cada lado da mulher no centro, que se diria uma formosa jovem adolescente. A nosso juízo, todas as mulheres que apareciam eram muito bonitas, mas esta excedia a todas em beleza. Elas permaneceram com a

cabeça inclinada por algum tempo e a música soou outra vez. Essa música flutuou no ar por um momento e depois começou o coro de vozes. Todos se ergueram. Enquanto se ouvia o coro, tinha-se a impressão de entrever milhares de formas místicas movendo-se por ali e cantando a uma só voz, e durante o tempo todo não se ouviu um único refrão triste, nem mesmo uma clave menor. Toda a música, alegre e livre, vinha da alma e, comovia, erguendo-a mais e mais, até sentirmos que estávamos perdendo todo o contato com a terra.

Quando o canto cessou, os treze se encaminharam para seus lugares respectivos e se sentaram. Nossos olhos estavam pregados na figura central, que se adiantou para a nossa mesa, com uma dama de cada lado, a fim de ocupar o seu lugar na cabeceira. Quando ela se sentou, os pratos se empilharam silenciosamente à sua esquerda. As luzes ficaram indistintas por um momento e, ao redor de cada um dos trinta e sete convivas, distinguia-se a mesma luz que tanto nos surpreendera e uma belíssima auréola luminosa logo acima da cabeça da nossa reverenciada conviva. Éramos os únicos naquela assembléia que se sentiam extremamente comovidos. Os demais reunidos conosco davam a impressão de aceitar aquilo como rotina.

Depois de estarem todos sentados, manteve-se o silêncio por mais algum tempo; a seguir, todas as vozes na sala, dirigidas pelos trinta e sete que tinham aparecido, entoaram um cântico livre e alegre. Quando acabou, a senhora na cabeceira da nossa mesa levantouse e estendeu as mãos. Nelas apareceu um pãozinho de aproximadamente duas polegadas quadradas e cerca de catorze de comprimento. Depois, cada um dos outros trinta e seis se levantou, adiantou-se, e recebeu um pão semelhante das mãos dela. Dando a volta a todas as mesas, cada qual entregou a cada um uma porção do pão. A senhora de que falamos deu a mesma volta e entregou a cada um um pedaço do seu pão.

E enquanto nos estendia a nossa porção dizia: "Não sabem os senhores que o Cristo mora dentro de cada um e de todos? Não sabem os senhores que o seu corpo é puro, perfeito, jovem, sempre belo, divino? Não sabem os senhores que Deus os criou à Sua imagem e semelhança e deu-lhes o domínio sobre todas as coisas? Os senhores, por si mesmos, são sempre Cristo, o perfeito Filho de Deus, o único Filho de Deus concebido, em quem se compraz o Pai-Mãe. Os senhores são puros, perfeitos, santos, divinos, identificados com Deus, com todo o Bem, e cada criança tem o direito de reivindicar esta Filiação, esta Divindade." Depois que todos receberam a respectiva porção, ela voltou para a sua cadeira, com o pão do mesmo comprimento e do mesmo tamanho que tivera quando ela partira a primeira porção.

Concluída a cerimônia, os comestíveis principiaram a chegar, em grandes recipientes cobertos, que simplesmente apareceram na mesa diante da senhora, como se tivessem sido colocados ali por mãos invisíveis. Ela ergueu as tampas, colocou-as de lado e começou a servir. À medida que se enchiam, os pratos foram passados, primeiro para a dama à direita, depois para a dama à esquerda, as quais, por seu turno, os passavam até que todos foram generosamente servidos.

A refeição não progredira muito quando o nosso Chefe perguntou à senhora o que ela considerava o maior atributo de Deus. Sem um momento de hesitação, ela respondeu: "O amor." Em seguida, continuou: "A Arvore da Vida está localizada no meio do paraíso de Deus, na maior profundidade da nossa alma, e o fruto rico e abundante que cresce e amadurece até a sua maior perfeição, o mais perfeito e doador de vida, é o Amor. O Amor foi definido pelos que lhe percebem o verdadeiro caráter como a maior coisa do mundo. O Amor nunca deixa de satisfazer a todos os pedidos do coração humano. O Divino Princípio do Amor pode ser usado para eliminar toda tristeza, toda enfermidade, toda situação

difícil e toda carência que aflige a humanidade. Com o entendimento e o uso corretos da influência sutil e ilimitada do Amor, o mundo se cura de seus ferimentos e o suave manto de sua compaixão celeste cobre toda a desarmonia, toda a ignorância e todos os erros do gênero humano.

Com as asas abertas, o Amor procura os pontos áridos do coração humano, os lugares eretos da vida e, com um toque aparentemente mágico, redime a humanidade e transforma o mundo. O Amor é Deus, eterno, sem limites, imutável, que vai além de toda visão pelo infinito afora. O fim, só podemos imaginar. O Amor cumpre sua própria lei, realiza o seu trabalho perfeito e revela o Cristo dentro da alma do homem. Está sempre procurando uma entrada por onde possa fluir para a alma do homem e derramar-se nela como todo o bem. Se não for perturbado pela perversidade do homem e pelo seu pensamento discordante, a corrente eterna e imutável do amor de Deus fluirá sempre adiante, carregando para o grande mar universal do esquecimento toda aparência de desarmonia ou fealdade,

que perturba a paz do homem. O Amor é o fruto perfeito do Espírito; segue adiante, pensando as feridas da humanidade, arrastando as nações para uma harmonia maior e trazendo paz e prosperidade ao mundo. E o próprio pulso do mundo, a batida do coração do universo. Se a humanidade quiser fazer as obras de Jesus, precisa ser carregada por essa corrente de amor da grande Vida Onipresente.

"A vida os oprime pesadamente? Necessitam os senhores de coragem e força para enfrentar os problemas que se lhes deparam? Os senhores estão doentes ou sentem medo? Se for assim, ergam o coração e orem para Ele, que mostra o caminho. O amor imperecível de Deus os envolve. Não precisam temer. Acaso Ele não disse: 'Antes de chamarem, responderei, e enquanto ainda estiverem falando, ouvirei'? Aproximem-se desse trono de graça ousadamente, não como imaginavam suplicar em atitude servil, mas com a oração da fé compreensiva, do conhecimento de que a ajuda de que precisam já é sua. Nunca duvidem. Façam mais - peçam. Reivindiquem o seu direito de nascença como o filho do Deus vivo, como o fez Jesus. Saibam que, na Substância Universal Invisível, em que todos vivemos e nos movemos e temos o nosso ser, está toda a coisa boa e perfeita que o homem pode desejar, esperando ser atraída pela fé em forma ou manifestação visíveis. Leiam no grande Livro dos senhores o que Paulo diz do amor em I Coríntios, Capítulo 13, usando a palavra 'amor', em vez de caridade, como pretendia.

"Pensem em Salomão quando, na noite da sua experiência, permitiu à sua natureza radiante de amor expandir-se para o plano universal da consciência, onde pediu para servir e nada pediu para si. Isso lhe trouxe riquezas incalculáveis e, acrescentadas a elas, vida e honrarias além do seu poder de pedir. Ele reconheceu a sabedoria do Amor e o Amor o cumulou de bens. A prata era tida por nada no tempo de Salomão. Até as taças de beber desse poderoso rei do amor eram de ouro puro.

"Amar é liberar o celeiro ilimitado de tesouros de ouro de Deus. Se amamos não podemos deixar de dar, e dar é ganhar, e assim se cumpre a lei do amor. Nesse caso, dando, pomos em ação a lei infalível do pagamento na mesma moeda. Sem nenhum pensamento de retribuição, é impossível não receber, pois a abundância que os senhores dão lhes é devolvida em cumprimento da lei: 'Dai e ser-vos-á dado; em boa medida, comprimida, sacudida, e transbordando, os homens deporão no vosso seio. Pois com a mesma medida que dais, ela vos será medida igualmente.'

"Se trabalharmos no espírito do amor, precisaremos ter Deus presente na consciência. Identificar-se com a Vida, o Amor e a Sabedoria é estabelecer contato conscientemente. Estabelecer contato conscientemente com Deus é ter a abundância calcada sobre nós, do mesmo modo com que a abundância de comida nos foi calcada nesta noite. Vêem os

senhores que há abundância para todos e ninguém precisa passar necessidades na presença da abundância de Deus. O pensamento da abundância eleva a mente muito além das fronteiras da limitação. Para conceber a abundância, precisamos renunciar a todos os pensamentos de coisas em particular. Este conceito é tão amplo que não permitirá a idéia do pormenor. A fim de conservá-lo em mente, faz-se mister que a consciência entre pelo Universal adentro e se delicie com a alegria da liberdade completa. Essa liberdade, todavia, não pode ser confundida com licenciosidade, pois assumimos a responsabilidade de cada pensamento, de cada ato. Nossa consciência não atinge a liberdade num instante. O rompimento do último vestígio da limitação pode ser realizado num instante, mas a preparação para o glorioso evento há de ser feita antes; a preparação em seus particulares realiza-se de dentro para fora, exatamente como se aperfeiçoa cada pétala da flor, em todas as suas minúcias, no interior do botão. Completada a perfeição, o botão rompe seu invólucro de sépalas e a flor surge, radiosa. Do mesmo modo, o homem precisa romper o invólucro do seu eu antes de poder apresentar-se.

"As leis de Deus são imutáveis, como sempre o foram. Ao mesmo tempo que são imutáveis, são benéficas, porque boas. Quando vivemos em conformidade com elas, tornam-se as verdadeiras pedras fundamentais sobre as quais construímos a nossa saúde, a nossa felicidade, a nossa paz e o nosso equilíbrio, o nosso sucesso e a nossa consecução. Se nos pautarmos rigorosamente pela lei de Deus, nenhum mal poderá atingir-nos. Não precisamos ser curados. Somos inteiros em cada partícula.

"Compreendemos muito bem que no grande coração da humanidade existe uma profunda nostalgia, que só pode ser satisfeita com a consciência ou compreensão claras de Deus, nosso Pai. Reconhecemos essa fome quando ouvimos os corações gritarem por Deus. Não há nada por que a alma humana anseie tanto quanto conhecer a Deus. 'Cujo conhecimento certo é a vida eterna.' Vemos pessoas mudando sempre de uma coisa para outra, esperando encontrar satisfação ou repouso em alguma realização ou no atendimento de algum desejo mortal limitado. Vemo-las perseguindo e ganhando essas coisas só para se sentirem insatisfeitas. Algumas imaginam querer casas e terras; outras, grandes riquezas; e outras ainda, grande saber. Temos o privilégio de saber que o homem tem todas essas coisas dentro de si mesmo. Jesus, o Grande Mestre, tentou fazer que todos o víssemos. Como O amamos! Ele se destaca tão lindamente triunfante em virtude das Suas realizações! Amamos a todos os que alcançaram as alturas ou os lugares elevados da consciência de Jesus. Não somente pelos seus triunfos, mas também pelo que realmente são.

"Jesus nunca permitiu a Si mesmo viver na exterioridade depois de Sua iluminação. Ele sempre conservou Seus pensamentos na parte central do Seu ser, que é o Cristo. Em Jesus, o Cristo ou Centelha Central, que é Deus em todos nós, que hoje vive em cada um de nós, foi apresentado para mostrar-se governando perfeitamente o corpo material ou homem de carne. Dessa maneira, Ele fez todos os Seus milagres, e não porque, de algum modo, fosse diferente dos senhores. Ele não tinha maior poder do que todos têm hoje. Não era, de certo modo, Filho de Deus e nós apenas servos de Deus. Ele realizou essas obras porque a mesma Centelha Divina, que o Pai implantou em toda criança nascida, se transformou numa chama mais brilhante por Seu próprio esforço para manter-Se em consciente comunhão com o Próprio Deus, a fonte de toda Vida, Amor e Poder.

"Jesus era um homem igual a todos os homens de hoje. Sofreu, foi tentado e posto à prova, exatamente como os senhores sofrem por causa da tentação e das provações. Sabemos que durante Sua residência na terra, no corpo visível, Jesus passou horas, todos os dias, a sós com Deus e sabemos que, no início da Sua idade viril, Ele passou pelo que nós passamos e pelo que os senhores estão passando hoje. Sabemos que todo homem precisa

superar os desejos mortais, carnis, as dúvidas e os medos, até chegar à perfeita consciência ou reconhecimento da Presença que habita em nós, esse 'Pai em mim', a quem Jesus atribuiu o crédito de todos os Seus prodígios. Ele teve de aprender, como nós tivemos de aprender e como os senhores estão aprendendo hoje. Foi obrigado a tentar uma e muitas vezes, como os senhores estão fazendo. Foi obrigado a resistir com firmeza, assim como os senhores são obrigados a resistir com firmeza hoje, de punhos fechados e dentes cerrados, dizendo: 'Hei de triunfar, sei que o Cristo vive dentro de mim.' Reconhecemos que foi o Cristo, que vivia dentro dEle, quem fez de Jesus o que Ele foi e é hoje, e que as mesmas realizações estão ao alcance de todos. Em tudo isso não diminuímos Jesus de maneira alguma, pois nós O amamos com um amor indizível. Sabemos que Ele passou pela crucificação perfeita do eu para poder levar o Seu povo a Deus; para poder mostrar a todos o caminho que deviam seguir e que os afastasse do pecado, da doença e dos problemas, e lhes permitisse manifestar o Pai neles; para poder ensinar a todos que o mesmo Pai vive em todos e ama a todos. Ninguém que segue de perto a vida e os ensinamentos de Jesus pode deixar de amá-Lo. Ele é o

nosso perfeito irmão mais velho.

"Mas, se vendermos o nosso direito de primogenitura, se menosprezarmos ou tratarmos com desdém as leis benéficas de Deus e, ao fazê-lo, voltarmos as costas para a casa do Pai e errarmos por um país distante, como fez o filho pródigo, de que nos valerão a paz e a fartura, a abundância de calor e de prazer que moram em casa? Quando os senhores estiverem cansados das cascas secas da vida, quando estiverem deprimidos e com saudades do lar, poderão retornar, com passos trôpegos, pelo caminho de volta à casa do Pai. Isso pode ser feito pela amargura da experiência ou pela alegria da renúncia a todas as coisas materiais. Sem embargo do modo com que obterão a compreensão e o conhecimento, os senhores se acabarão apressando na resposta à sua elevada convocação. A cada passo, se tornarão mais fortes e mais ousados, até que deixarão de claudicar e de hesitar. Os senhores procurarão dentro de si a própria iluminação, e então, com a consciência despertada, compreenderão que o lar é aqui. E a Divina Onipresença em que todos vivemos, nos movemos e temos o nosso ser. Respiramo-lo com cada inspiração. Vivemo-lo com cada pulsar do coração.

"Não pensem que precisam vir a nós. Vão para suas próprias casas, suas igrejas, suas casas de orações, sozinhos, onde quer que o desejem, Jesus, o grande Mestre do amor, pode ajudá-los; todos os que passaram e estão recebendo os mais altos ensinamentos podem ajudá-los e tentam fazê-lo onde os senhores estão agora e onde estarão em todos os tempos. Quão claramente vemos Jesus e todos os outros sempre prontos para favorecer os que O chamam. Os senhores precisam apenas fazer o chamado para que eles respondam antes que o chamado se finde. Eles estão ao lado dos senhores e caminham ao lado dos senhores a todo momento. O que os senhores devem fazer é erguer sua consciência para que possam ver e saber que caminham ao lado deles; a partir daí, não fraquejarão. Eles estão estendendo as mãos e dizendo: `Venham para mim, que lhes darei repouso.' Isso não quer dizer `Venham depois da morte'. Significa `Venham agora, exatamente como estão'. Elevem sua consciência para a nossa consciência e vejam que estão onde nós estamos esta noite, acima de todas as limitações mortais, abundantemente livres.

"A paz, a saúde, o amor, a alegria e a prosperidade estão aqui. São os frutos do Espírito, as dádivas de Deus. Se olharmos para Deus, nenhum dano pode suceder-nos, nenhum mal pode aproximar-se de nós. Se olharmos para Ele integralmente, seremos curados de nossas enfermidades, no nome transcendente da Lei ou Jesus.

"Deus está no meio dos senhores, filhos do Espírito infinito e imortal. Não há nada que faça os senhores tremer ou desesperar, nada que os faça temer. Os senhores vieram do

seio de Deus; o sopro de Deus Todo-Poderoso criou-lhes uma alma viva. 'Antes de Abraão existir, vós existíeis. Amados agora somos nós, Filhos de Deus, co-herdeiros com Cristo.' Está nos senhores o mesmo poder que está em Jesus. A isto se chama o manto do Espírito. Com o conceito certo, verifica-se que não há decadência nem moléstia, acidente ou morte, nada que possa tirar-lhes a vida de um jeito ou de outro. Os senhores podem puxar esse manto para tão junto de si que nada poderá penetrá-lo, nada poderá tocá-los. Todas as operações ou forças destruidoras já criadas pelo homem poderão ser dirigidas contra os senhores; entretanto, os senhores sairão ilesos do embate. Se, por um acaso, a forma exterior fosse destruída, ela voltaria imediatamente como espiritual na mesma forma. Esta é uma armadura melhor do que qualquer chapa de aço já inventada pelo homem, e os senhores poderão usá-la a qualquer momento, sem dinheiro e sem preço. Poderão apresentar-se, como são, filhos do Deus vivo.

"Jesus o reconheceu, e Ele poderia ter-Se valido da experiência do Calvário. Se tivesse querido empregar o Seu poder, Seus inimigos não teriam podido tocá-Lo. Ele viu que uma grande mudança espiritual estava ocorrendo no Seu corpo e viu que, se isso fosse produzido entre os que Ele conhecia e amava, sem nenhuma mudança exterior, muitos deixariam de reconhecer a importância espiritual e continuariam aferrados ao pessoal. Sabia que Ele tinha o poder de derrotar a morte e desejava mostrar aos que amava que eles tinham o mesmo poder; por isso escolheu o caminho do Calvário, o caminho que eles podiam ver; e, vendo, acreditariam. Ele também queria mostrar que aperfeiçoara tanto o Seu corpo que, se os Seus inimigos Lhe tomassem a vida (visto que eles tinham em mira a vida) e Lhe colocassem o corpo na tumba e rolassem uma grande pedra sobre ela (a última limitação que o homem poderia colocar sobre ela), ainda assim Ele, o verdadeiro Eu, poderia empurrar para fora a pedra e erguer o Seu corpo, real ou espiritual, acima de todas as limitações mortais. Jesus poderia ter pegado o Seu corpo e desaparecido, mas decidiu mostrar que, quando o corpo espiritual está desenvolvido, nenhum acidente ou condição material poderá destruí-lo, nem mesmo o perdera vida às mãos de outrem.

"Após a Crucificação e a Ascensão, Seu corpo estava tão desenvolvido espiritualmente que Jesus viu-Se obrigado a elevar a consciência dos que o cercavam a um plano em que pudessem vê-Lo, precisamente como nós somos obrigados a elevar a consciência de quase todos os que se acham à nossa volta esta noite. Quando as mulheres chegaram à tumba, naquela manhã, e encontraram a pedra afastada e as roupas do túmulo estendidas ali perto, nem mesmo elas puderam conhecê-Lo enquanto Ele não lhes elevou a consciência ao plano em que poderiam contemplá-Lo. Depois, mais tarde, quando dois seguiam pela estrada de Emaús, Jesus abeirou-se deles e conversou com eles, mas eles não O conheceram, a não ser quando Ele partiu o pão em sua companhia. A essa altura, a consciência deles se elevava ao plano em que podiam contemplá-Lo. Mesmo assim, quando Ele apareceu para outros, e até caminhou e falou com eles, não O reconheceram, porque sua consciência não funcionava no plano em que podiam vê-Lo. No momento em que a sua consciência se elevou e funcionou no mesmo plano da dEle, viram-No. Nesse momento, alguns perceberam a importância espiritual da realidade. Viram o sentido profundo que constituía a base de tudo. Conheciam. Não obstante, um grande número não acreditou nEle porque ainda não haviam atingido um plano de consciência onde pudessem ver ou perceber o sentido espiritual que estava por trás de tudo.

"Retirou-se, então, o véu do mistério, puxado pela percepção mortal do homem. 'E o véu do templo foi rasgado em dois pedaços, de alto a baixo.' Alcançou-se a consciência de que a morte fora vencida, e que não somente a morte, mas também todas as limitações feitas pelo homem poderiam ser vencidas, e o seriam, se as enfrentássemos ou se elevásse

...s nossa consciência ao plano em que elas já não podem ser vistas e, portanto, não existem. Amada e acalentada, a consciência aparecerá.

"Foi essa a revelação que Jacó recebeu quando estava deitado sobre a pedra dura da materialidade. Foi-lhe revelado que o que se contempla é produzido e a compreensão desse fato libertou-o da servidão material. Foi o que o inspirou a colocar varas listradas na água onde as ovelhas beberiam, fazendo-as parir ovelhas malhadas.

"Podemos assim, claramente, pôr o nosso ideal no que não tem forma, no que é formado diretamente do não-formado, que parece invisível à consciência mortal. A água de beber das vacas apenas tipifica o espelho através do qual a imagem conservada na mente se reflete para a alma, o mais secreto, e depois se concebe e produz. O mesmo acontece com os amigos aqui reunidos esta noite; apenas uns poucos dentre os zelosos percebem e prosseguem, desvelam e executam a verdadeira obra de Deus. Outros começam bem, mas logo se faz mister um esforço excessivo para superar o primeiro muro da materialidade. Acham muito mais fácil derivar com a maré e acabam desistindo. Todos já

vivemos no plano mortal, visível, nesta terra. Com efeito, nunca a deixamos. Somos agora invisíveis apenas para os que estão num plano mortal da consciência. Para os que estão num plano mais elevado da consciência, somos sempre visíveis.

"Toda idéia seminal colocada na alma torna-se uma concepção e dá-se-lhe na mente uma forma de pensamento, para ser experimentada mais tarde em forma física. Idéias de perfeição produzem perfeição. O inverso é igualmente verdadeiro. Assim como o sol e a terra produzem com igual boa vontade a árvore poderosa ou a flor mais frágil, quando são plantadas as respectivas sementes, assim também o Espírito e a Alma respondem ao homem, que, acreditando, recebe o que deseja ou o que pediu.

"Os que passaram do visível, através da morte, estão se manifestando no mesmo plano psíquico em que viviam quando deixaram o corpo, pois a mente mortal funciona no plano psíquico. Esta é a causa do grande reino psíquico que se encontra entre o material, ou visível, e o espiritual verdadeiro, e através do qual todo aspirante ao espiritual verdadeiro precisa abrir caminho antes de perceber o espiritual. Para perceber o espiritual, precisamos correr através do psíquico diretamente para Deus. A morte só libera a alma para o plano psíquico e se manifesta no mesmo plano espiritual em que se achava quando foi liberada do corpo. Quem assim morreu não percebeu que há apenas um Espírito, uma Mente, um Corpo, e que tudo veio deste Um e precisa voltar a ele. O Espírito emitido por este Um e ao qual foi dado um corpo perfeito tanto parte do Espírito Uno quanto o braço faz parte de todo o corpo; e nunca se separa dele, como nenhum membro do corpo é uma parte separada, mas faz parte do corpo e precisa ser adequadamente unida a ele para formar o todo. Assim, todo espírito ou expressão há de ser adequadamente unido para ser completo e perfeito.

"Todos eles serão reunidos num lugar', quer dizer que teremos consciência de que somos uma expressão da Divindade e todos provenientes da mesma fonte, Deus. Esta é a compensação, conhecendo que somos todos criados à imagem e semelhança de Deus, exatamente como Ele, uma imagem através da qual Ele pode expressar, e expressa, o ideal que concebeu para nós.

"Querer que Deus expresse perfeitamente, através de nós, o mais alto ideal que Ele concebeu é o sentido da expressão `Seja feita a Tua vontade, ó Deus, e não a minha'. Ninguém pode erguer-se acima dos pensamentos mortais sem fazer a vontade de Deus, quer o faça consciente, quer inconscientemente."

Aqui a conversa caiu por um momento e um membro do nosso grupo fez uma pergunta sobre a Relatividade da Matéria. Ela continuou dizendo: "O mundo real é Substân-

cia, a Relatividade da Substância. Consideremos, por um momento, os cinco reinos: o mineral, o vegetal, o animal, o homem e os reinos de Deus. Começaremos pelo mineral, o mais baixo. Vemos cada partícula do reino mineral expressando uma vida, a vida de Deus. A desintegração, ou divisão das partículas do mineral, combinada com elementos do ar e da água, formou o solo, em que cada partícula ainda retém a vida original, a vida de Deus. Isso dá lugar ao reino vegetal, a expressão mais alta de Deus que se apresenta a seguir. Vem depois o vegetal, cada parte do qual contém a vida una, e tirou a parte dessa vida do mineral, aumentou-a, multiplicou-a e a expressa num degrau mais alto na subida para o reino de Deus. Isso dá lugar ao animal, a expressão mais alta de Deus logo em seguida. O animal, cada parte do qual contém a vida una, tirou parte dessa vida do vegetal, aumentou-a, multiplicou-a e a expressa num degrau mais alto da subida para o reino de Deus, dando lugar ao reino do homem, a expressão mais alta seguinte de Deus. O reino do homem, cada parte do qual contém a vida una, tirou parte dessa vida do reino animal e, expressando-a num degrau mais alto, dá lugar ao reino de Deus, a expressão mais alta através do homem. Tendo atingido esse reino, o homem reconhece que tudo proveio da Fonte una, que todos contêm a vida una; a vida de Deus, e que ele logrou o domínio de todas as coisas materiais. Mas não devemos parar aqui, pois tudo é progresso. Chegado a este ponto, o homem descobrirá que ainda há novos mundos para conquistar. Chegamos assim ao lugar onde reconhecemos que todo espaço ou magnitude contém a vida una, a vida de Deus, que tudo provém da Fonte e da Substância unas. Aí, então, toda substância se torna relativa ou relacionada com alguma coisa, não é isso mesmo?"

Aqui terminou a conversa. Acabara-se o jantar. Haviam sido retiradas da sala mesas e cadeiras. Seguiu-se um momento de brincadeira e riso, incluindo danças e cantos com música fornecida pelo coro invisível, e todos se divertiram juntos. A noite finalmente terminou em música e canto; o coro invisível tornou-se visível, caminhou por entre as pessoas reunidas e, por vezes, flutuou sobre suas cabeças. O final foi uma explosão de música, canto e risos, de que todos participaram. Tomada em conjunto, foi a cena mais impressionante a que já tínhamos assistido.

Disseram-nos que, se ficássemos em silêncio, ouviríamos a música em todos os momentos, mas é somente numa ocasião como esta que o coro acompanha a música. Experimentamos fazê-lo algumas vezes depois, e verificamos que podíamos ouvir a música. Era sempre baixa e lindamente suave, mas nunca se lhe notava o tom livre daquela noite, a não ser que houvesse alguns Mestres reunidos. Disseram-nos que a essa música tem-se dado o nome de coro dos anjos. Eles chamam-lhe "a sinfonia das almas em harmonia".

Demoramo-nos na aldeia três dias e, durante esse tempo, vimos muito os nossos amigos. Na noite do terceiro dia, eles nos disseram adeus e, prometendo encontrar-se conosco em nossos alojamentos de inverno, desapareceram.

CAPÍTULO 22

Na manhã seguinte deixamos a aldeia em companhia apenas de Emil e Jast, tendo por objetivo a aldeia em que havíamos decidido instalar nossos alojamentos de inverno. Os invernos nessa parte do país são muito rigorosos e achávamos que seria melhor garantir alojamentos confortáveis antes que o frio se instalasse. Nisso, como em muitos outros assuntos, nossos temores eram infundados, pois quando chegamos encontramos instalações confortáveis já prontinhas para nós.

Nossa trilha, a partir da aldeia, atravessava o platô e, em seguida, um longo desfiladeiro coleante até a linha divisória em que se localizava a segunda aldeia fortificada, guardiã do platô que tínhamos acabado de atravessar. As paredes do desfiladeiro mediam de duzentos a quinhentos pés perpendiculares e atingiam as montanhas erguidas até uma elevação de dois mil pés acima do cume em que a trilha cruzava a linha divisória. No topo da linha divisória, dois cumes rochosos se projetavam de cada lado de um espaço plano, de uns cinco acres de extensão. Os dois cumes ficavam cerca de seiscentos pés de distância um do outro. Um muro de quarenta pés de altura fora construído de um lado a outro do espaço aberto, ligando assim os dois cumes de rocha e formando uma verdadeira barreira.

Esse muro tinha sessenta pés de largura na base e trinta de largura no topo, e havia sido construído de tal maneira que o topo formava uma rampa sobre a qual rochas imensas poderiam ser roladas, para depois caírem ao chão no lado de fora do muro, onde o solo se inclinava abruptamente, ligado a uma declividade escarpada, debaixo da qual passava a trilha a caminho do outro lado da linha divisória.

Havia quedas d'água ao longo do muro, a intervalos de cem pés uma da outra, de modo que as rochas ganhavam avanço suficiente para limpar a base do muro antes que elas batessem no chão. Quando batiam, as rochas comam ladeira abaixo, depois saltavam sobre a declividade e corriam pelo desfiladeiro por cerca de quatro milhas antes de parar, quando não se despedaçavam em virtude do próprio ímpeto. Em conjunto, tudo isso formava uma defesa eficiente, visto que o desfiladeiro não tinha mais que cinquenta pés de largura em nenhum lugar no correr das quatro milhas, e era bastante íngreme para imprimir grande velocidade às rochas que rolavam. Havia também dois lugares de cada lado do desfiladeiro de onde as rochas poderiam ser lançadas rolando escarpa abaixo. Esses lugares estavam ligados por trilhas cortadas ao longo do flanco da montanha de cada extremidade do muro. Havia certo número de rochas, cada qual com cerca de doze pés de um lado a outro, colocadas ao longo do topo do muro, prontas para uma emergência. Disseram-nos que não fora julgado necessário usar nenhuma delas, visto que houvera apenas uma tribo que um dia tentara ganhar acesso à aldeia sem ser convidada, e essa tribo fora praticamente dizimada pelas rochas lançadas das quatro estações nas paredes do desfiladeiro. As primeiras rochas lançadas em seu curso descendente tinham soltado outras, até que uma avalanche varrerá o vale, carregando tudo à sua frente. Também nos disseram que as rochas descansavam no local onde estavam havia mais de dois mil anos, pois não se travara nenhuma guerra naquela região durante esse tempo.

Verificamos que as seis casas que formavam a aldeia tinham sido construídas dentro do muro, de três andares cada uma, com os telhados no mesmo nível do topo do muro. O acesso a ele era feito por meio de escadas que conduziam, através de cada andar, ao telhado de cada casa. Havia sido deixadas aberturas para janelas no muro à altura do terceiro andar. Essas janelas davam para o desfiladeiro, lá embaixo. A trilha podia ser vista das janelas e do topo do muro, enquanto ela serpenteava ao redor do lado da montanha, a milhas de distância.

Fomos confortavelmente instalados para passar a noite no terceiro andar de uma dessas casas e, depois de um jantar servido mais cedo, fomos para o telhado assistir ao pôr-do-sol. Estávamos lá havia alguns minutos quando um homem, que aparentava ter cinquenta anos de idade, subiu a escada que levava ao telhado. Depois de ser apresentado por Jast, passou a tomar parte na conversação. Logo descobrimos que ele vivia na aldeia

que tínhamos escolhido para ser a nossa instalação de inverno e estava a caminho dali. Supusemos que ele estivesse viajando como nós e convidamo-lo a juntar-se ao nosso grupo. Ele agradeceu e disse que era capaz de cobrir a distância muito mais depressa do que nós, que parara na aldeia para ver um parente, e estaria em casa naquela noite. A conversa derivou, então, para o templo que três dentre nós tínhamos visitado em companhia de Emil e Jast. Falando calmamente, o homem disse: "Eu vi os senhores sentados no parapeito do templo naquela noite." Em seguida, prosseguindo, relatou o sonho ou visão do mesmo jeito que ela me acudira e exatamente como foi apresentada neste livro. Isso constituiu uma surpresa para mim e para meus companheiros, uma vez que eu não lhe mencionara a ocorrência. O homem era um perfeito estranho para nós e, sem embargo, contara o sonho tão vividamente quanto ele me aparecera.

E prosseguiu, dizendo: "Foi-lhes mostrado precisamente o que nos foi mostrado, a saber, que o homem se apresenta em unidade somente enquanto o tiver compreendido conscientemente e usado corretamente o poder e o domínio; mas no momento em que ele, no seu eu mortal, concebeu poderes duplos, começou a ver duplo, usou mal o poder e produziu a dualidade, pois o homem é um agente de livre-arbítrio e produz aquilo que contempla. Disso resultaram a diversidade e a ampla separação, que o seguiram pela terra toda. Mas está vindo uma mudança. A diversidade atingiu praticamente o seu limite e a humanidade reconhece que tudo adveio de uma Fonte. Reconhecendo-o, os homens agora se aproximam cada vez mais um do outro. O homem começa a compreender que todo outro homem é seu irmão e não seu inimigo. Quando compreender isso plenamente, verá que, assim como todos vieram da mesma Fonte, todos deverão voltar a essa Fonte, ou tornarem-se irmãos em realidade. Ele, então, estará no céu e reconhecerá que céu significa paz e harmonia interiores criadas pelo homem aqui mesmo na terra. Verá então que pode fazer o seu céu ou o seu inferno exatamente como quiser. Esse céu foi concebido corretamente, porém malcolocado geograficamente. Ele saberá que Deus mora dentro dele, e não somente dentro dele, mas dentro de tudo o que existe à sua volta, de cada rocha, de cada árvore, de cada planta, de cada flor, de cada coisa criada; que Deus está no próprio ar que ele respira, na água que bebe, no dinheiro que gasta; que Deus é a substância de todas as coisas. Quando ele respira, respira Deus tanto quanto respira o ar; quando partilha da comida, partilha de Deus tanto quanto da comida.

"Não é o nosso desejo criar novos cultos ou seitas. Achamos que as igrejas que estão hoje instituídas são suficientes, e são os centros lógicos que hão de ser alcançados e ajudam as pessoas a compreender a Deus, através do Cristo que está em todos. As pessoas ligadas às igrejas precisam compreender que a igreja apenas tipifica uma coisa: a Consciência do Cristo em todo o gênero humano. Se o compreenderem, onde estará a diversidade senão no conceito da mente mortal do homem e não na igreja? Em que, portanto, uma igreja ou sociedade difere de outra? A diversidade que se julga existir hoje está inteiramente na mente mortal do homem. Vejam onde conduziu essa diversidade: às grandes guerras, ao ódio intenso entre nações e famílias, e até entre indivíduos, e tudo porque a organização de uma igreja entendeu que o seu credo ou doutrina são melhores que os das outras. Na realidade, porém, todas são iguais, pois todas conduzem ao mesmo lugar. Não seria possível a cada uma ter um céu próprio; se assim fosse, quando um homem acabasse com sua marca particular de organização eclesiástica e estivesse pronto para receber sua recompensa, ver-se-ia obrigado a passar o resto da existência investigando o labirinto de céus à procura do céu particular a que estivesse destinado. As organizações das igrejas e as organizações a elas associadas estão se aproximando cada dia mais uma da outra, e tempo virá em que serão unidas como se fossem uma só. E quando todas forem uma só, não haverá necessidade de organização.

"A falha, todavia, não reside inteiramente nas organizações eclesiásticas. Poucas pessoas despertaram para a compreensão do que a vida realmente lhes reserva. Encontramos a grande maioria arrastada pela corrente da vida, insatisfeita, ofuscada, esmagada ou insegura. Cada qual precisa aprender a agarrar-se à vida e começar a expressar, desde o seu próprio centro de vida, com uma ação propositada e definida, as dádivas que Deus lhe deu. Cada qual precisa expandir a própria vida. Não é possível a ninguém viver a vida de outrem. Ninguém pode expressar sua vida pelos senhores e ninguém pode dizer como os senhores devem expressar a sua própria vida. 'Assim como o Pai tem vida em Si mesmo, assim também Ele concedeu ao Filho que tivesse vida em Si mesmo.' Uma alma não pode compreender isto e deixar-se levar simplesmente à deriva, pois todo o propósito da vida se revela no privilégio e na oportunidade de expressar o eu Divino no seu interior. Que o homem seja e deva ser a imagem e semelhança divinas de Si mesmo, é o propósito de Deus para o homem. Expressar o que Deus concebeu para ele deveria ser o grande propósito do homem na vida. Quando Jesus estava no topo da montanha e Seus discípulos se chegavam a Ele,

reparem nas palavras de sabedoria que Ele lhes dizia. Sua consciência fora despertada por essa compreensão e Ele se fixara nesta firme resolução, ou seja, a de que o homem só pode desenvolver-se na plenitude do poder quando tem o verdadeiro ideal, um propósito real na vida. Uma semente só começa a crescer quando está firmemente fixada na terra. O poder de Deus no interior só produz um desejo verdadeiro quando está firmemente fixado na alma do homem. Todos precisamos saber, como Jesus sabia, que o primeiro impulso espiritual para a expressão é o desejo definido de expressar.

"Jesus disse, 'Bem-aventurados os pobres de espírito', compreendendo que toda limitação na vida capaz de criar no indivíduo o desejo de se elevar acima da limitação e de se libertar dela é boa. Ele compreendeu que a necessidade é a profecia da realização. Ele considerava cada necessidade como o solo preparado para a semente. Se esta fosse plantada e depois se permitisse que ela crescesse e se produzisse, satisfaria à necessidade. A necessidade ou desejo, no desdobramento da vida, é malcompreendida. Alguns grandes mestres ensinam que ela precisa ser esmagada e arrancada do coração. Jesus disse: 'Ai de vós que estais satisfeitos.' Se os senhores estão satisfeitos, estão imobilizados. Para estabelecer contato pleno com a vida, precisamos procurar cada momento para expressar plenamente a vida. O desejo de alguma coisa é o impulso para essa coisa. Cansado de rastejar no pó da terra, o homem anseia por voar, e esse anelo o convida a encontrar a manifestação da lei que lhe permitirá erguer-se acima das suas atuais limitações. Encontrando-a, ele é capaz de ir aonde quiser, sem pensar no tempo nem na distância. Já se disse que o homem propõe e Deus dispõe. O inverso é verdade, pois Deus propõe e o homem dispõe; se o homem estiver assim disposto, poderá fazer tudo o que Deus fez. O Filho não pode fazer o que fez o Pai?

`A incapacidade de satisfazer das coisas exteriores leva a alma a procurar sua força interior. Aí, então, o indivíduo descobre o EU SOU, conhece que dentro dele reside o poder de satisfazer à alma, de realizar cada necessidade e desejo. O conhecimento pode não vir enquanto o indivíduo não for impelido, pelas sacudidelas do mundo, a procurar esse plano interior de paz e de calma. Quando sabe que EU SOU é a realização do seu desejo, o desejo se realiza. Procurar fora do eu divino a realização do seu desejo é loucura. Para se expandir, o eu precisa cuidar dessa expansão.

"Por conseguinte, é uma compreensão, um despertamento saber que EU SOU: saber que dentro de nós está o poder, a substância e a inteligência, em que todas as formas tomam forma; e saber que, no momento em que se pode formar inteligentemente uma idéia definida e verdadeira de desejo, o poder, a inteligência e a substância do espírito

precisam fluir para ela e produzi-la. Não são estes os tesouros no céu que não contemplamos? Aqui, no que não tem forma, jazem tesouros infinitos, escondidos dentro de nós mesmos. Como isto é claro para quem encontrou a pérola! Depois, pensem: 'Procura primeiro o Reino de Deus e a sua justiça e todas as coisas te serão acrescentadas.' A razão por que elas são acrescentadas é porque são feitas da mesma essência do Espírito. A consciência precisa encontrar primeiro o Espírito antes de poder formar a coisa desejada.

"Quem está acordado percebe o princípio da criação no seu interior; depois ele vê, a sua compreensão é a oportunidade da sua vida. Ele tem uma visão ou se dá conta de suas possibilidades ou das possibilidades que estão à sua frente. Com o conhecimento de que o poder de criar está dentro dele, lembra-se do desejo do seu coração; isso se torna um ideal, ou molde, que atrai poder e substância para encher o molde. EU VEJO é a concepção da alma; é a Terra Prometida, o sonho realizado, para o qual a alma pode olhar com fé. Embora talvez ainda não seja possuído conscientemente, precisa apresentar-se em forma visível ao cumprir a lei. Pode ser que seja preciso enfrentar e superar uma selva de experiências. Isso torna a mente digna da reparação. Entrevendo a visão como uma Terra da Promissão, um ideal que tem de ser compreendido ou tomar-se real, a alma agora vê apenas o bem, o objeto do seu desejo. Aqui não pode haver dúvida, nem vacilação, nem hesitação, pois isso seria fatal. É preciso ser fiel à visão e continuar energeticamente. A visão é típica e tão necessária quanto os planos e especificações fornecidos pelo arquiteto. Tudo, exceto a verdade, precisa ser eliminado.

"Todas as grandes almas são fiéis à sua visão. Tudo o que é produzido foi primeiro uma visão, a semente de uma idéia plantada na alma, a que depois se permitiu expandir-se e apresentar-se. Essas almas nunca permitem que a descrença dos outros influa sobre elas. Estão dispostas a fazer sacrifícios pela sua visão, são fiéis a ela, acreditam nela e tudo para elas é como acreditam. Jesus permaneceu fiel à sua visão e nela se firmou. Aderiu ao Seu plano, até quando os que Lhe estavam mais próximos ou Lhe eram mais caros se mostraram descrentes e infiéis. Era dentro dEle que Ele acreditava e o mesmo aconteceu dentro de todos.

"Quando o indivíduo parte para a Terra Prometida, precisa abandonar e esquecer a terra da escuridão. Precisa deixar a escuridão e partir para a luz. É impossível ir e ficar ao mesmo tempo. É mister renunciar ao velho e aderir ao novo. Cumpre-lhe esquecer as coisas que não quer recordar e lembrar-se apenas das que deseja reter. Umas são tão essenciais quanto as outras. Só a visão deve ser lembrada se ele quiser vê-la realizada. Ele necessita lembrar-se conservando na mente a visão que deseja reproduzir. Tem de esquecer ou recusar-se a recordar a coisa que não deseja reproduzir. Cada idéia, cada pensamento, cada palavra ou cada ato precisam ser fiéis à visão a fim de produzi-la. Essa é a verdadeira concentração, a concentração da devoção, a centralização das forças no essencial. Isto é amar o ideal. Somente através do amor que se pode dar expressão a um ideal. O amor faz que o ideal se mude no real.

"Se a princípio falhar, ele terá de ser determinado e continuar com energia. Este é o exercício da vontade, o grito da autoconfiança, a expressão da fé que dirige o poder para o ideal. Esse ideal nunca poderia ser alcançado sem essa direção consciente do poder, sem esse exercício da vontade; e, no entanto, seria fatal ao ideal se a vontade também não fosse ideal. A vontade precisa possuir a mesma qualidade do ideal que ela serve. Se a vontade não possuir o desejo de servir, o poder que a vontade quer dirigir não pode ser liberado da alma. *A vontade de ser servido vira a corrente da vida contra si mesma. A vontade de servir mantém a corrente da vida fluindo através do eu e mantém o eu em radiação.* Servir dá propósito à visão; libera o amor na vida. Como pode expressar-se o amor, a não ser que

tua através da vida que se expressa? Se fluir através da consciência, o organismo inteiro ...ponderá; ele emociona cada célula com o amor que expressa. O corpo, então, se harmoniza; a alma torna-se radiante; a mente, iluminada; o pensamento, agudo, brilhante, vivo, definido; a palavra, positiva, verdadeira, construtiva; renova-se, purifica-se e ativa-se a ...rne; os negócios são ajustados e todas as coisas assumem sua verdadeira posição. O EU SOU se expressa através do *mim* e já não se permite ao *mim* suprimir o EU SOU. Se o corpo no obedece ao Espírito, como pode expressá-lo? A mente consciente precisa buscar e querer o Espírito para conhecer-lhe o poder. Dessa maneira, o indivíduo aprende a saber que o Espírito é o cumprimento da necessidade. De nenhum outro modo ele pode receber expressão mais alta do que quando lhe é permitido satisfazer à necessidade dos outros. É o fluir para os outros que abre os celeiros do Espírito. É o 'Quero servir' que abre para todos o armazém ilimitado de Deus e traz sua compreensão à alma.

"A alma volta para a casa do Pai assim que se dispõe a servir. O filho pródigo que está servindo torna-se o filho festejado; o servo que se alimenta das cascas secas das frutas tomase o

príncipe de uma casa real, a casa das suas próprias possibilidades. Ele conhece o amor de Deus, entende o presente do Pai e toma-o para si. Ninguém, senão um filho, pode receber esse presente. Nenhum servo, nenhum criado pode entrar na alegria da herança do filho. O servo está sempre buscando alcançar; o filho já herdou tudo o que o Pai tem. Quando sabemos que pertencemos à casa do Pai e que somos herdeiros de tudo o que o Pai tem, podemos começar a viver como o Pai deseja que vivamos. `Vede, somos todos agora Filhos de Deus.' A consciência do Filho causa a realização; a consciência do servo causa a carência. Veremos cada desejo do coração satisfeito pelo Pai assim que representarmos a parte do Filho em pensamento, palavras e ações. Veremos que os Filhos de Deus são livres."

Neste ponto, o homem que falara ergueu-se, desejou-nos uma boa noite e, acrescentando que esperava encontrar-se conosco quando chegássemos às nossas instalações de inverno, partiu.

CAPÍTULO 23

Deixamos a aldeia na manhã seguinte. Por três dias, a trilha passou por uma região montanhosa e agreste, tão escassamente povoada que éramos obrigados a levantar nossas tendas todas as noites. Não tínhamos trazido provisões para a excursão mas, quando os alimentos se faziam necessários, lá estavam eles. Assim que se faziam os aprestos para uma refeição, uma abundância de comida aparecia ao alcance da nossa mão para ser partilhada, e em momento algum a vimos inteiramente consumida; sobrava sempre um restinho.

No entardecer do terceiro dia, chegamos a montante de amplo vale, que teríamos de atravessar para alcançar a aldeia a que nos destinávamos. A partir desse momento, a estrada nos conduziu através de um vale povoado e fértil. Tínhamos escolhido essa aldeia como nosso alojamento de inverno pelo fato de localizar-se no próprio coração da região que visitávamos e achamos que ela nos daria a oportunidade que desejávamos para estar em contato diário com as pessoas por um período de tempo mais longo. Muitas pessoas que tínhamos conhecido nos diferentes lugares que já havíamos visitado moravam nessa aldeia e todas nos tinham feito convites cordiais para visitá-las. Entendemos que, passando o inverno na aldeia, teríamos ampla oportunidade de observar-lhes mais de perto a vida cotidiana.

Chegamos no dia 20 de novembro e fizemos diversas excursões usando a aldeia como ponto de partida, até que a neve caiu e tornou difíceis as viagens. Fomos alojados em aposentos muito confortáveis, as pessoas se mostravam bondosíssimas e nós nos preparamos para entrar na vida da aldeia. Todas as casas se abriram para nós e nos disseram que as portas estavam sempre destrancadas, pois consideravam todos os homens como irmãos.

Nessa ocasião, fomos convidados a partilhar da casa de uma das mulheres notáveis que viviam na aldeia e que já tínhamos conhecido antes. Acharmos que estávamos muito bem e que não era necessário incomodá-la. Ela insistiu em que não seria incômodo nenhum; de modo que nos mudamos para a casa dela com armas e bagagens, e fizemos dela a nossa casa durante o resto da nossa permanência. Nunca me esquecerei da primeira vez em que a vi. Foi numa aldeiazinha perto da fronteira. Quando ela nos foi apresentada, acreditamos que não tivesse um dia sequer além de dezoito anos, e todos a julgamos muito bonita. Qual não foi a nossa surpresa quando nos contaram que ela passara dos quatrocentos anos de idade e era uma das mais amadas das mestras. Toda a sua vida fora dedicada ao trabalho. Quando a conhecemos, estivemos em contato diário com ela por quase duas semanas, mas o seu verdadeiro eu só se revelou quando a vimos em sua própria casa. Depois de viver em sua casa e de estar todos os dias em contato com ela, pudemos ver por que as pessoas a amavam tanto. Era impossível a alguém deixar de amá-la e respeitá-la. Vivemos na casa dessa senhora e comemos à sua mesa desde o final de dezembro até abril. Tivemos ampla oportunidade de observar-lhe a vida dentro do lar e a vida doméstica de uma infinidade de outros nessa aldeia, cuja vida nos pareceu ideal. Quanto mais víamos essa gente tanto mais a amávamos e respeitávamos. Tivemos ensejo de corroborar tudo o que nos tinham dito a respeito de suas idades, por meio de registros que não se podiam contestar, tanto quanto não se podem contestar nossos próprios registros.

CAPÍTULO 24

O tempo continuou assim até o último dia de dezembro, e o ano estava chegando ao fim. Tínhamos notado que certo número de pessoas se estavam congregando para o único evento cerimonial de que os Mestres participavam praticamente sós. Cada dia éramos apresentados a estranhos. Todos falavam inglês e começamos a sentir que fazíamos parte da vida da aldeia. Num belo dia, nos contaram que o evento ocorreria na Véspera do Ano-Novo e fomos convidados a presenciá-lo. Disseram-nos também que, embora o evento não se destinasse a estranhos, não era uma reunião secreta, visto, aliás, que nenhuma das suas reuniões era secreta. A assembléia destinava-se aos que haviam começado o trabalho, tinham-se votado a ele a sério e já tinham ido suficientemente longe para compreender que queriam viver a vida; aos que tinham aceitado a consciência mais alta e compreendiam o que isso significava em suas vidas. Alguns lhe chamavam a "Festa da Páscoa dos Judeus". Essas reuniões geralmente se realizavam em algum local estabelecido nessa época do ano e aquele lugar fora escolhido para a ocasião nesse ano.

A manhã do dia indicado para a assembléia raiou brilhante e clara, com o indicador de mercúrio bem abaixo de zero. Ela encontrou-nos a todos ansiosos, pois entendíamos que aquela noite seria acrescentada às muitas experiências interessantes da viagem. Chegamos ao lugar aprazado às oito horas da noite e ali encontramos cerca de duzentas pessoeunidas. A sala, iluminada do mesmo jeito que o já mencionado, era muito bonita. Contaram-nos que a bela jovem que pouco antes havia sido nossa anfitriã se incumbiria dos serviços. Momentos após estarmos todos sentados, ela entrou na sala e todos nos maravilhamos da sua juventude e formosura. Trajava um lindo vestido branco, mas sem nenhuma tentativa de ostentação.

riá as .anos ao lugar aprazado às oito horas da noite e ali encontramos cerca de duzentas pessoeunidas. A sala, iluminada do mesmo jeito que o já mencionado, era muito bonita. Contaram-nos que a bela jovem que pouco antes havia sido nossa anfitriã se incumbiria dos serviços. Momentos após estarmos todos sentados, ela entrou na sala e todos nos maravilhamos da sua juventude e formosura. Trajava um lindo vestido branco, mas sem nenhuma tentativa de ostentação.

Endereçou-se calmamente à pequena plataforma e deu início à palestra: "Estamos reunidos aqui nesta

noite com o desejo de entrar no sentido mais pleno da passagem de uma consciência inferior para uma consciência superior, e damos as boas-vindas àqueles dentre os senhores que estão preparados para isso. A princípio, os senhores nos acompanharam, conduzidos pelo seu interesse pelas coisas que nos viram realizar e que, de início, consideraram com temor respeitoso e admiração, julgando-as maravilhosas. Sabemos que, a esta altura, aprenderam a considerar tais coisas como ocorrências cotidianas de uma vida vivida como ela deve ser vivida, uma vida cotidiana natural que Deus queria que todos vivêssemos em todos os momentos. Agora estão sabendo que não realizamos prodígio algum. Compreendem o verdadeiro sentido espiritual do que estão fazendo. A consciência que funciona desde o plano espiritual sempre interpreta todas as formas em termos do ideal subjacente a elas; em seguida, revela-se o grande significado interior, e não há mistério e, conseqüentemente, nem prodígio nem milagre. O passar de uma consciência inferior para uma superior significa pôr de lado o material, onde tudo é discórdia e desarmonia, e tomar e aceitar a Consciência do Cristo, em que tudo é beleza, harmonia e perfeição. Essa é a maneira natural de viver, a maneira que Deus nos vê vivendo e a maneira tão belamente exemplificada por Jesus aqui na terra. A outra é a maneira desnaturai, a maneira do eu, a maneira difícil. Quando a compreendemos, é tão fácil, tão natural viver a vida do Cristo! Entramos então na Consciência do Cristo.

"Temos mesas postas. Esta é a única ocasião em que nos congregamos para um banquete. Não um banquete como podem pensar os que estão na consciência mortal. Mas um banquete de compreensão e de consecução, que simboliza a passagem da consciência mortal para a Consciência do Cristo, e tão mal interpretada hoje em todo o mundo. Acreditamos que todos os filhos de Deus se sentarão à mesa de um banquete assim, algum dia, com a verdadeira compreensão do seu significado.

"Teremos entre nós, esta noite, alguns dos que tanto aperfeiçoaram seus corpos que são capazes de levá-los a todos os Reinos Celestes e ali receber os mais altos ensinamentos. Todos eles viveram aqui algum tempo em forma visível, depois passaram, levando seus corpos consigo, a um lugar na consciência onde não são visíveis a olhos mortais; e precisamos erguer a nossa consciência para a Consciência do Cristo a fim de conversar com eles. Mas os que aperfeiçoaram tanto o próprio corpo que podem levá-lo a esse Reino Celeste, podem aproximar-se e afastar-se de nós à vontade. Eles são capazes de vir e instruir todos os que forem receptivos ao seu ensino e aparecer e desaparecer a seu talento. Vêm e nos ensinam quando estamos prontos para receber instrução, às vezes intuitivamente e, às vezes, por contato pessoal. Cinco dentre eles partirão o pão conosco esta noite. Entre os cinco, há uma especialmente amada por nós, visto ser a mãe de um dos nossos e ter morado entre nós. (Era a mãe de Emil.) Agora nos juntaremos em torno das mesas."

As luzes perderam a intensidade por um momento e todos se sentaram perfeitamente tranqüilos com a cabeça inclinada. Em seguida, as luzes voltaram e os cinco apareceram na sala, três homens e duas mulheres. Estavam todos vestidos de branco e eram radiantemente belos, com um suave halo de luz em torno de cada um. Adiantaram-se calmamente e cada qual ocupou um lugar deixado vago à cabeceira de cada mesa. A mãe

de Emil ocupou o lugar à cabeceira da nossa mesa, com o nosso Chefe à sua direita e Emil à esquerda. Depois que os cinco se sentaram, os comestíveis começaram a chegar. Era uma refeição simples de vegetais, pão, frutas e nozes, mas muito saborosa. As palestras que se seguiram resumiram-se principalmente em instruções aos que se tinham reunido para a ocasião. Dadas na língua nativa, eram traduzidas por Jast. Não incluirei essas palestras, mesmo porque a maior parte delas já foi transmitida.

A mãe de Emil, a última a falar, usou um inglês perfeito e sua fala era clara e concisa. Foram estas as suas palavras: "Todos os dias empregamos forças, de que o homem no conceito mortal se ri. Nós, que temos o privilégio de vê-las e usá-las, estamos fazendo tudo o que podemos para que os homens vejam e conheçam o que estão mantendo fora de suas vidas pelas idéias que fazem das coisas perfeitas que estão ao seu alcance, já prontas e à espera de serem tomadas. Logo que são tomadas, ou que o homem se apropria delas, essas forças serão muito mais reais e vivas do que as coisas a que o homem se aferra tão desesperadamente no mortal - aferra-se a elas porque elas podem ser vistas, ouvidas e manejadas ou contactadas através dos sentidos mortais limitados. Os senhores notarão que todas as nossas comodidades nesta sala e as que estão ocupando, como a luz e o calor, e até as coisas que comeram, são preparadas por uma das nossas forças. Os senhores podem chamar-lhes raios de luz ou o que quiserem. Vemo-los como um grande poder ou força universal, que, contactada pelo homem, trabalhará para ele muito mais efetivamente do que o vapor, a eletricidade, a gasolina ou o carvão; entretanto, nós lhe chamamos uma das menores dentre as forças ou poderes.

"Essa força não somente fornecerá toda a energia de que o homem necessita, mas também lhe fornecerá calor para todas as suas necessidades, em todos os momentos e em todos os lugares, sem o consumo de uma libra sequer de combustível de qualquer espécie. Essa força é perfeitamente silenciosa; e se o homem a contactar e usar, silenciará grande parte do ruído e da confusão que hoje parecem inevitáveis. Esse poder está bem ao alcance dos senhores, esperando que o homem o contate e use. Quando ele contactar e usar essa força, ela será muito mais simples do que o vapor ou a eletricidade. Quando for capaz de fazê-lo, o homem verá que todos os modos de energia e locomoção que inventou não passam de soluções de ocasião que ele produziu em seu próprio conceito mortal. Ele supôs tê-los produzido; mas, desse modo, produziu apenas o que pôde contactar com os sentidos mortais. Produziu coisas imperfeitas; ao passo que, se o homem visse que tudo é de Deus e provém de Deus, que se expressa através dele, todas as coisas que produzisse seriam perfeitas. Tendo livre-arbítrio, o homem escolheu o caminho difícil; e em vez de compreender sua Filiação com Deus, e usar tudo o que Deus tem, prosseguirá no caminho difícil até ser levado a compreender que deve haver, e realmente há, um caminho melhor. Finalmente, conhecerá que o caminho de Deus é o único caminho. E expressará, então, a perfeição que Deus o vê expressando agora.

"Não vêem os senhores como devem girar em torno do Pai, obtendo dele todo o bem que possuem; e como cada força da natureza deve operar a partir do Eu divino? No início de toda expressão está Deus, o Pai, dentro dela; de outro modo, Deus não poderia ser manifestado nem revelado."

Neste ponto, um do nosso grupo perguntou que energia ou força nossos pensamentos e palavras tinham sobre nossas vidas. Ela estendeu a mão e, dali a um momento, estava segurando um objetozinho. E disse: "Deixem-me fazer cair esta pedra nesta tigela de água. Como os senhores vêem, as vibrações causadas pelo contato da pedra com a água se irradiam a partir do centro, em círculos cada vez mais amplos, até alcançar a borda da tigela, ou a borda externa da água, onde, para os olhos, parecem perder a força e parar. Na

verdade, o que acontece é o seguinte. Assim que as vibrações atingem os limites da água,

sua jornada de volta ao lugar onde a pedra penetrou na água: e não se demoram Iniciam enquanto não atingem o centro. Isso representa exatamente cada pensamento ou palavra que pensamos ou dizemos. O pensamento ou a palavra põem em movimento certas vibrações que saem e prosseguem em círculos cada vez mais largos...até abranger o universo. Aí, então, regressam como se foram para junto de quem os emitiu. Cada pensamento ou palavra que pensamos ou falamos, bons ou maus, voltam para nós tão certamente quanto nós os expedimos. Este retorno é o Dia do Julgamento de que fala a Bíblia dos senhores. Todo dia será um dia de julgamento. O julgamento será bom ou mau, exatamente como a palavra ou pensamento expedidos são bons ou maus. Cada idéia (pensamento ou palavra) torna-se uma semente: a idéia seminal e proietada, plantada na alma (mantida na mente), torna-se uma concepção que mais tarde será produzida ou expressa em forma física. Pensamentos ou idéias de perfeição produzem perfeição: pensamentos ou idéias de imperfeição produzem imperfeição.

"O sol e a terra combinados produzirão, com a mesma boa vontade, a majestosa figueira ou a menor das flores, se a semente for plantada. Dessa maneira, a Alma e o Espírito respondem ao chamado do homem; e o que ele pedir, por meio da palavra ou do pensamento, receberá. A única coisa que tem separado o homem do céu é uma névoa de pensamento material, que o homem criou em torno do céu, e deu origem ao misterioso que cerca todas as coisas divinas. Esse véu de mistério está sendo puxado de lado e descobriuse que não há mistério. Os que fundaram suas organizações eclesiásticas acharam conveniente rodear as coisas

divinas de mistério, imaginando ter um domínio maior sobre as pessoas. Mas todos estão agora verificando que as coisas profundas de Deus são as coisas reais e simples da vida. A não ser assim, para que servem elas? Todos estão percebendo que a igreja apenas prefigura a Consciência do Cristo no homem, o centro divino da humanidade. Estão percebendo o ideal em lugar de adorar o ídolo, construído pelo pensamento mortal. Olhem para o grande número de organizações heterodoxas que estão crescendo em todas as terras. Se bem estejam plenamente diversificadas agora, destinam-se a conduzir à única. Não se produziu essa coisa única para trazer as igrejas à verdadeira compreensão?

"Nós, que aperfeiçoamos de tal modo nossos corpos que somos capazes de levá-los aonde quisermos, temos o privilégio de ver o que se chama o Reino Celeste e de estar nele. Esse reino é conhecido por muitos como o Sétimo Céu. Julga-se que é o próprio mistério dos mistérios. Isto, mais uma vez, é onde o homem em pensamento mortal errou. Não é mistério; apenas chegamos a um lugar na consciência onde somos capazes de receber os mais altos ensinamentos, o lugar onde hoje está Jesus, um lugar na consciência onde sabemos que, desfazendo-nos da mortalidade, somos capazes de assumir a imortalidade; onde sabemos que o homem é imortal, sem pecado, sem morte, imutável, eterno, assim como Deus é, como Deus vê o homem. Um lugar onde conhecemos o verdadeiro significado da Transfiguração; onde somos capazes de comungar com Deus e vê-Lo face a face. Um lugar onde sabemos que todos podem vir, e receber, e ser como somos. Sabemos que daqui a pouco tempo, a consciência de todos será elevada ao plano no qual poderemos falar com eles face a face, e vê-los com o olho no olho. Nosso afastamento da vista dele é apenas o elevar-se da nossa consciência acima da do mortal e, assim, nos tornamos invisíveis apenas para os que estão na consciência mortal.

"Temos de considerar três eventos. Um que aconteceu há muito tempo, aquele que tipifica para os senhores o nascimento da Consciência do Cristo no homem, o nascimento do Infante Jesus. Depois o que vemos chegando quando a sua grande nação aceitar

compreender a Consciência do Cristo. Depois gostamos de voltar-nos para o terceiro e último, o maior de todos os esplendores, a segunda e última vinda do Cristo, quando todo conhecerem e aceitarem o Cristo em seu interior, e viverem e se desvelarem em sua coe.. ciência e crescerem como crescem os lírios. Esta é a Reparação."

Quando ela terminou, o coro invisível principiou a cantar. A sala, a princípio, encheu-se de música que terminou num solene hino fúnebre. Em seguida, fez-se silêncio po, um momento e o coro começou mais uma vez a cantar com uma alegre explosão de músi, ca, em que cada compasso terminava num estrondo, como o badalar de um grande sin,, Isso continuou até soar a décima segunda badalada, e nós, de repente, compreendem,, que era meia-noite e que o Ano Novo começara.

Assim terminou nosso primeiro ano com essa gente maravilhosa.

ADENDO

AO apresentar estas notas de experiências com os Mestres, desejo enfatizar minha crença pessoal nos poderes desses Mestres e na sua demonstração de uma grande Lei - uma Lei que precisa carregar uma mensagem profunda para toda a raça humana. Eles provaram de maneira concludente que existe uma Lei que transcende a morte e que toda a humanidade, em sua evolução, caminha lentamente para compreendê-la e usá-la. Dizem os Mestres que essa lei será produzida na América, será dada ao mundo e, então, todos poderão conhecer o caminho que leva à Vida Eterna. Este, proclamam eles, é o desabrochar da Nova Era.

Nenhuma das manifestações a que aludimos nestas notas foram a materialização da sessão espírita ordinária - longe disso. Foi a expressão mais alta tomando o corpo visível e invisível à vontade - uma glorificação e uma espiritualização da carne. Existe uma Lei Divina, e os seres humanos logo a herdarão, tornar-se-ão iluminados e usarão o corpo com compreensão em plena Maestria.

Não há dúvida de que essa gente trouxe a Luz através de longos séculos e provou pela sua vida cotidiana e pelas suas obras que essa Luz existe, como existiu milhares de anos atrás.

Created with an unregistered version of SCP PDF Builder

You can order SCP PDF Builder for only \$19.95USD from
<http://www.scp-solutions.com/order.html>